

EVALDO MENDES DA SILVA

**A PERIODIZAÇÃO DA VIDA E A EXPERIÊNCIA DE HOMENS E MULHERES
NA FAIXA DOS 40 ANOS**

*Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Antropologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da
Professora Dr^a. Guita Grin Debert.*

CAMPINAS

1996



EVALDO MENDES DA SILVA


**A PERIODIZAÇÃO DA VIDA E A EXPERIÊNCIA
DE HOMENS E MULHERES NA FAIXA DOS 40 ANOS**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Antropologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob a orientação da Prof.
Dr.^a. Guita Grin Debert.

Este exemplar corres-
ponde à redação final da
dissertação defendida e
aprovada pela Comissão
Julgadora em.
13/11/96.

Banca:


Prof.^a Dr.^a **Suely Kofes**

Prof.^o Dr.^o **Ruben George Oliven**


Prof.^a Dr.^a **Guita G. Debert**
Orientadora

Novembro de 1996.

UNIDADE	RC
N.º CHAMADA:	Unicamp
Si 38 p	
V. Ex.	
COMBO BC/	2942
PROC.	986197
C <input type="checkbox"/>	D <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	16/02/94
N.º CPD	

CM-00097477-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Silva, Evaldo Mendes da

Si38p

A periodização da vida e a experiência de homens e mulheres na faixa dos 40 anos / Evaldo Mendes da Silva . - - Campinas, SP: [s.n], 1996.

Orientador: Guita Grin Debert.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Homens de meia idade. 2. Mulheres de meia idade. 3. Idade. 4. Trabalho. 5. Família. I. Debert, Guita Grin. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo discutir o modo pelo qual o curso da vida é investido de sentidos por indivíduos na faixa etária dos 40 anos, coorte que testemunhou mudanças importantes no contexto sócio-econômico e cultural brasileiro. Através de metodologia qualitativa - envolvendo a utilização de entrevistas, histórias de vida e observação de comportamentos - o interesse do trabalho é, sobretudo, mostrar como a meia-idade é vivida e concebida por homens e mulheres moradores da cidade de São Lourenço, no sul do Estado de Minas Gerais, que têm diferentes formas de inserção no mercado de trabalho e vivem em tipos de unidades domésticas distintos. A idéia de que esse é o período em que se inicia o declínio da vida caracteriza a percepção que os indivíduos pesquisados têm da meia-idade e aciona um conjunto de comportamentos, valores e atitudes marcados pela busca de autenticidade. Busca que, de maneiras distintas, redefine espaços privilegiados de atuação e concepções sobre idade cronológica, relações de gênero, trabalho, família e lazer, fornecendo elementos para complexificar as reflexões sobre a vida adulta e as etapas em que ela se desdobra na sociedade brasileira contemporânea.

ABSTRACT

This research has as an objective to discuss the way the life-cycle is vested of sense by individuals at the aged of 40 years old, cohort who testified all the importants changes in Economic, Social and cultural Brazilian's contexts. Through the qualitative methodology - involving the use of interview, life histories and behaviour's observations - the interest of this work is essentially to show how the middle aged is lived interpreted by men and women resident in São Lourenço City, South of Minas Gerais State who have differents kinds of relation in the labor market and who live in differents kinds of domestics units. The idea that this is the period where the life decay starts shows how te individuals see the middle age and it operate a combined of behaviours, values and atitudes marked by authenticity. The search in differents ways, redefiny privileged spaces of actuation and conception of chronological age, gender, work, family and recreation, giving component to complex the reflectoin about adult life and the stages where it expands in contemporary brazilian society.

Para Olívia, Margarida, Porfírio, Eliane e Edvaldo, infinitamente amados

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é resultado do apoio de muitas pessoas e instituições que contribuíram para que ele fosse elaborado e conduzido até o final. A elas quero expressar meus agradecimentos.

Ao CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas - agradeço o auxílio financeiro dado através da bolsa de estudos, indispensável à conclusão do curso de mestrado e à realização da pesquisa de campo.

Ao Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - por garantir-me o tempo e as condições necessárias para levar a pesquisa a termo.

À Prefeitura Municipal de São Lourenço, na pessoa do advogado Alcyr Jesus Monteiro de Souza, pelo acesso aos dados e aos endereços de alguns entrevistados.

À Prof. Dra. Guita Grin Debert, por sua orientação criteriosa e enriquecedora, pelo estímulo para que eu seguisse em frente quando atingido pelas dificuldades e o desânimo.

À Sandra Mara Barichello, amiga querida, que por mais de um ano acolheu-me em sua casa em São Lourenço, assistindo-me com todo o necessário para desenvolver a pesquisa, incentivando-me, ouvindo meus lamentos.

Aos colegas e professores do curso de pós-graduação em Antropologia Social da UNICAMP pela vivência, troca de idéias, debates e discussões que foram fundamentais na minha formação.

Aos que estiveram do meu lado nessa longa trajetória, em especial Marcos Antônio de Moraes, amigo inseparável, companheiro de todas as horas. À Carlos Rosolém, Carlos Grezzi Filho, Jin Young Oh, Alicia Ferreira Gonçalves, Nestor André Kaercher, Cleusa Gomes da Silva, Alexandre Ferrari Soares, Juçara Leite, Gérson Pereira, Clari Elizabeth Toeli Martins e Neyde Fabíola Giarola Balarezo. A todos o meu muito obrigado.

Aos entrevistados, que permitiram que eu devassasse suas vidas, invadissem suas casas e tomassem seu tempo. Aos que me auxiliaram no contato com os entrevistados, fornecendo endereços, facilitando a aproximação. Sem a colaboração deles nada disso poderia ter sido elaborado.

"Era uma época ruim para ser jovem: havia um modo de se vestir para cada idade, mas o modo da velhice começava pouco depois da adolescência, e durava até a tumba. Era, mais que uma idade, uma dignidade social. Os jovens se vestiam como seus avós, se faziam mais respeitáveis com óculos prematuros, e a bengala era muito bem vista a partir dos trinta anos. Para as mulheres só havia duas idades: a de casar, que não ia além dos vinte e dois anos, e a idade de ser solteiras eternas: as esquecidas. As outras, as casadas, as mães, as viúvas, as avós, eram uma espécie diferente que não contava a idade em relação aos anos vividos, e sim em relação ao tempo que ainda faltava para morrerem". G.G. Marques

SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 TRAJETÓRIAS DE VIDA	16
CAPÍTULO 2 A CRONOLOGIZAÇÃO DA VIDA E A EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA	35
2.1. As idades cronológica e a vida social moderna	36
2.2. O individualismo como suporte cultural	39
2.3. A reconstrução da meia-idade	42
CAPÍTULO 3 UNIVERSO PESQUISADO E PROCEDIMENTOS ADOTADOS .	50
CAPÍTULO 4 O TEMPO CRONOLÓGICO E O TEMPO VIVIDO	59
4.1. O susto dos 40	59
4.2. O declínio do corpo e o acúmulo de sabedorias.....	64
4.3. Eu e os outros	73
4.4. Eu sou mais eu	76
4.5. Por um sentido mais profundo da vida	80
CAPÍTULO 5 HOMENS INSEGUROS, MULHERES VAIDOSAS	84
CAPÍTULO 6 DISSOLVENDO O BINARISMO DAS OPOSIÇÕES HOMENS E MULHERES	88
CAPÍTULO 7 MARCOS PERIODIZADORES DA VIDA	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
ANEXOS	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

INTRODUÇÃO

Em toda sociedade o tempo que transcorre entre o nascimento e a morte de um indivíduo - o seu ciclo da vida - é recortado por etapas ou fases. Cada uma delas, codificadas por normas e comportamentos tidos como adequados à realização de determinadas atividades, definem formas específicas de relação e de intervenção dos indivíduos no mundo que os cerca. Do ponto de vista da antropologia, falar sobre as formas de periodização da vida, é mostrar como o ciclo biológico é investido culturalmente e elaborado simbolicamente com rituais, marcando fronteiras entre idades pelas quais os indivíduos passam.

Os estágios da vida não são necessariamente os mesmos em todas as sociedades, e podem mudar ao longo da história. Por isso, Bourdieu (1983), no texto "*A juventude é apenas uma palavra*", mostra que é um reflexo profissional do sociólogo, ao tratar das divisões por idade, lembrar que elas são criações arbitrárias.

O pressuposto desta pesquisa é que, por essas razões, a forma pela qual a vida é periodizada é um material privilegiado para dar conta de mudanças culturais. Para isso, investiguei um grupo de homens e mulheres residentes na cidade de São Lourenço, sul do estado de Minas Gerais, com idades entre 38 e 49 anos. Todos do grupo estão de alguma forma, inseridos no mercado de trabalho e vivendo em diferentes tipos de unidades domésticas.

Através de uma metodologia qualitativa - envolvendo histórias de vida, entrevistas em profundidade e observação de comportamentos em situações específicas - interessou-me saber

como eles vivenciam e interpretam o avanço da idade, como periodizam o curso da vida, quais as características dos marcadores que separam uma etapa da vida das outras, como cada uma delas é definida, e, quais os comportamentos tidos como a elas adequados.

O interesse em analisar os indivíduos nessa faixa etária prendeu-se a duas razões principais: em primeiro lugar, foi a geração que testemunhou o conjunto de transformações ocorridas nas últimas décadas na sociedade brasileira. Essas transformações são pensadas como propiciadoras de mudanças fundamentais nas relações entre os gêneros, como por exemplo, o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, a democratização do acesso aos meios de comunicação de massa e às formas de contracepção.

Interessou-me, portanto, entender o significado que tais alterações têm para essa geração e como ela redefine as práticas cotidianas, sobretudo em relação ao trabalho, vida familiar, formas de lazer e outros tipos de sociabilidade. Em segundo lugar, a sensibilidade em relação a essa faixa etária, convencionalmente chamada de "meia-idade", tem passado por um processo de transformação. Uma linguagem pública tem se empenhado cada vez mais em estabelecer uma série de estágios intermediários que caracterizariam o envelhecimento individual, desestabilizando expectativas e imagens culturais tradicionais, associadas a homens e mulheres nessa etapa da vida.

A idéia de "meia-idade", como um interlúdio maduro entre a jovem idade adulta e a velhice, tende cada vez mais a ser substituída por um ideal de meia-idade prolongada e ativa, que tem mais a ver com a juventude do que com o envelhecimento. Trata-se, portanto, de um setor que não apenas testemunhou mudanças sociais importantes nas relações entre os gêneros, na vida familiar e no mundo do trabalho, mas que também é interpelado para criar formas e estilos de vida inovadores, no momento em que poderia abandonar sua ocupação e, no caso das mulheres, quando encerra a capacidade de reprodução biológica. É, assim, um setor estratégico, mas pouco estudado do ponto de vista antropológico, quando se pretende analisar as mudanças ocorridas na experiência contemporânea. A disciplina tem privilegiado o

estudo dos jovens e, mais recentemente, dos idosos, quando quer focar essas transformações.

Este trabalho está voltado para a análise do modo como esses processos de mudança de caráter mais geral são percebidos e vividos pelos atores neles envolvidos. Parti do pressuposto de que eles não são percebidos e vividos da mesma forma pelos diferentes grupos sociais, ainda quando na mesma faixa etária. É essa heterogeneidade que interessou-me recuperar, atentando para os mecanismos pelos quais grupos específicos interpretam e organizam suas vidas, ante a processos homogeneizadores globais.

A diversidade de experiências sociais que caracteriza o grupo de entrevistados resultou num trabalho que, ora aponta para a construção da passagem do tempo e a identificação de mudanças que têm como base o avanço da idade cronológica, ora para sua desconstrução, que levou a uma revisão dos padrões de comportamentos tidos como adequados para diferentes faixas etárias. Ao longo de todo o trabalho o leitor vai se deparar com essa ambigüidade e aparente contradição.

Desde o início da pesquisa a preocupação foi de privilegiar os investimentos simbólicos em torno da faixa dos 40 anos, tendo como foco as experiências sociais dos sujeitos pesquisados. Não importava descobrir se a periodização cronológica da vida é mais ou menos "eficiente" do que outras formas de periodização. Interessou-me a elaboração simbólica a partir da experiência social dos entrevistados. O resultado foi a verificação de que os diferentes modos de marcar o tempo podem ser acionados, sem a preponderância de um sobre outros.

Houve momentos em que a datação cronológica foi reivindicada como um legítimo referencial. Por exemplo, quando estava em questão a "maturidade", "a experiência", a "sabedoria", o "conhecimento da vida", os 40 anos se transformavam num troféu de conquista. Mas quando o assunto era a juventude a idade não tinha a menor importância, "porque depende da cabeça de cada um". A partir daí, outros marcos periodizadores são acionados

para descrever o curso da vida.

No primeiro capítulo, com o objetivo de familiarizar o leitor com o universo pesquisado, apresento em destaque quatro histórias de vida. O contato com esses entrevistados complexificou o conjunto de questões que inicialmente me preocupava, quando ainda elaborava o projeto desta pesquisa. Neste capítulo a ênfase recai sobre a diversidade de experiências dos sujeitos e os diferentes modos de periodização da vida. Procuo expressar não só a heterogeneidade, mas também a ambigüidade e a coexistência de diversos princípios periodizadores.

No segundo capítulo, com base em referências bibliográficas, focalizo alguns problemas que cercam a questão da cronologização da vida, curso da vida e da meia-idade. O destaque é para a necessidade de uma "visão integradora do processo da vida", onde as construções sociais são relativizadas em função dos projetos e experiências vividas.

No terceiro capítulo exponho os instrumentais teóricos e metodológicos que guiaram a pesquisa e delimito o universo pesquisado.

No quarto capítulo estabeleço uma correlação entre as experiências sociais dos entrevistados e os investimentos simbólicos dados à faixa dos 40 anos. A perspectiva de "declínio da vida", ancorada no tempo cronológico, provoca uma dissociação entre cronologia e tempo vivido. Entretanto, no nível da experiência dos entrevistados, os dois vetores de tempo aparecem integrados e coesos, dando um sentido próprio ao curso da vida.

No quinto capítulo estabeleço um contraste entre as experiências sociais masculinas e femininas. As mulheres falam como a faixa dos 40 anos é vivenciada pelos homens, e os homens, da mesma maneira, falam das experiências das mulheres da mesma faixa.

No sexto capítulo abordo algumas questões observadas em situações concretas. Descrevo formas de lazer e de sociabilidade dos entrevistados, num meio mais amplo no qual estão inseridos.

No sétimo capítulo destaco a integração que existe entre os relatos individuais das

trajetórias de vida e a periodização do curso da vida. Com essa correlação foi possível perceber como os entrevistados organizam o curso da vida e dão sentido as suas experiências contemporâneas.

Em suma, ao longo do trabalho destaquei três eixos básicos para a interpretação do material. Primeiro, a heterogeneidade do meio sócio-cultural. Segundo, a recorrência de valores comuns aos diferentes modos de inserção social e ao gênero. Terceiro, a experiência social individual e o modo como o entrevistado lida em situações concretas, num ambiente social complexo.

CAPÍTULO 1

TRAJETÓRIAS DE VIDA¹

"A vantagem de ter quarenta anos é que a gente descobre que não precisa provar nada pra ninguém. A maturidade, a segurança, nos dão a certeza de que estamos no caminho certo, mesmo que o mundo inteiro diga o contrário".

(Lúcia)

Lúcia tinha acabado de atuar como defensora pública num caso de latrocínio e ainda recebia os cumprimentos dos presentes, quando me aproximei. Havíamos combinado nosso encontro em frente ao Fórum e dali seguiríamos para o seu escritório. Estava mais de duas horas atrasada. Quando finalmente chegou, seu rosto mostrava cansaço, mas ao mesmo tempo o contentamento de quem saiu-se muito bem, mais uma vez. Já havíamos conversado antes, mas naquele dia combinamos gravar nossa conversa.

Logo que me viu apressou-se em dispersar o grupo ao redor e, para não perdemos mais tempo, sugeri que conversássemos na sala da promotoria de justiça que nos foi gentilmente cedida. Ali não seríamos incomodados.

Sempre bem vestida, nesse dia Lúcia trajava uma pantalon colorida, blusa de seda branca com mangas curtas e decote discreto. Enquanto eu procurava um local ideal para

¹ Os nomes de todos os entrevistados foram substituídos por nomes fictícios.

posicionar o gravador, ela retocava o batom e ajeitava com as pontas dos dedos os cabelos tingidos de castanho e cacheados. Seu gosto por jóias de ouro podia ser percebido pelos anéis, colar e pulseiras que exibia.

Meu primeiro contato com a advogada Lúcia foi através do juiz Paulo, amigo de minha família, também entrevistado. No início foi muito difícil conseguir um horário para conversarmos. Durante a semana era seu trabalho, nos finais de semana queria descansar, estudar algum processo, passear com a família ... Pensei em desistir, mas ela sempre telefonava e marcava um novo horário. Senti que queria contribuir com a pesquisa, porque havíamos conversado rapidamente algumas vezes e ela mostrou-se interessada no assunto. Afinal, suas "desculpas" pareciam tão sinceras que sempre me convenciam a esperar.

Lúcia é advogada e tem 41 anos. É casada e tem dois filhos, um de 12 e outro de 14 anos. O marido tem 43 anos e trabalha como corretor de imóveis. Mas já foi bancário e comerciante. Tem o segundo grau completo. São 15 anos de casamento.

Ela nasceu em Soledade de Minas, um município vizinho de São Lourenço. Aos 15 anos mudou-se com a família para São Lourenço, onde cursou o segundo grau. Aos 20 anos conseguiu emprego na EMBRAER, em São José dos Campos, São Paulo. Morou lá por 4 anos, sozinha, onde formou-se em direito.

Os pais, de origem libanesa, têm um sítio em Soledade, onde passam a maior parte do ano, mas sempre viveram do comércio (tinham uma loja de tecidos). Atualmente estão aposentados. Lúcia é a terceira de quatro filhos, todos homens.

A família sempre trabalhou muito unida e embora não tenham enriquecido, os pais ofereceram aos filhos as possibilidades de estudar fora e escolher a profissão que quisessem.

Dos primeiros anos de vida guarda boas lembranças: a alegria da família ao comprar o primeiro televisor, quando ela tinha 15 anos; a missa de domingo, que a mãe obrigava os filhos assistir, mesmo que rezada em latim; as brincadeiras de menino que ela gostava muito mais do que as bonecas; o primeiro namoradinho, aos 13 anos, quando ela nem sabia o que devia fazer

com ele:

"Naquele tempo a virgindade da mulher era um valor que tinha de ser seguido. Mas agora tudo é tão diferente. As crianças hoje em dia sabem de tudo. Hoje os filhos sabem de tudo, contestam, respondem, não aceitam o que você fala. Você tem que dar explicação do porquê você está querendo que eles façam desse jeito".

Os dois filhos estudam de manhã numa escola particular católica. O marido, quando sai para trabalhar, deixa os meninos na escola, trazendo de volta na hora do almoço. A família tem empregada doméstica em tempo integral. Mas nos finais de semana *"sempre sobra alguma coisinha, pregar um botão, arrumar uma gaveta, fazer uma sobremesa, dar uma caprichada na limpeza do banheiro e da cozinha ..."*

Lúcia só vai ao escritório de advocacia na parte da tarde. De manhã fica sozinha em casa e aproveita para estudar os processos judiciais. A tarde atende clientes. A noite costuma descansar, mas ultimamente tem aproveitado o tempo para estudar, afim de prestar concurso público para juiz.

O marido ajuda em algumas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos adolescentes. É, no entanto, sobre o trabalho que Lúcia gosta de falar. Mais do que o dinheiro ou o status que possa ter na cidade, acha que ninguém pode sentir-se realizado cuidando apenas da casa e dos filhos:

" O trabalho gratifica a gente, em termos de realização pessoal. Dá para sentir que você está realizando alguma coisa na vida, sabe? Eu tenho intenção de trabalhar até o último dia que eu puder. Até o último dia da minha vida. Se eu puder morrer no tribunal, é isso o que eu quero".

Como já é bastante conhecida na região poderia, se quisesse, recusar as causas daqueles que não podem remunerar bem o seu trabalho. Mas não é assim que acontece. Pude presenciar em seu escritório o atendimento a pessoas carentes. Muitas vão em busca de orientação jurídica e outras para um "desabafo", devido a uma problema qualquer.

Lúcia afirmou que aceita a solicitação do juiz para atuar como defensora pública, porque é uma oportunidade de ajudar quem não pode pagar advogado. Um advogado nomeado não pode, pela lei, recusar um chamado do juiz. Entretanto, é comum que os

convocados inventem qualquer desculpa para "não perder tempo trabalhando de graça". Mas ela não pensa assim.

Lúcia ama a profissão porque realiza-se nela. Mas houve um período na vida em que abandonou tudo. Foi quando nasceram os filhos. Esse foi o pior período da sua vida. Poucos meses antes de concluir a faculdade ela casou-se e logo em seguida engravidou. Quando voltou a São Lourenço já trouxe o filho recém-nascido. A intenção era ficar cuidando dele por dois anos no máximo e depois abrir o escritório de advocacia. Mas os planos não deram certo. Engravidou novamente e acabou adiando por sete anos o seu projeto profissional. Somente quando os filhos alcançaram a idade escolar foi que ela voltou a trabalhar fora. Recordando aquele período ela comenta:

" Eu comecei a me sentir assim muito diminuída, por que meu marido trabalhava e eu não. Comecei a me sentir horrorosa, entendeu? As vezes me sentia feia, mal arrumada. Antes, quando solteira, eu era nova, sossegada, andava toda arrumada e depois quando tive filhos eu só ficava em casa. (...) Eu acho que principalmente a mulher gosta de se sentir arrumada, bonita, cheirosa, vistosa, e quando você está dentro de casa e não tem maiores interesses, não sai, não trabalha, não tem uma vida social muito intensa, vai ficando assim meio por baixo. Assim é que eu me sentia, por baixo mesmo, foi horrível. E aí eu fui ficando assim me sentindo pouco menos que um verme ...".

Vendo tanto entusiasmo ao falar do seu trabalho, comentei que ela parecia muito feliz e quis saber se isso tinha alguma coisa a ver com a idade.

"Mas é claro que sim. Porque pela idade que cheguei eu sinto que posso dar vazão ao que eu sou, entende? A vantagem de chegar aos 40 é essa. Você não precisa provar nada prá ninguém ... É a vantagem da maturidade, eu sou o que sou e pronto. Eu sei o que eu quero, até aonde eu posso ir, sabe, a idade me deu essa segurança pra vida. E o eu acho que o melhor de tudo é que hoje eu sou dona do meu nariz!"

A idade lhe deu mais segurança mas também lhe deu um grande susto. Antes de completar 40 anos Lúcia nem se preocupava tanto com a idade. Mas quando completou 40 percebeu que o tempo havia passado depressa demais e ela nem tinha se dado conta que estava no "meio da vida". Dali em diante houve uma mudança em sua perspectiva de tempo vivido. Seu desafio maior passou a ser o de como viver o tempo que restava:

"Quando eu completei 40 anos eu senti aquele baque, sabe assim: meu Deus, parece que tudo passou tão depressa que eu nem vi o tempo passar. Não que eu me sentisse velha, não é isso, mas a gente vê que o tempo passou e que muita coisa que a gente deveria ter feito

não fez, que outras a gente tem que fazer ou que outras, adeus, não dá mais. Isso daí me deixou assim meio maluca mesmo sabe?"

Lúcia começou a olhar o seu corpo com outros olhos. A ruguinha discreta no canto dos olhos virou um sinal público de que o seu tempo já ia longe, já estava no meio. Quase tudo em seu corpo "denunciava" a passagem do tempo. A barriguinha flácida, um ou outro fio de cabelo branco, uma pequena indisposição física. Tudo levava a crer que se tratava de uma conspiração de seu corpo contra a sua mente, porque ela nunca havia se sentido tão jovem.

Que o corpo estava envelhecendo era evidente, mas ela própria não se sentia horrível. Os outros poderiam até achá-la fisicamente menos interessante. Mas, "quê importa a opinião dos outros?" "E, quem disse que o corpo é tudo numa pessoa?" Lúcia gosta de ser como é. Disse ter alcançado maturidade suficiente para não ficar preocupada com a opinião dos outros:

"Eu quero ser bonita prá mim em primeiro lugar, entendeu? Eu sempre fui muito vaidosa, sempre me cuidei direitinho. Nunca fui gorda, desleixada. Mas a gente vê que o corpo vai mudando ... mas também eu não posso querer o mesmo corpinho de uma menina de 15 anos. (...) Com o tempo a gente vai aprendendo a se gostar, a não dar bola para o que os outros estão pensando. Essa que é a maturidade dos 40 sabe, você chega num ponto da sua vida que você não precisa mais se auto-afirmar, provar para outros alguma coisa, agradar. Você é você."

(...) Eu posso até estar envelhecendo fisicamente, mas sabe, eu acredito que a velhice é um estado de espírito, não depende da idade, depende da pessoa. Eu conheço velho com espírito de jovem e jovens que são super velhos de cabeça, entendeu?"

- Por que você se sente jovem por dentro Lúcia?

"Oras, porque eu posso realizar ainda muita coisa na vida, por que eu gosto de viver ... Eu acho que o trabalho é muito importante na vida de uma pessoa, sabe. A pessoa que se sente útil, que está fazendo o que ela gosta, a pessoa se sente jovem, pode ter a idade que for. (...) Eu não quero ser uma velha como aquelas de antigamente que ficavam dentro de casa, criavam um monte de filho e depois ainda cuidava dos netos, adoecia e morria. Deus me livre, eu quero manter o mesmo espírito que eu tenho hoje, trabalhando, mantendo a minha independência ... filho cresce e vai embora, e a gente como é que fica?"

Com a "virada dos 40" Lúcia espera poder investir mais em si mesma, principalmente em sua carreira. O "tempo que resta para viver" será muito bem aproveitado para realizar tudo aquilo que ela sonhou para si mas que em função da família, dos filhos, ou "do que os outros

iam pensar", deixou de fazer. A longo prazo ela pensa que daqui uns 15 anos fará uma cirurgia plástica. A curto prazo ela pretende fazer concurso público para juiz ou promotor de justiça. Para isso já vem se preparando sempre que sobra algum tempo.

*"Cada idade da vida serve para nos dizer alguma coisa.
Eu acho que os 40 anos eu me aproximei mais da essência das coisas" (Paulo)*

Meu contato com Paulo foi facilitado porque ele é amigo de minha família desde que chegou em São Lourenço há seis anos. É juiz de direito, tem 44 anos, casado e tem duas filhas, uma de 8 e outra de 5 anos. A esposa é arquiteta e tem 31 anos.

Paulo vive com a família num apartamento alugado, com três quartos, duas salas e uma cozinha. É o maior edifício residencial da cidade, com 15 andares. De cima avista-se toda a área urbana da cidade e as fazendas circundantes.

Por sua sugestão nos encontramos num sábado à tarde, porque teríamos mais tempo para conversar. Ele mesmo recebeu-me à porta, interrompendo o jogo de video-game com as filhas. Pediu que me sentasse no sofá de couro preto da sala de visitas. A esposa, depois de uma rápida aparição, só para dizer um "oi", voltou para o quarto levando as filhas.

Não me lembro de ter visto Paulo usando roupas esportivas se não dentro da própria casa. No Fórum estava sempre de paletó e gravata. Nos tribunais de júri vestia a toga, e nas vezes em que o vi em minha casa estava sempre de "traje social". Nesse dia usava um "training" azul e tênis branco. Cruzou as pernas sobre o sofá, tirou os óculos e começamos a conversar.

Na cidade todos o conhece por "doutor Paulo", tratamento que ele não aprova porque além de *"criar uma distância, parece aquela coisa de gente sisuda e eu não me sinto assim"*.

"Eu me sinto jovem. Não no sentido de que eu sou um garanhão, nada disso. Mas eu tenho o mesmo espírito que eu tinha aos 18 anos de idade, isso não mudou nada. O respeito não vem porque a pessoa é sisuda, vem pela autoridade. Essa idade que colocam, que dizem que a gente tem é bobagem. Eu sinto como se eu tivesse 12 ou 13 anos, a mesma coisa, tá? Evidentemente que eu tenho algumas limitações porque sofri um acidente de moto e perdi os ligamentos da perna direita, então eu não posso correr e nem praticar esportes. Mas isso não é decorrente da idade. Então eu sinto com 12 ou 13 anos. Claro que a gente vê as modificações, mas a idade em si, aquele número que te rotulam, 60, 70, é banalidade, aquilo é para registro seu, certo? Não tenho medo da idade, nem da morte, entendeu? Eu vivo o dia, eu estou vivendo o dia hoje, esse momento, certo? Evidentemente que com as modificações físicas, fisiológicas, vem as modificações psicológicas, mas elas são para melhor, então tem essa vantagem. A idade existe para dizer que tudo vem no tempo certo, apenas para fixar isto, certo? O meu comportamento se identifica mais com pessoas de bem

menos idade. Então, o meu comportamento é de pessoa de menos idade do que realmente eu tenho.

Além de Paulo outro juiz atua na comarca de São Lourenço. Mesmo assim ele reclama que boa parte de seu tempo é consumida pelo trabalho. Mas, sempre foi assim a vida toda:

Mas, *"daqui prá frente muita coisa que eu não pude fazer eu quero fazer"*. E um destas, garantiu Paulo, é "curtir" mais as filhas:

"Eu não tenho horário de trabalho. Eu trabalho de acordo com a quantidade de serviço que eu tiver para fazer. Ontem mesmo eu sai daqui as 8:00 e só voltei as 19 horas, com 30 minutos para o almoço, certo? Não tenho horário fixo, trabalho a medida da necessidade. Varia muito. Com certeza, por dia, são mais de 10 horas. Sempre trabalhei, desde pequeno, nunca parei. Daqui três anos eu me aposento e muita coisa que eu não pude fazer eu pretendo fazer como aposentado. Agora que estou valorizando a aposentadoria, certo? Quero fazer as coisas que não pude fazer até hoje, certo? Quando eu acho um tempinho eu prefiro, por exemplo, ficar com minhas filhas. Eu prefiro ficar com elas do que assistir um filme, ir a uma festa. Eu não gosto de aglomeração de pessoas, aquilo me cansa".

A esposa de Paulo faz seus projetos arquitetônicos em casa mesmo. Um dos quartos foi transformado em escritório de trabalho. Desse modo ela se divide entre o cuidado das filhas e a carreira. Trata-se, segundo Paulo de uma decisão conjunta do casal, até que as filhas fiquem maiores. Mas apresenta também outra razão:

"Aqui na cidade não tem campo para ela, tudo já está saturado. Só sobrevive de arquitetura aqui quem já fez nome. Além disso o pessoal prefere trazer gente de São Paulo, Rio de Janeiro ... mas ela faz os projetos dela de vez em quando, mas sem aquela paranóia de ter que se impor no mercado. É um modo de poder conciliar suas atividades de mãe e arquiteta".

As duas filhas freqüentam a escola no período da manhã. Sua esposa se encarrega de transportá-las todos os dias. A família tem uma empregada em tempo integral que faz todo o serviço da casa, com exceção dos sábados e domingos. Nos finais de semana é a esposa quem toma a frente nos trabalhos domésticos:

"Nós temos uma empregada. Minha mulher divide essa incumbência com a empregada, entendeu? Não tem havido problema até agora. Eu só faço se for preciso, desde que eu não tenha que lavar louça ... eu faço qualquer coisa. Se eu tiver que ir para o fogão não há dúvida que eu pego...".

"Quanto à educação dos filhos nós dividimos, certo? Não sei se seria meio-a-meio, mas nós dividimos, entre eu e minha mulher. Nós damos muita atenção às crianças e fiscalizamos todos os dias. Inclusive, temos por hábito perguntar como as crianças foram na escola todos os dias. Damos apoio, incentivamos. Nem ela faz mais, nem eu a menos. Todos

os problemas que surgem em casa eu consulto a minha mulher e minha mulher consulta a mim. A decisão é sempre comum, não há preponderância entre minha decisão e a de minha mulher. Aqui em casa somos bastante democráticos. Não há absolutamente essa tentativa de um preponderar sobre o outro. Acredito que é por isso que estamos casados há 11 anos. Nós nos conhecemos há 14 anos, e lá em casa é uma tranquilidade porque não há essa tentativa de um querer ser mais do que o outro dentro do lar. Nós dividimos as responsabilidades igualmente, inclusive nas decisões, certo?"

Paulo nasceu numa família de classe média baixa, na cidade de Itapetininga, interior de São Paulo. O pai era fiscal da receita federal, um pouco severo, "mas nunca faltou com suas responsabilidades". Hoje está aposentado. A mãe é dona-de-casa, "mas, apesar disso, nunca foi uma mulher submissa". Vivem com uma filha casada em Itapetininga.

Paulo é o filho mais velho, tem mais duas irmãs. Disciplina, ordem e hierarquia são princípios que nortearam a sua educação em casa e depois, quando entrou na Marinha, aos 16 anos. Mas ele não quer repassar isso às filhas:

Hoje minha filha de oito anos pode sentar-se e fazer parte de muitas conversas de adultos, dá opiniões ... Eu acho isso muito bonito. Na minha época não. Eu não podia absolutamente entrar na conversa de adulto. Quando eu estou conversando com um amigo e minhas filhas entram na conversa eu não as repreendo. Na minha época era diferente, eu era repreendido e, muitas vezes, chegava até a apanhar por isso".

Decidido a fazer carreira nas forças armadas, aos 18 anos mudou-se sozinho para São Paulo e entrou para a polícia militar. Foi soldado e tenente. Enquanto isso cursava a faculdade de direito.

Paulo considera que esse período foi muito importante para o seu desenvolvimento adulto, porque ali alcançou a "maturidade". A diversidade de experiências vividas naquele período o "preparou para vida". Esse período alongou-se até os 33 anos.

"Eu posso lhe garantir que a fase da minha juventude foi a mais bonita. Procurei aproveitar o máximo, certo? Aproveitei muito, vivi muito, trabalhei muito. Por que nesse período eu conheci praticamente todo tipo de pessoa, eu procurava tirar para mim o exemplo melhor. Dentro de casa já viu né? É aquela coisa, a gente não cresce tanto, porque sabe que tem o pai e mãe ali para te ajudar. Depois, outra, em casa os pais controlavam a gente, mandava mesmo, então não tinha novidade, era uma rotina. Naquela época eu não tinha responsabilidade que eu tenho hoje de pegar uma coisa e continuar, tanto que eu parei no segundo ano da faculdade de administração de empresas, depois fui fazer direito. Sempre tive responsabilidade, vivia com livros, mas sábado e domingo, essas noites eram sagradas, não fazia nada a não ser me divertir. Namorava muito ... eu era muito mulherengo, namorei muito, bebi muita cerveja, me diverti muito. Foi uma fase que eu aprendi a tocar violão, fazíamos serenata com frequência. Conheci muitas pessoas novas, participei de peças de

teatro. Foi um negócio maravilhoso para mim. Foi uma fase linda, conheci pessoas maravilhosas, consegui arregimentar muitos conhecimentos, conheci pessoas do mundo artístico. Foi uma fase que nunca vou esquecer. Foi nessa época que eu comecei a definir o que eu queria, essa época foi fundamental para mim. Foi uma fase maravilhosa porque lá (na academia militar) havia um ditado assim, quando você tinha uma dificuldade, o seu comandante falava assim: se vira velho! Então tinha que se virar mesmo, entendeu? E em razão disso diante das dificuldades que me apresentavam, você tinha que se virar e procurar a solução, e achar a solução!"

Depois de formar-se em Direito, resolveu desistir da carreira militar. Na polícia o trabalho era estressante e perigoso, e não exigia leitura, livros, conhecimentos. Tentou um concurso no Ministério Público de Minas Gerais e foi aprovado. Trabalhou em diversas cidades do interior do estado. Nesse período conheceu a atual esposa e se casaram. Depois foi aprovado noutro concurso para juiz e desde então fixou-se em São Lourenço.

Por ter se casado muito tarde, Paulo acha que teve sua "juventude esticada" por isso nunca parou para pensar "que um dia teria que morrer". Aos 40 anos ele acha que entrou numa outra fase. A perspectiva de fim, de declínio da vida, de morte, deixou-o mais introspectivo, mais "voltado para a essência das coisas":

(...) Eu não sou mais um menino, né Evaldo! A gente nessa idade começa se preocupar com algumas coisas mais profundas. Acho que é isso, entende? Sei lá, por exemplo, as vezes eu vou numa festa e fico olhando aquele monte de gente ... sei lá, aquilo lá não me atrai mais. Você acha que eu vou perder tempo com besteira? Claro que se fosse antigamente eu ia encher a cara, dançar e tal, mas hoje eu não dou valor a essas coisas. Nada contra, mas para mim não serve mais. Eu acho que a vida é mais do que isso, daquela superficialidade das pessoas. (...) Eu acho que estou me encontrando agora por incrível que pareça, entende? Vivendo minha essência, respeitando meu jeito de ser, me conhecendo mais fundo, vendo meus limites. É um processo assim de você olhar para você mesmo, de se encarar, e de dizer: póxa, você vai passar por esta vida como? Como um eterno garotão ou um ser humano de verdade?"

Em futuro próximo Paulo quer intensificar suas relações com família. Daqui há 3 anos ele se aposenta e quer distância do trabalho e da aglomeração de pessoas. Para isso está construindo uma casa com vista para a Serra da Mantiqueira, na localidade de Itanhandu, um município vizinho e ainda menor que São Lourenço.

"As vezes eu falo: nossa! Agora que estou vendo que estou ficando velha! Ai eu fico aborrecida, fico triste. Mas por dentro de mim eu tenho pra mim que eu sou jovem. Jovem de cabeça".(Inês)

Meu primeiro encontro com Inês foi na escola onde ela trabalha como zeladora. É a maior e a mais antiga escola de São Lourenço, a Mello Viana, localizada no centro da cidade, perto da agência dos Correios. O prédio é muito bonito, tem fachada em estilo colonial, mas encontra-se bastante deteriorado.

Fui apresentado a Inês por Eunice, (também entrevistada) que é professora na mesma escola. Logo que nos conhecemos e que lhe expus os objetivos da minha pesquisa respondeu timidamente que não tinha *"nada de interessante para contar"*. Mas depois do segundo encontro já estávamos bem mais à vontade.

A gravação da nossa conversa aconteceu na cozinha da escola, porque não havia outro local que pudéssemos ficar sem ouvir o alarido da criançada.

Inês é alta, de cabelos pretos e lisos, sempre presos por uma fita. Não gosta de falar muito, mas é querida por todos na escola. São 20 anos de trabalho só na Mello Viana.

Cheguei na escola pela manhã, como combinamos, mas só começamos a conversar depois que todas as salas e corredores foram varridos, o café dos professores pronto e a criançada devidamente instaladas em suas salas de aula. Depois disso a diretora nos liberou para conversar.

Inês usava o uniforme de trabalho: um guarda-pó azul-escuro e uma calça jeans. Calçava botas pretas para proteger os pés do contato diário com a água. Toda nossa conversa foi regada a muito café e biscoitos que ela gentilmente oferecia e insistia, caso eu recusasse.

Inês mora no bairro Porta do Céu, na periferia de São Lourenço. O bairro fica num ponto muito elevado da cidade. Para se chegar lá a pé é necessário escalar muitas ruas e ruelas apertadas de paralelepípedo. A casa é antiga, tem janelas e portas altas de madeira. São quatro peças: cozinha, sala e dois quartos. O banheiro fica nos fundos, contíguo à varanda.

Inês está viúva há 19 anos. A família hoje resume-se no pai de 82 anos e uma irmã solteira de 54 anos. Inês não pode ter filhos, e não sabe bem porquê: *"toda vez que eu engravidava daí uns meses eu perdia"*. Quatro anos depois de casada adotou uma criança, um ano depois o marido morreu. Inês tinha apenas 28 anos.

Voltou para casa dos pais, que ajudaram-na a criar o filho, e nunca mais saiu de lá. Nessa época já morava em São Lourenço. Foi quando começou a trabalhar como zeladora.

Mas este não foi o seu primeiro emprego. Com 7 anos já trabalhava. Nasceu em São João da Boa Vista, interior de São Paulo. Passou a infância colhendo café e plantando milho nas fazendas da região. É a terceira filha em cinco. Os pais sempre trabalharam como empregados na roça. Nunca chegaram a possuir terras.

Aos 11 anos de idade migrou com a família para São Lourenço. Eram os anos 50 e o movimento turístico na cidade, em função dos cassinos, *"fazia correr dinheiro que nem água na cidade"*, recorda.

Cada membro da família virou-se como pode. O pai e os dois irmãos foram trabalhar numa serraria. As irmãs pequenas ficaram com a mãe em casa e Inês foi trabalhar de babá na casa de uma professora. Foi nessa época que começou a estudar. Estudou até a terceira série primária.

A professora chamou Inês para morar junto com sua família. *"Era melhor para todo mundo"*, relembra. Uma a menos para comer em casa, e a professora teria alguém para lhe ajudar. Aceitou trabalhar em troca de casa e comida. No começo estranhou muita coisa. Primeiro porque nunca tinha ficado longe dos pais. Segundo, porque seu pai, na cidade, ficou mais rígido. Controlava de perto a vida das filhas: *"coisas do tempo antigo"*, conta sorrindo. Depois, acostumada a almoçar com toda a família reunida, mesmo que fosse embaixo de um pé de café, estranhou que na casa da professora tivesse de comer sozinha, depois que toda a família deixasse a mesa:

Eu não estava acostumada a trabalhar de empregada, tudo separado ... Na roça a gente trabalhava com os pais. A gente fazia tudo junto. Ai tivemos que separar pras casas de

estranhos. Sofremos muito, viu? (...) Depois que a gente veio da roça meu pai não deixava a gente sair. Eu fui criada no tempo antigo. Muito apertado. Nem passear a gente podia. Meu pai mandava nossa mãe buscar a gente no serviço. Não podia passear pra lugar nenhum. Quer dizer, eu não pude aproveitar muito".

Do namoro ao casamento foram menos de dois meses. Pensou que fosse sua grande oportunidade de mudar de vida. Ia ter suas próprias coisas, seu cantinho, sua família. Depois de casada continuou trabalhando "em casa de família", mas só meio período. Assim sobrava mais tempo para cuidar da própria casa.

"O primeiro que apareceu eu casei. Eu não tive namoro não ... bem pouquinho, porque o pai controlava. Casei, mas não deu muito certo. Ele não tinha muita responsabilidade. O que ele ganhava gastava em jogo".

Cinco anos de casada e o marido sofre um ataque cardíaco. Morre uma semana depois.

Inês tomou a frente na administração da casa e foi aí que a vida começou a melhorar.

"Eu acho que Deus ajudou tanto que eu comecei a fazer mais vantagem. Parece que é Deus que ajuda. Meu marido era bom mas meio sem juízo, gostava de jogar. Ai quando eu vi que a responsabilidade ficou para mim mesmo eu arrumei esse serviço aqui. As coisas que eu fazia no tempo dele eu comecei a fazer depois que comecei a trabalhar sozinha, né? Quando ele morreu aí que eu vi que o dinheiro aparecia, comecei a ter mais vantagem. Ele não tinha jeito não, viu?"

A idade cronológica é algo que lhe preocupa porque lhe vem à mente o fim, a morte, a velhice. É o que o seu corpo indica:

"A gente não sabe se vai viver muito, se não vai. Eu mesmo, você vê, a gente antigamente tinha aquela disposição assim de sair e tudo. Mas o corpo vai sentindo mais cansaíra né? Que nem, coisa que eu fazia antes, hoje o corpo não agüenta mais. Isso daí é da idade da gente, né? Vai ficando velho, vai chegando o dia da gente morrer, disso daí eu tenho medo, né? A gente vê tanta gente que morre de repente. Está aí bom, e de repente ... Mais eu tenho medo e falo: será meu Deus que minha família vai morrer e eu vou ficar. Vou ter que ir para um asilo? A gente vê tantos no asilo, as vezes em casa sofrendo. A família ali fazendo tudo sem poder valer. Nossa, eu acho triste. Meu filho já é casado, né? Eu tenho uma irmã solteira. Não sei se vou primeiro do que ela. Peço a Deus que a gente não fique sofrendo, dando trabalho. Se eu morresse de repente, né? É isso o que eu penso".

Mas, ao contrário do seu corpo, sua mente é muito jovem. Pois: "o que vale é o que a gente sente por dentro". Portanto, "eu sou jovem", argumenta. O trabalho fora de casa é um meio importante para que ela mantenha sempre este espírito:

"Minha idade é 47 anos, mas por dentro eu sinto que tenho menos idade. Não sei se é minha maneira de pensar. Eu sinto que eu sou mais moça de cabeça. Eu sou muito alegre aqui no trabalho. A gente diverte muito, né? É tudo alegre. A gente conversa com uma com

outra parece que vai limpando por dentro, o coração fica mais alegre ... a hora passa é a gente nem vê! Sabe, eu acho que a gente precisa ter qualquer coisa para fazer na vida da gente. Senão fica muito sem assunto, vazio, né? Nem que for qualquer coisinha a gente tem que fazer. Sem fazer nada a gente fica muito sem graça. A gente tem que fazer alguma coisa. Parada de tudo fica muito ruim..

Aos 47 anos Inês quer cuidar mais de si mesma. Afinal, passou boa parte da vida cuidando dos outros. Cuidou dos filhos da professora, do seu próprio filho, do marido, dos pais doentes, e nunca parou para pensar na sua própria vida.

"Eu sinto não ter aproveitado a vida. Mas é porque eu tive muitas coisas ruins que eu passei. Se daqui prá frente eu for mais feliz é isso que eu quero".

A perspectiva de fim, de um tempo de vida que se esgota, deu-lhe coragem de encarar alguns desafios em nome de sua própria felicidade. Há quatro anos está namorando um viúvo que mora em Belo Horizonte. Conheceram-se por intermédio de um anúncio numa revista.

Casamento nos moldes do que foi o seu, nem pensar! Com ele a relação é diferente:

"(...) Cada um na sua casa, ele lá eu cá. Se for morar junto vai ter aquela coisa de ficar me proibindo de fazer as coisas. Isso daí eu não gosto não. Se eu lutei até hoje sozinha, sem homem, eu não vou acostumar com ninguém querendo mandar em mim não, viu?"

Sem pressa de se aposentar, Inês espera poder continuar trabalhando "até quando o corpo agüentar" e quando chegar a hora de morrer que seja assim: "*bum, acabou, se foi*".

O corpo vai acabando, mas eu considero que sou jovem. Eu posso ter 40, 50, 60 anos, se eu durar isso ... acho que minha personalidade não muda nada. (Joel)

Tive que transpor alguns obstáculos para conseguir um contato inicial com Joel. De início os diretores da construtora responsável pela obra onde ele trabalhava não permitiam que os funcionários fossem entrevistados. Mas, quando expliquei a pesquisa, voltaram atrás. Depois foi o encarregado da obra que só admitia entrevistas na sua presença. Joel disse-me que gostaria de colaborar com a pesquisa e sugeriu que eu fosse à sua casa, depois do expediente.

A vila Nossa Senhora da Conceição é um bairro novo, na saída da cidade, na estrada que liga São Lourenço a Itanhandu. É um conjunto de casas populares, de tamanho e estilo padronizados, financiadas pela Caixa Econômica Federal. São dois quartos, cozinha, sala e banheiro, tudo de alvenaria com telhas de amianto. O bairro tem luz elétrica e água encanada, mas não tem asfalto e rede de esgoto. O pequeno comércio resume-se a dois bares e uma mercearia.

Cheguei um pouco antes de Joel. Enquanto o aguardava conversei com sua esposa, sob os olhares curiosos de seus três filhos: duas meninas de 11 e 9 anos e um menino de 4. Ela trabalha em casa desde que casou, mas já trabalhou como empregada doméstica e auxiliar de limpeza, numa fábrica de móveis. Tem 38 anos e o primário incompleto.

Na sala, o maior cômodo da casa, havia um jogo de sofá, um televisor e uma mesinha com flores de plástico. Nas paredes, além das fotos dos filhos, diversas flâmulas de times de futebol decoravam o ambiente. Algumas caixas com pisos de cerâmica estavam guardadas num canto. Foram compradas pouco a pouco e servirão para recobrir o piso da casa, provisoriamente revestido de cimento.

Joel chegou pouco depois, em sua bicicleta. Pediu-me um tempo até que se banhasse e logo começamos a conversar. Os filhos e a esposa ficaram conosco. Davam opiniões,

argumentavam, ajudavam Joel a "puxar pela memória" e as vezes o contestava. Quando Joel disse que ajudava nos trabalhos domésticos, por exemplo, foi desmentido pela esposa. Essas situações, sem dúvida, enriqueceram ainda mais a entrevista.

Joel tem 44 anos. Trabalha na construção civil há pelo menos 10 anos. Sua função como operário é de "carpinteiro profissional", responsável direto pelos serviços iniciais de madeiramento da obra e pelo acabamento final como colocação de portas e janelas. Isso lhe garante autoridade sobre os auxiliares, os "meio-oficiais" (carpinteiros e armadores). Na hierarquia da obra só estão acima dele o encarregado da obra e depois o engenheiro.

Nasceu na zona rural de São Lourenço e há 24 anos vive na cidade. Antes da construção civil foi ajudante de marceneiro e camelô no Rio de Janeiro. Vem de uma família numerosa. É o sétimo filho em quinze irmãos. De família muito pobre, desde cedo começou a trabalhar para ajudar no sustento dos irmãos menores.

"Naquela época a gente começava a trabalhar com 7 anos. Nós já tinha os compromissos, pegava 7 ou 8 anos ... fora de brincadeira, eu tinha que levantar cedo, tirar o leite ...

então tinha que juntar as vacas cedo, tinha que separar os bezerras. Eu tinha aquela responsabilidade, aquele compromisso de criança. Quer dizer, eu não tinha juventude para brincar. Eles (os pais), não gostavam que a gente brincasse. Isso foi assim até os 20 anos. Quando a gente era mais novo, até os 20 anos, bem dizer, era o pai que mandava, a ordem era dele, a gente só trabalhava, fazia tudo para eles. Só depois dos 20 anos é que a gente ia cuidar das coisas da gente.

Hoje é completamente diferente do que nos fomos criados. Os pais antigamente eram enérgicos, trazia o negócio ali. Só de olhar para a pessoa, nosso pai, nossa mãe, nós já sabia o que eles queriam, não precisava falar nada. Se chegasse uma pessoa em casa, uma visita, ele só corria o olho, já a gente tinha que sair fora. Assunto de pessoal grande a gente não escutava, já tinha que sair fora. Hoje a família da gente é o seguinte, com a televisão as crianças são mais espertas, até mais inteligente do que a gente. A gente só sabia das coisas quando era grandão. Hoje menina aí de 10, 11 anos, já sabe coisas que nós adultos não sabia. Hoje as crianças ... os próprios estudos já orientam mais a criança. Já se torna difícil para a gente corrigir eles. Eles já ficam mais rebeldes. Já não é mais como antigamente. Por que era mais melhor para criar a família. Hoje não é bom assim. Já se torna mais difícil para criar a família hoje. Antigamente a gente não saia de casa. O que o pai desse estava bom.

Hoje em dia a gente vai comprar um presente para uma criança e eles querem aquele da propaganda, aquilo que está na moda. A minha menina tinha 6 para 7 anos, quer dizer, ainda era criança, aí a avó dela pegou ela e trouxe ela para escolher um tênis. Aí a avó pegou o mais barato, a menina falou: não vô, eu quero aquele ali! Era aquele que ela viu na televisão".

Quando Joel mudou-se para a cidade o fez sozinho. Toda a família continuou no campo. Tinha então 20 anos. Veio trazido pelo dono da fazenda em que sua família trabalhava. Como tinha uma marcenaria na cidade, contratou Joel como ajudante. Nessa época Joel foi morar numa pensão e ainda mandava todo mês alguma ajuda para a família.

Cinco anos depois toda a família já estava morando na cidade. Só ficaram no campo alguns irmãos mais velhos, casados. Os pais, idosos, não podiam mais trabalhar. Eram mantidos pelos filhos solteiros, porque os mais velhos já tinham suas próprias famílias para sustentar.

Nessa época ele resolveu que trabalharia de camelô, no Rio de Janeiro. Ganhava bem mais, mas também gastava muito com moradia, alimentação e diversão. Mesmo assim, ficou por lá cinco anos. Morava numa pensão próxima do ponto onde trabalhava, na cinelândia, centro do Rio.

A morte do pai o trouxe de volta a São Lourenço. Teria que ajudar mais ainda os irmãos menores. Foi então que começou a trabalhar na construção civil.

O período que corresponde à juventude, mesmo sendo difícil, é lembrado como o melhor de sua vida:

"(...) Esse tempo para mim foi o melhor. Andei bastante, saí de casa. Se a gente não sair de casa não conhece o mundo não. A gente tem que sair para aprender. Aí que eu virei homem de verdade, que eu vi que a vida não é fácil de viver ... o mundo ensina a pessoa a viver. Se a gente fica só com o pai ou a mãe, a pessoa fica meio tímida. Agora, a pessoa saindo, a gente procura mais se introsar com o povo. A gente fica aprendendo até muito mais coisa do que dentro de casa. O mundo ensina a gente a viver melhor. Cada um por si, tem que se virar".

Joel casou-se aos 32 anos. Casou tarde porque teve que ajudar a sustentar os irmãos até que ficassem maiores. Mas considera-se um homem jovem. Jovem de espírito, porém muito próximo da morte, do ponto de vista cronológico:

"Pela vida dura de hoje... a maioria do povo da minha idade se chegar aos 60 anos já é muito. Muitos nem chegam, morrem antes. Isso daí a gente já pensa, né? Porque pela idade a gente já viveu um bocado, é? Então quer dizer que para morrer não falta muito não, é? Mas eu considero que eu sou jovem. O povo trata eu mais jovem mesmo. Só que eu sinto é o seguinte, que a vida mudou um pouquinho, né? A pessoa já pensa mais, pensa mais sério. O comportamento da pessoa já muda bem. Antes a gente gostava mais de brincadeira, tem a

cabeça mais leve. Depois a gente começa a enxergar melhor. Quando a gente é mais jovem começa a chegar tarde, sair e coisa ... depois você começa a preocupar. Não fazer mais isso por que prejudica a saúde ... quando a gente é mais velho a gente pensa primeiro para depois fazer. E, quando é mais novo, primeiro faz, depois pensa".

Joel trabalha "porque é homem, e homem tem que trabalhar, senão vai viver como?"

São os momentos de lazer junto aos amigos que o faz sentir a "juventude do espírito".

Divertindo-se com os amigos é como se revivesse no presente a juventude do passado. Só é diferente hoje porque "o corpo está meio acabado, mais prá lá do que prá cá":

"(...) Lá no bar quando a gente (os amigos) está reunido é tudo alegria. Um ri do outro, fala coisa engraçada, toma uma cachacinha, diverte tudo sadio, né? Então nisso aí que eu digo para você que eu sou de cabeça mais de jovem. Lá a gente convive com os jovens também e é tudo igual. Então eles me tratam como jovem por causa do meu jeito de jovem, assim na alegria, naquela coisa de piada, de alegria, né?

(...) Eu sou jovem de cabeça mas meu corpo não é mais quem nem naquela época. A gente sente que a idade vai pesando no corpo, né? Olha aqui (me mostrando os músculos do braço), quando eu era jovem eu tinha mais força, trabalhava e nem sentia, agora olha aí, já não tenho mais força nos braços"

Na faixa dos 40, percebendo o declínio do corpo e a aproximação da morte, Joel vê a vida de um modo intimista, profundo. Parece querer encontrar um sentido para sua existência:

"Nessa idade que eu cheguei muitas coisas a gente muda no pensar. Você sabe que dessa vida a gente não leva nada mesmo, né? Antes quando a gente é novo a gente dá valor prá muita coisa, dinheiro, mulher ... Não que o sujeito não vai querer essas coisas, é que ele passa a ver a vida de outro jeito, você está entendendo? Mas daí o sujeito morre e aí? Então, na minha idade a gente perde um pouco dessa ilusão de achar que tudo é festa. A gente fica mais quieto, no canto, pensa mais a sério. A gente vai mais pela cabeça da gente porque se o sujeito chegou até aqui e não aprendeu nada da vida, então não vai aprender mais, você está entendendo? Então, é isso, com a idade você vai mudando o modo de pensar, de ver que a vida acaba e a gente tem que seguir pela cabeça da gente e não ficar na ilusão. O sujeito que só vive de ilusão morre e não sabe nem porque ele passou por esta vida aqui. Nisso daí eu mudei, viu?"

Preocupado com o seu fim e querendo de algum modo se tornar eterno Joel vê nos filhos a possibilidade de continuidade. Quer "deixar o exemplo" para que no futuro seja lembrado. Para isso desenvolve uma relação mais íntima com todos eles, que traduz por gestos, diálogos e entendimento. Autoritarismo e violência com os filhos é "coisa de antigamente", argumenta. Ele gosta de estar com os amigos, mas não troca isso pelo contato com a família:

"Amigo a gente gosta e tudo, mas família é diferente. Amigo é prá gente divertir,

ficar alegre e tudo. Mas a família, os filhos da gente, é tudo na vida, né? Se eu morrer amanhã eu quero que eles digam assim: eu tive um pai. Eu dou toda atenção para eles, trato tudo com paciência, com amor, então eles vão lembrar de mim para sempre, mesmo depois que eu morrer. A gente deixa o exemplo.

Eu já bebi, já aprontei muito, mesmo depois de casado. Mas hoje eu vejo que eu estava errado, porque tudo que a gente tem é a família da gente. O sujeito que não tem sua família, a vida dele é sem sentido, morre e ninguém nem lembra dele. Isso daí Deus me livre".

No futuro Joel espera poder se aposentar para ficar em casa com a família. Mas, reconhece que dificilmente poderá sobreviver só com a aposentadoria. Espera contar com a ajuda dos filhos, tal como foi em relação aos seus pais. No momento espera acabar de construir a casa e ampliá-la para dar mais conforto à família.

CAPÍTULO 2

A CRONOLOGIZAÇÃO DA VIDA E A EXPERIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Na introdução de *Stratification and the Life Course*, O'rand (1990) mostra que nas últimas décadas vem crescendo o interesse de diversas disciplinas pela chamada teoria das idades, como a psicologia do desenvolvimento, a sociologia, a história social, a demografia, a gerontologia e a antropologia.

O foco dessas pesquisas, lembra a autora, recai sobre os processos históricos e institucionais de estratificação do curso da vida, privilegiando, portanto, os modelos explicativos macro-estruturais (*cultural constraints*). O resultado é que tal procedimento levanta apenas um dos lados da questão: a estratificação como normatizadora do curso da vida.

Sem dúvida, faz falta uma abordagem que reconcilie o aparato cultural com a variabilidade de experiências dos sujeitos. Neste capítulo abordo alguns problemas e perspectivas de análise que podem servir como ponto inicial de contato com o que O'rand chama de uma "abordagem integradora do curso da vida".

A meu ver, três pontos básicos devem ser reconsiderados nessa tentativa:

a) a relação entre a cronologização da vida e a organização social e política do Estado moderno. Afinal, a idade cronológica é antes de tudo um mecanismo de atribuição de direitos

e deveres jurídico-políticos.

b) Os valores culturais nos quais a cronologização da vida se apóia.

c) verificar se (e como) a cronologização se ancora no curso e nos projetos de vida dos indivíduos.

Nas páginas que se seguem vou me deter um pouco mais sobre cada uma dessas questões e mostrar como elas vêm sendo tratadas nas recentes bibliografias.

2.1. As idades cronológicas e a vida social moderna

No artigo intitulado *Age, Generation, and social structure*, Fortes (1984) aponta uma série de questões relativas à incorporação das idades cronológicas no curso da vida das sociedades modernas. Duas questões principais orientam a sua análise: por que adotamos modernamente um sistema de cronologização da vida que é tão diferente e único em relação aos sistemas de datação que dispúnhamos anteriormente? E, como as idades cronológicas, uma dimensão central na vida social moderna, pode revelar elementos acerca da estrutura e da organização social.

A diversidade de marcadores culturais que pontuam o ciclo da vida do homem, sempre recebeu atenção dos antropólogos preocupados em relacioná-los aos princípios da organização social. As seqüências cerimoniais, ao longo da vida, acompanhadas de reconhecimento social de indivíduos ou grupos, mostravam, já nas primeiras etnografias, serem variáveis importantes no estudo dos chamados "povos primitivos".² Mas, enfatiza Fortes, em se tratando das sociedades modernas, os antropólogos freqüentemente projetam categorias relacionadas com a idade cronológica nos grupos que estudam sem levar em conta, muitas vezes, que se trata de um mecanismo social de atribuição de status.

Para Fortes são quatro os modelos de marcadores culturais da vida. Estes, de um

² Van Gennep (1978) faz uma descrição e análise das cerimônias que marcam a mudança de idade em diversas sociedades, mostrando tanto sua universalidade como sua funcionalidade.

modo ou de outro, estão presentes em todas as sociedades. São eles: o estágio de maturação, a ordem de nascimento, a idade geracional e a idade cronológica. O que há de comum entre eles é que todos operam com relativa autonomia em relação ao substrato biológico. Eles se inscrevem na vida social dos indivíduos (seu curso da vida) como partes da estrutura social. Sendo uma espécie de "universais culturais" não são modelos excludentes entre si. Pelo contrário, é comum que sistemas diferenciados de datação da vida coexistam numa mesma sociedade. Entre os Tallensi, exemplifica o autor, um filho pode ser mais velho do que seu pai classificatório. Esse conflito se resolve na medida em que os indivíduos são classificados pela geração nas relações familiares e de linhagem, e pela ordem de nascimento nas relações políticas e entre as linhagens. Já entre os aborígenes australianos o princípio geracional pode ser ampliado para a comunidade tribal, constituindo a base dos direitos políticos e jurídicos.

Nas sociedades ocidentais contemporâneas o estabelecimento de direitos e deveres de cidadania têm como suporte central as idades cronológicas. À medida que o Estado avança sobre domínios antes livres da sua influência (como as relações familiares e de parentesco, por exemplo), esse sistema de datação ganha precedência sobre os demais. Nesse sentido, as idades cronológicas têm duas peculiaridades. Primeiro, trata-se de uma imposição que visa universalizar direitos e deveres exigidos por lei. Ao mesmo tempo em que desautoriza qualquer outro critério de significado social do curso da vida. Segundo, o estabelecimento das idades cronológicas é totalmente arbitrário. Ela nada tem a ver com a ordem de nascimento, estágio de maturação ou geração. Visa, fundamentalmente, estabelecer laços entre grupos heterogêneos em torno de direitos e deveres civis. A criação de novas etapas ocorre sempre em função dessa prerrogativa.

A observação da maleabilidade e legalismo das idades cronológicas no curso da vida dá origem a duas vertentes de análise destacadas por Debert (1994). A primeira é representada pelo conjunto de trabalhos do historiador Ariès (1986). Ele correlaciona as transformações históricas ocorridas no domínio do estado e da vida privada nas sociedades ocidentais

modernas aos investimentos simbólicos em relação as idades da vida, como a infância e a adolescência.³ A segunda é representada pelos trabalhos de Kohli e Meyer (1986), e diz respeito mais diretamente à questão da institucionalização social do curso da vida. Ou, como comenta Debert:

"a passagem de uma forma de vida em que a idade cronológica era praticamente irrelevante para outra onde a idade é uma dimensão fundamental na organização social". (p. 19).

A chamada "cronologização da vida" nessas duas vertentes, ressalta a autora, é pensada de um lado em função de mudanças estruturais na economia (onde a estandardização da infância, adolescência, idade adulta e velhice atende às necessidades de organização do trabalho). E, de outro, em função das transformações do estado moderno, na medida em que questões que diziam respeito à esfera privada e familiar passaram a ser reguladas pelo Estado (período de escolarização, de entrada e saída no mercado de trabalho e demais direitos e deveres jurídico-políticos individuais).

O problema da abordagem de Fortes é que ele está preocupado apenas com os princípios estruturais da datação cronológica. Desconsidera os desafios às formas tradicionais de periodização da vida e os projetos individuais, nos quais uma geração se envolve coletivamente e que poderiam dar novos sentidos ao curso da vida. Os "discursos públicos"⁴ a que o autor se refere, por exemplo, e que apelariam pela cronologização do curso da vida,

³ Ariès (1990), reconhece que deveria ser incorporada à análise as transformações históricas ocorridas na vida privada nas sociedades ocidentais contemporâneas, e o domínio do estado e a forma como ele redefine o espaço doméstico e a família.

⁴ Ao contrário de Fortes a postura que assumo na presente pesquisa é que "discurso público" refere-se a um conjunto de valores, crenças e atitudes tidas como adequadas, que em um momento histórico são produzidos por agências públicas ou privadas. É preciso supor, portanto, que esses discurso nem sempre são homogêneos e que, muitas vezes é possível identificar ambigüidades e contradições em um mesmo discurso. Eles, por sua vez, permitem que uma pluralidade de receptor que é heterogêneo.

aparecem como unívocos e direcionados a um público receptor homogêneo.⁵

Como crítica à rigidez das análises institucionais, Hareven (1986) propõe uma abordagem da construção social do curso da vida mediada por múltiplos fatores, como as condições históricas, o ciclo da vida familiar e as experiências individuais. Desse modo, o peso estrutural que caracterizaria a visão de Fortes poderia ser neutralizado por uma concepção mais plástica, onde os sujeitos interagem continuamente neste processo de construção.

O que se percebe hoje é que o curso da vida, como foco de análise social, está cada vez mais exigindo uma abordagem interdisciplinar, deixando assim de ser uma preocupação exclusiva de psicólogos e de outros especialistas em desenvolvimento humano.

2.2. O individualismo como suporte cultural

O próprio Fortes dá algumas pistas de como se explorar uma terceira vertente de análise, ao mostrar a forma como as idades cronológicas operam em relação à experiência social contemporânea. As idades cronológicas, como mecanismo de atribuição de status, supõem um rompimento com qualquer idéia de hierarquia. Ou seja, a igualdade no campo jurídico-político, é o princípio regulador das relações entre os indivíduos e o Estado em nossa sociedade.

O igualitarismo, como parte do sistema de valores individualistas da moderna sociedade ocidental, é, segundo Dumont (1970), o contraste principal a nos separar da ordem holista própria das "sociedades tradicionais", como na Índia, estudada por ele. Naquela

⁵ Nesta mesma linha de pesquisa Oliveira (1993) mostra como a medicina e os avanços tecnológicos, principalmente nas duas últimas décadas, participaram do processo de construção social da menopausa como uma etapa da vida da mulher localizada entre a juventude e a velhice. A prescrição de complexos químicos, como reposição hormonal, exemplifica a autora, com o qual se pretende desacelerar o processo de envelhecimento da mulher é uma imposição interpretação técnico-científica da medicina sobre o que vem a ser o bem-estar e a sexualidade feminina após encerrar-se seu ciclo reprodutivo. Assim, a ciência amparada pela legitimidade do seu conhecimento, estaria participando na construção de expectativas e padrões normativos que reforçam, segundo Oliveira, preconceitos e estereótipos sobre a mulher no climatério.

sociedade, a maior parte da vida social se realizava fora do poder administrativo do Estado e os valores hierárquicos eram a base da organização social.

A diferença é que nas sociedades modernas as idades cronológicas não operam no sentido de promover a sucessão de um grupo pelo outro num quadro de continuidade geral, tal como ocorre com os outros sistemas de datação classificados por Fortes. As idades cronológicas visam, sobretudo, dissolver a diversidade de experiências sociais no quadro geral da ordem cronológica. Esse reconhecimento formal do indivíduo como isolado numa unidade de referência segue, portanto, um padrão estrutural cujos valores individualistas são sua base.

Sem dúvida, a cronologização da vida e o individualismo moderno são fenômenos de raiz comum, e devem ser tratados como tal. O problema é que tanto um como outro são freqüentemente abordados como "problemas estruturais" e, como tal, mantêm-se incólumes, em detrimento das experiências sociais dos sujeitos que vivenciam o processo. Essa é mais uma dificuldade que tem de ser vencida para alcançarmos uma "abordagem integradora" do curso da vida hoje em dia.

O individualismo é freqüentemente tratado como "ideologia" e como tal cumpre suas "funções" na sociedade moderna. Sennett (1988), por exemplo, destaca o narcisismo como uma das facetas do individualismo contemporâneo. Para Lasch (1991), o narcisismo é fruto de uma "invasão" de mundos antes livres da influência e da autoridade de discursos globalizantes, (do Estado, dos saberes científicos, do mercado capitalista, etc). A família, um dos últimos bastiões da vida privada, é tornada "refúgio" e a individualização (psicologização) das relações familiares, um recurso de auto-preservação daquela esfera que se vê ameaçada.

A "intimidade", aproximação psicológica das pessoas, nesse sentido é um "fechamento do eu", uma forma de opressão que despolitiza a vida porque transforma questões antes públicas (políticas) em pessoais. Mais do que buscar uma definição do que vem a ser esse fenômeno, referidos autores estão interessados na análise sociológica das estruturas e instituições modernas, frente ao processo chamado por Sennett de "tirania da intimidade".

Essa visão unilateral da questão começa a ser repensada. O trabalho de Giddens (1993), é um exemplo dessa nova tendência. Para ele o individualismo é um princípio gerador de novas práticas sociais que não levam necessariamente a um narcisismo. São antes novas maneiras de se engajar com o mundo exterior e não uma saída defensiva do mundo. Giddens, ao contrário de Sennett e Lasch, entende a intimidade como uma resposta criativa e não um mecanismo de defesa dos sujeitos aos processos globalizadores de controle social e de repressão da individualidade.

No Brasil os estudos sobre o individualismo sempre deram ênfase à sua "dimensão ideológica", a chamada "visão de mundo das camadas médias". A justificativa para isso é a de que o processo de desenvolvimento brasileiro, a partir dos anos 50, criou, ao mesmo tempo, um fosso que distanciou cada vez mais as camadas sócio-econômicas do país. As camadas médias urbanas engajadas em torno de projetos de ascensão social propiciados pelo desenvolvimento econômico seriam mais permeáveis aos "discursos modernizantes". Além disso, a disseminação da psicanálise nos anos 60 e 70 é apontado como um implicador importante nessa diferenciação de "ethos" entre as camadas, propiciando estilos de vida totalmente novos.⁶

O problema dessa abordagem é justamente a criação de fronteiras simbólicas, tendo como foco central o posicionamento sócio-econômico dos atores, subsumindo outros aspectos da vida social que poderiam reordenar ou redefinir novas fronteiras, como a faixa de idade ou os projetos nos quais uma geração se engaja. Além disso, esses estudos têm dado muito mais ênfase no alcance ideológico do individualismo nas camadas médias do que no processo de decodificação e reinterpretação dos mesmos. Ou seja, são estudos que se preocupam basicamente em medir a profundidade ou o nível de "contaminação" desse sistema de valores na vida social.

⁶Sobre esta questão ver: (Figueira, 1985); (Salem, 1986) e (Velho, 1981)

2.3. A reconstrução da meia-idade

Os primeiros estudos sobre o desenvolvimento adulto e a meia-idade foram realizados por psicólogos e psiquiatras. Em função disso essa questão iniciou-se com um enfoque preocupado em compreender a relação entre as "expectativas culturais" e os "mecanismos internos de adaptação ou não-adaptação" dos indivíduos a esse período da vida. O próprio conceito de "crise da meia-idade", como um período crítico do desenvolvimento individual, revela esses propósitos.

Rossi (1980) faz um pequeno balanço da literatura sobre a meia-idade nas décadas de 50 e 70 dando uma idéia de como a questão do desenvolvimento adulto era tratada. Ela considera que dois modelos básicos orientavam as primeiras pesquisas. O primeiro é o que ela chama de "*normative-crises model*", e o segundo "*timing-of-event model*".

O modelo da "*normative-crises*", inspirada na teoria de Erikson, sobre o desenvolvimento do ciclo da vida, parte da idéia de que haveria um plano inerente ao desenvolvimento humano composto de estágios adequados do ponto de vista físico, emocional e cognitivo. Quando uma tarefa apropriada a um determinado estágio da vida não fosse resolvida, ela prejudicaria os desenvolvimentos subseqüentes. Deste ponto de vista a meia-idade envolveria necessariamente um período de crise e de auto-avaliação que, uma vez resolvida, abriria espaço para uma nova relação com a vida.

A segunda perspectiva, inspirada em Neugarten, não estaria marcada pela idéia de crise. O "*timing-of-event-model*" indicaria uma insatisfação ante à percepção de uma assincronia frente a "expectativa média do ciclo da vida" e a experiência individual. Isto é, o evento não-antecipado e não o evento antecipado representaria o evento traumático. Não se casar em uma idade determinada, ficar viúvo prematuramente, não ascender a um determinado posto em certa idade, pode levar a um estado de ansiedade, porque a expectativa cultural da progressão individual no tempo foi violada.

De acordo com essa perspectiva, a meia-idade não seria um momento de crise, mas um momento de reestruturação, de mudança na perspectiva do tempo. A vida é reestruturada em termos do tempo que sobra para viver e não mais o tempo desde o nascimento - uma mudança causada por um alto nível de introspecção. Essa mudança é gradual, visto que as fases nos diferentes contextos da vida nem sempre estão em sincronia. Assim, o indivíduo pode, a nível do trabalho, achar-se no tempo correto, mas fora do tempo no que diz respeito à paternidade, por exemplo. Esse modelo, considera Rossi, apresenta vantagens em relação ao primeiro, na medida em que as fases e as auto-definições aparecem enraizadas em contextos históricos e culturais. As pesquisas mais atuais sobre a meia-idade localizam-se dentro dessa última abordagem.

Em razão das mudanças ocorridas no modelo de vida da mulher como, por exemplo, sua maior participação no mercado de trabalho, a tendência tem sido a de separar as experiências de homens e de mulheres na meia-idade. Vaillant (1977) por exemplo, pesquisou somente homens, na faixa dos 40 anos, nos Estados Unidos. Ele mostra que a meia-idade corresponde nos homens a um período de "reorientação do curso da vida". A meia-idade masculina corresponderia a uma mudança do interesse pessoal pelo trabalho para o interesse na família. Na meia-idade, conclui o autor, os homens abandonariam sua relação compulsiva com o mundo do trabalho e com a ascensão na carreira profissional e se voltariam para seu próprio mundo interior, dando prioridade aos investimentos na esfera familiar e na vida privada. Nessa perspectiva, a meia-idade é vista como um período em que o trabalho deixa de ser prioritário na vida dos homens e estes passam a investir mais na vida em família, na introspecção e na vida privada.

Da pesquisa de Vaillant depreende-se que a acessibilidade emocional do homem para com seus filhos só ocorreria quando estes chegassem à adolescência, e para com suas esposas somente na segunda década do casamento. Um papel secundário é atribuído às mulheres nessa pesquisa, por estarem restritas ao mundo doméstico.

A mudança na centralidade do trabalho na vida dos homens, nessa teoria, não está relacionada às mudanças fisiológicas. Trata-se de uma combinação de um conjunto de fatores que relacionam idade e declínio de expectativas em relação ao trabalho. Esse modelo, entretanto, não define com clareza o que entende por crise nem especifica suas causas.

Mais recentemente uma série de livros voltados ao grande público tornaram-se *best-sellers* ao retratar a passagem da meia-idade de homens e mulheres nascidos na década de 50. Constituem-se numa espécie de "manuais de auto-ajuda", escritos por jornalistas, ou pessoas interessadas em aconselhar os leitores em como "vencer a crise dos quarenta".

Os livros de Sheery (1991), Poth (1992) e Lemos (1995), encabeçaram a lista dos mais vendidos por várias semanas no Brasil. Eles têm em comum o fato de tratarem especificamente da experiência da mulher de meia-idade.

A ênfase destas pesquisas é na adesão aos valores individualistas, especialmente a "consciência do self"⁷ como a própria essência do que chamam de "crise da meia-idade". Ou seja, a meia-idade corresponderia a um momento da vida em que os indivíduos voltam-se para si mesmos, colocando-se em primeiro lugar e investindo muito mais em suas vidas pessoais. Tornariam-se, portanto, mais introspectivos e intimistas, deixando em segundo plano, por exemplo, as preocupações com questões familiares, no caso das mulheres, ou, ao contrário voltando-se mais para a família, no caso dos homens. De qualquer modo as autoras demonstram que todas as preocupações dessa fase da vida estão sempre centradas nas necessidades do próprio "eu".

O que difere entre essas autoras é a explicação para a instalação desse egocentrismo exacerbado no período que correspondente à faixa dos 40 anos.

Poth e Lemos, nesse sentido, trilharam caminhos semelhantes. Buscam explicações nas

⁷ Termo empregado por Salem (1986) como sendo um dos valores associados ao que ela chama de "ideologia individualista".

condições históricas, procurando atrelá-las mais de perto às experiências sociais da geração de mulheres pesquisadas.

Nestes dois trabalhos o universo pesquisado é composto só de mulheres, todas nascidas nas décadas de 40 e 50. A maioria delas têm carreira, ou já tiveram experiência no mercado de trabalho em algum momento de suas vidas, além de possuírem nível médio ou alto de educação escolar.

A reconstituição da biografia dessas mulheres recobre boa parte desses livros e serve para mostrar de que modo essa geração está se posicionando frente às novas opções de vida que se lhes apresentam, além daquelas que suas mães já dispunham, como criar filhos e ser esposa. O conflito entre as obrigações domésticas (para as quais foram educadas) e "o compromisso para consigo mesmas" (estimulado, por exemplo, pela abertura do mercado ao trabalho feminino ou pelo ideário feminista difundido durante suas juventudes), geraria um movimento interno de "reestruturação da vida" na meia-idade.

O que não fica claro é por que "voltar-se para dentro de si com mais intensidade" ocorre apenas na meia-idade e não em outras fases da vida. Poth, porém, oferece um ingrediente a mais para refletirmos sobre essa questão: o ciclo da vida familiar. A meia-idade corresponderia ao período do ciclo familiar onde geralmente os filhos já estariam crescidos e demandariam menos atenção das mães. Neste momento elas poderiam, com mais tranquilidade, "investir mais em si mesmas", desenvolvendo atividades que lhes dessem "satisfação pessoal", como por exemplo, reiniciar uma carreira interrompida, voltar a estudar ou ainda participar em atividades filantrópicas. Essas são algumas das "saídas" encontradas por suas entrevistadas para "vencer a crise".

Sheehy não trata apenas da meia-idade, ela pretende traçar um guia do desenvolvimento adulto, e para isso toma por base um grupo de homens e mulheres na faixa dos 18 aos 50 anos, americanos, profissionais liberais bem sucedidos em sua maioria, algumas donas-de-casa, todos com bom nível de formação escolar.

Para a autora o desenvolvimento adulto é permeado de "crises", que corresponderiam a períodos de ajustamento/ desajustamento social dos indivíduos, provocados principalmente por expectativas referentes à vida familiar e ao trabalho.

Estas duas esferas da vida social aparecem como marcadores importantes no curso da vida dos seus entrevistados. A forma como essas esferas são recriadas através da biografia dos entrevistados, revela também um pequeno retrato da sociedade industrial americana.

Segundo a autora, dos 20 aos 30 anos os homens e as mulheres passam a maior parte do tempo preocupados em afirmar sua individualidade, querendo diferenciar-se dos pais e construir uma estrutura sólida que lhes garanta independência e sucesso na vida profissional e pessoal. Trata-se, portanto, de um período de competitividade agressiva, seja no mercado ou na vida.

Na faixa dos 30 anos, "menos pressionados pelos deveres da cultura" os indivíduos começam a rever algumas escolhas feitas anos atrás. Agora já devidamente casados e profissionalmente estabilizados, começam a sentir um "impulso para arrebenatar as amarras", mas estão comprometidos demais com o trabalho, os filhos, o marido ou a esposa - é a crise dos 30 anos.

Nesse estágio o "eu" adquire um novo valor. Os homens, menos preocupados em provar sua competência profissional e menos motivados pela busca do sucesso a qualquer preço, vão em busca de escolhas profissionais que lhes dêem acima de tudo a satisfação pessoal. As mulheres, frustradas com as expectativas que anos antes acalentavam seus sonhos de família e casamento, querem retomar a faculdade e entrar no mercado de trabalho. Os indivíduos sentem que ainda há tempo para reconstruir suas vidas, trilhar novos rumos e fazer novas escolhas. Segundo Sheehy, é o período da vida mais sujeito ao divórcio e às reorientações profissionais.

A partir dos 35 e até os 45 anos "o tempo começa a ficar mais curto". Homens e mulheres começam a se preocupar com seu fim, a morte, o envelhecimento do corpo e do

espírito. Isto faria da meia-idade um período de profunda introspecção e auto-conhecimento.

Esse momento turbulento de “busca de autenticidade”, corresponderia ao momento de “desajuste” dos indivíduos, desafiando regras estabelecidas e deixando que seu “eu interior” se sobreponha. Os homens, “*percebendo tratar-se de sua última chance reagem apertando com mais força ainda o acelerador profissional*”, intensificando sua luta para alcançar um lugar no mais alto escalão de sua empresa. As mulheres, por sua vez, vão rever aquelas opções que deixaram de lado, “*gozando de uma sensação de liberdade muito maior ao perceber novos caminhos à sua frente*”. Voltar a estudar ou a trabalhar fora, dedicar-se a filantropia, são algumas “saídas” encontradas pelas suas entrevistadas.

Mas, segundo a autora, esse comportamento é previsível, faz parte da preparação das pessoas para “ajustar-se” na casa dos 50, um período caracteristicamente tranqüilo para homens e mulheres. Nele há um progressivo afastamento das esferas da vida familiar e do trabalho, enquanto que os amigos e a privacidade tornam-se mais importantes do que nunca.

Ao leitor Sheehy aconselha que em todas essas crises “*deixem correr solto*”, “*soltem os sentimentos*”, porque “*mais depressa poderemos restabelecer nossa força verdadeira*”. Ela baseia-se numa visão estrutural-funcionalista do processo da vida. Às rupturas ocasionadas pelas “crises” segue-se imediato reequilíbrio. As “crises”, portanto, permitem que os indivíduos avancem rumo aos estágios superiores do desenvolvimento adulto. E, sentencia a autora, “*aqueles que por alguma razão impedem ou adiam essa passagem obrigatória, o preço final é a superficialidade*”.

Estes três exemplos de livros, ainda que fundamentalmente se proponham a oferecer soluções para problemas tidos como gerais, complexificam a questão da cronologização da vida e a meia-idade especificamente, na medida em que oferecem um leque amplo de mediações possíveis, que extrapolam o campo da análise institucional (como vimos em Fortes), a análise histórica (como vimos em Lemos e Poth), e a análise estrutural (como vimos em Sheehy). Certamente que todas essas mediações deveriam estar reunidas numa análise

cultural do processo da vida, que afugentasse as preocupações causais e restabelece a unidade entre a experiência social e a cultura.⁸

O que não está claro nestes *best-sellers* é, por exemplo, porque somente após o crescimento dos filhos é que as mulheres são solicitadas a “pensar em si próprias?” Ou, como a crise é “resolvida” por mulheres com filhos pequenos? E as que nunca tiveram filhos, seriam poupadas? Qual o significado da família e do trabalho para essas mulheres que buscam a “realização pessoal”? Que significado tem a vida familiar e extra-familiar para elas? Em que medida trabalho e família, enquanto categorias tradicionalmente usadas para caracterizar e opor domínios femininos e masculinos, seriam ainda pertinentes?

A perda da centralidade do trabalho na constituição de identidades individuais e coletivas, como quer Offe (1989:167), e o fato do trabalho assalariado, nas últimas décadas, ser parte integrante da experiência feminina, não teria diluído as diferenças entre experiências femininas e masculinas? Ou, pelo contrário, para os homens essas modificações não corresponderiam a uma estabilidade entre papéis domésticos e papéis ocupacionais? E, as responsabilidades extra-econômicas com a família continuariam ainda a ser vividas como um marcador pertinente apenas na experiência feminina? Seria o trabalho primordial apenas na experiência masculina e para as mulheres uma atividade secundária? Ou ainda, haveria uma estabilidade, no caso feminino, entre carreira profissional e criação dos filhos? E o trabalho não seria apenas uma complementação dos rendimentos da família ou o desejo de fazer uma carreira independente?

Procurei na presente pesquisa responder algumas destas questões. Meu interesse não foi o de estabelecer um mapa do que é o desenvolvimento adequado, nem definir o que é a meia-idade. Escolhi uma faixa etária específica porque considero tratar-se de um grupo que, por um lado participou ativamente e testemunhou uma série de transformações na sociedade

⁸ Featherstone (1994) observa que é importante incorporamos à discussão em torno do curso da vida, os processos biológicos de mudança do corpo e seus significados culturais.

brasileira, sobretudo no que diz respeito às relações na família e entre os gêneros. É o caráter dessas transformações e suas experiências individuais que interessou-me apreender. Por outro lado, é um grupo que está sendo interpelado por uma série de discursos (inclusive esses divulgados pelos best-sellers ao grande público) para criar novos padrões de envelhecimento e novos comportamentos em função do avanço da idade. Assim, procurei entender como indivíduos nessa faixa etária interpretam essas interpelações e agem em função delas.

CAPÍTULO 3

UNIVERSO PESQUISADO E PROCEDIMENTOS ADOTADOS

A pesquisa foi realizada na cidade São Lourenço, localizada no sul do Estado de Minas Gerais, no período entre maio e novembro de 1992. A escolha por São Lourenço deveu-se primeiramente as facilidades de pesquisa: vivi um longo período de minha vida naquela cidade, onde residia também parte da minha família.

Diferente da complexidade de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, em São Lourenço as redes de relações sociais permitem "contatos primários" com quase todos os habitantes da cidade. Como conhecia boa parte de seus moradores, não foi difícil encontrar pessoas dispostas a colaborar na pesquisa.

Critérios subjacentes as redes de relações entre pessoas como vizinhança e amizade⁹, foi o que garantiu-me acesso aos entrevistados. Por intermédio de um entrevistado, amigo e vizinho de minha família, que possuía uma ampla rede de relações, adentrei num círculo heterogêneo de pessoas, que me facilitou em muito os contatos iniciais. Posteriormente, a utilização da noção de *network* fez com que os próprios entrevistados passassem a me indicar novos informantes integrados às suas próprias redes de sociabilidade. Isso possibilitou que novas fronteiras simbólicas com relação a outras identidades sociais fossem estabelecidas

⁹ Barnes (1987) destaca esses critérios como fundamentais no estudo de grupos urbanos.

entre os entrevistados, com base em seus próprios critérios de "escolha" e "afinidade".¹⁰

Mesmo assim me deparei, algumas vezes, com aquilo que Velho (1980) chama de "estranhamento". Algumas entrevistadas diziam que, sendo homem, eu "jamais poderia entender certas coisas que só uma mulher entenderia", ou, que eu "não tinha idade ainda para compreender certas coisas", ou, que "um rapaz estudado que trabalha só com a cabeça nunca vai entender o pensamento do pobre". Comigo aconteceu a mesma coisa. Logo que me aproximei dos entrevistados, que invadi suas casas e devassei suas vidas, também me deparei com momentos de estranheza e até de espanto.

Mas a emoção foi o que nos manteve unidos e facilitou a nossa convivência durante quase um ano de pesquisa. Muitas vezes, ouvindo suas histórias, era preciso interromper a conversa porque o entrevistado, emocionado, chorava, ou dava boas gargalhadas. Algumas vezes cheguei a apelar para que "em nome de nossa amizade" nos encontrássemos "só mais uma vez" no sábado de noite, "porque eu não entendi direito aquela história na sua infância". Sempre tive ótima receptividade.

Junto com a emoção estava também a preocupação em fazer um trabalho que fosse científico e, para isso, tive que preparar relatórios, questionários, fazer observações minuciosas, visitas em casa, nos locais de trabalho, em locais de lazer. Isso permitiu um tratamento mais cuidadoso de análise dos dados de todo o material da pesquisa.

Antes de iniciar a pesquisa propriamente, estabeleci com cada entrevistado um contato prévio. Em conversa informal, sempre pessoalmente, apresentava-me e expunha em linhas bem gerais o quê, para quê, e como era a pesquisa que estava sendo realizada. Havendo concordância quanto a participação na pesquisa, marcávamos outros encontros.¹¹

As entrevistas foram realizadas em local e hora preferidos pelos entrevistados.

¹⁰ (Salem, 1986:27)

¹¹ Só houve uma recusa. Uma empresária da rede hoteleira alegou-me, depois de desmarcar por várias vezes nosso encontro, falta de tempo em função do seu trabalho.

Sempre que possível, as entrevistas, quando feitas no trabalho, eram completadas com visitas em casa e vice-versa, afim de possibilitar uma amplitude maior nas observações, em espaços sociais distintos.

Um dos requisitos na delimitação do universo de pesquisa foi que houvesse a maior heterogeneidade possível nas experiências sociais dos entrevistados. A ênfase na multiplicidade de experiências sociais deve-se aos propósitos e ao tratamento dado ao objeto de investigação. Pois, um dos objetivos era o de investigar como os entrevistados interpretam e organizam o curso de suas vidas e dão sentidos específicos a faixa dos 40 anos, tendo como pano de fundo suas experiências no mundo.

Tomo de empréstimo o conceito de experiência social de Thompson (1987:112) que a define como termo intermediário entre o ser social e a consciência social. Ressalvando, todavia, que com esse conceito ele dá ênfase à experiência de classe, enquanto que o sentido que empreguei busca abranger uma gama maior de experiências.

O universo pesquisado está composto por indivíduos na faixa etária dos 38 aos 49 anos. Foram 28 entrevistados no total, separados em quatro grupos de sete indivíduos recortados da seguinte forma:¹²

a) Recorte por estrato sócio-econômico:

Analisar como a vida é periodizada por grupos distintos do ponto de vista sócio-econômico foi um recurso para pensar nas modificações ocorridas na forma como o trabalho, a família e outras formas de sociabilidade, estão sendo vivenciadas, e no tipo de espaço que cada uma dessas esferas ocupa, enquanto foco de organização da vida, de avaliação, de experiências passadas e elaboração de projetos futuros.

Dadas as peculiaridades sócio-culturais da sociedade brasileira, supus, ao menos como hipótese de trabalho, que o grau de escolaridade e de especialização profissional dariam

¹²No final deste capítulo apresento uma tabela com as características gerais do grupo entrevistado e, no anexo I “apresentando os entrevistados”, faço um perfil mais detalhado de cada um.

condições de acesso e exposição a um conjunto diferenciado de informações, que poderiam ocasionar significados distintos à forma como o curso da vida é periodizado. Em vista disso, dividi inicialmente o universo a ser pesquisado em dois grupos. O primeiro, está composto por trabalhadores da construção civil, funcionários da limpeza pública e zeladores escolares, todos com o curso primário incompleto. A renda média de suas famílias gira em torno de três salários mínimos mensais, o equivalente 690 mil cruzeiros, ou 180 dólares, (setembro/1992).

O segundo grupo está composto por profissionais liberais e profissionais da área de ensino, direito e saúde. Todos têm curso universitário e exercem suas profissões. A renda média mensal de suas famílias gira em torno de doze salários mínimos, o equivalente a 2 milhões e 760 mil cruzeiros, ou 720 dólares,(setembro/1992). Desse ponto de vista este grupo pertence a uma minoria, que não é representativa da população do município, mas é significativa para o meu trabalho, na medida que suas experiências foram contrastadas.

Acredito que critérios isolados como os de "estratificação social" ou "posição de classe", não podem ser considerados os únicos veiculadores das experiências dos indivíduos na sociedade, por que estes não captam sozinhos outras dimensões da vida social, que escapam do simples reflexo das relações de produção. Recorte sócio-econômico aqui é entendido como um recurso teórico-metodológico, que busca conciliar tanto aspectos sócio-econômicos, quanto simbólicos. Essa idéia pode ser condensada no conceito de *habitus* de Bourdieu (1974), onde esquemas básicos de percepção e compreensão da realidade dados a partir das condições sociais geram práticas que ele denomina de "*estilo de vida*".

Interessou-me entender em que medida é possível identificar semelhanças entre o modo como esses grupos dão sentidos às suas experiências na faixa dos 40 anos, ou, se as diferenças quanto as formas de consumo e os serviços de que dispõem, poderiam influir na constituição de um repertório simbólico diferenciado.

b) Recorte por gênero:

Embora a base inicial desse recorte tenha sido o sexo biológico, não parti do

pressuposto de que o sexo biológico, *per si*, influi na visão de mundo do entrevistado. Ao contrário, minha preocupação foi a de compreender se havia uma representação social de gênero entre os entrevistados e de que modo estas constituem suas experiências sociais.

Os trabalhos preocupados com a questão feminina têm apontado diferenças entre homens e mulheres, quanto à forma de inserção no mercado de trabalho, no planejamento de suas carreiras profissionais, na relação com a esfera doméstica e outras formas de sociabilidade.¹³ O fato de as mulheres na faixa dos 40 anos estarem próximas ou terem finalizado o ciclo reprodutivo, levou-me a supor, inicialmente, que a meia-idade ganhasse para elas significados distintos do que aqueles atribuídos aos homens nessa mesma etapa da vida. E, a considerar que seria preciso olhar com atenção para o caráter destas diferenças. Interessou-me, portanto, ver se estas diferenças levam a formas distintas de simbolização e periodização do curso da vida na faixa de idade a que pertencem.

Além desses dois recortes, procurei dar atenção ao tipo de unidade doméstica onde se insere o entrevistado. Assim, obtive um grupo que é bastante heterogêneo, do ponto de vista das experiências conjugais, parentais e pela posição que ocupam dentro de suas famílias.

Bruschini (1990:80) opera com um conceito de família e unidade doméstica onde os indivíduos estão constantemente revendo e discutindo seus valores a cada etapa do ciclo familiar. Nessa perspectiva, a idade ou o gênero dos membros, o nascimento ou crescimento dos filhos, a morte de algum membro da família, são mais alguns dos elementos que dão forma particular às experiências das pessoas. E, é preciso supor que podem, por isso, dar também um significado específico a forma como a faixa dos 40 anos é semantizada pelos entrevistados.

Em suma, nessa pesquisa não pretendi trabalhar com uma amostra representativa do ponto de vista numérico. Meu interesse foi antes trabalhar com um grupo pequeno

¹³ Sobre isso ver a excelente resenha de M. V. J. Pena, (1986) e o texto de Costa (1994).

de indivíduos de forma a poder, através de uma metodologia qualitativa, "conversar",¹⁴ com os entrevistados e não lhes impor as categorias do pesquisador. Pelo contrário, a experiência concreta dos entrevistados criou um quadro de referência fundamental na reavaliação das hipóteses e dos pressupostos da pesquisa. Isso permitiu que novas dimensões e problemas fossem tratados de maneira mais "criativa".¹⁵

A escolha dos entrevistados, como já dito, de modo geral foi pautada pela idade, sexo, nível de consumo e inserção no mundo do trabalho. A maioria dos entrevistados são casados, ou viúvos e têm filhos. No entanto, os seguintes casos estão minimamente representados: dois entrevistados são solteiros e sem filhos, sendo um operário da construção civil e o outro engenheiro civil. Uma entrevistada é recém-casada e sem filhos, outra teve seu primeiro filho aos 43 anos, após o segundo casamento. Outra teve sua filha ainda solteira e só mais tarde se casou. Cinco entrevistados são divorciados, sendo quatro mulheres e um homem, o qual ficou com os filhos após o divórcio. Uma entrevistada tem quatro filhos de três casamentos. E um único entrevistado que após o divórcio voltou a se casar.

A pesquisa envolveu três etapas. Na primeira fase reconstituí as histórias de vida de cada um dos vinte e oito entrevistados. Através disso procurei analisar as relações que os entrevistados estabelecem entre as diversas etapas do desenvolvimento e a etapa atual em que estão vivendo.

As histórias de vida foram complementadas por entrevistas com média de uma hora e meia de duração, gravadas em fitas cassetes. Estas entrevistas obedeceram a um roteiro que estava centrado nas seguintes dimensões:

a) **As fases da vida:** pedi que definissem quais as fases que consideram importantes em suas vidas. Quais as que consideram importantes na vida da mulher e do homem. Se

¹⁴(Geertz, 1989).

¹⁵(Debert, 1988).

gostariam de reviver alguma fase e o que pensam de suas vidas hoje. Como definem as fases presente, passada e futura de suas vidas. Pedi ainda que comparassem a geração de hoje com as gerações passadas.

b) **As idades cronológicas:** qual o significado dos 40 anos, o que mudou (se mudou) na vida aos 40 anos, como se sente na faixa dos 40 anos, as relações com outros grupos etários, como homens e mulheres vivenciam a faixa dos 40 anos, qual a importância da idade, com que idade se sentem, que idade gostariam de ter.

c) **A esfera doméstica:** questões relacionadas ao trabalho doméstico e a participação deles ou de outros membros de suas famílias. Os assuntos mais frequentes em casa, a educação dos filhos, a vida conjugal, a vida antes e depois do casamento, o nascimento dos filhos e como se relacionam com os filhos e os cônjuges.

d) **A esfera do trabalho:** as questões versaram sobre o gosto pelo trabalho, sua importância na vida, se gostariam de parar de trabalhar e por quê, se houve interrupções, por quê, e como esse período é semantizado.

Algumas vezes as entrevistas foram livres, mas geralmente havia um roteiro orientador. Privilegiei aqueles pontos que considere referenciais da vida social, a partir dos quais o curso da vida poderia ser pensado. Neste sentido, as questões foram orientadas para se perceber a forma como a idade cronológica se inscreve no curso de suas vidas. Foi muito comum acontecer que a partir de um tema que eu propunha, os próprios entrevistados desenvolvessem outros temas associados. Isso tornou o material de análise mais rico, mas mais complexo e exigiu de minha parte uma demarcação mais clara do que realmente me interessava pesquisar. Do contrário corria o risco de me perder numa montanha de informações e dados.

A segunda fase da pesquisa envolveu a avaliação dos resultados obtidos na primeira etapa e a seleção dos locais privilegiados para a realização da terceira etapa.

A terceira fase consistiu na observação de comportamentos em locais públicos, onde

se encontram homens e mulheres de diferentes faixas etárias e condições de consumo, mas onde a presença de indivíduos na faixa etária dos 40 anos fosse efetiva. Privilegiei, inicialmente, três locais envolvendo os quatro grupos: os locais de trabalho, a família e os locais de lazer.

As observações feitas no trabalho foram orientadas no sentido de analisar a interação entre os entrevistados e outros grupos etários e sexuais. As observações na família visavam perceber a inserção dos entrevistados na dinâmica familiar, e, a observação dos locais de lazer objetivou a análise das formas de sociabilidade que os entrevistados mantinham ali.

Para facilitar a visualização das características gerais do grupo pesquisado, apresento o quadro abaixo.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ENTREVISTADOS

Nome	Idade	Ocupação Atual	Instrução Escolar	Situação Conjugal	nº de filhos (idade)	nº de netos (idade)	Renda familiar (em dólares) ¹⁶
Amélia	42	Func. lim. púb.	prim. inc.	divorc.	1 (9)	-	100,00
Arnaldo	41	op. const. civil	prim. inc.	casado	5 (5,9,12,15 12,16)	-	130,00
Augusta	46	func. lim. púb.	prim. inc.	viúva	6 (10,17, 18,20,21, 23)	-	180,00
Aurélio	49	professor	superior	divorc.	7 (16,18, 20,23,25, 28)	-	600,00
Beatriz	49	professora	superior	casada	1 (6)	-	390,00
Celso	40	op. const. civil	prim. inc.	solteiro	-	-	200,00
Dirceu	38	op. const. civil	prim. inc.	casado	3 (5,9,16)	-	130,00
Eunice	45	professora	superior	casada	-	-	390,00
Fátima	48	func. lim. púb.	prim. inc.	casada	2 (10,23)	-	180,00
Francisco	38	op. const. civil	prim. inc.	casado	3 (2,14,16)	-	130,00
Henrique	38	andrologista	superior	casado	1 (2)	-	2.600,00
Inês	47	zeladora	prim. inc.	viúva	1 (24)	1 (6)	130,00

(Continua)

¹⁶ Na época da pesquisa o dólar americano sofria variação cambial diária. O cálculo foi feito com base na variação média do mês de setembro de 1992.

Nome	Idade	Ocupação Atual	Instrução Escolar	Situação Conjugal	nº de filhos (idade)	nº de netos (idade)	Renda familiar (em dólares)
Joel	44	op. const. civil	prim. inc.	casado	3 (4,9,11)	-	100,00
Jorge	38	empresário	superior	casado	1 (3)	-	3.900,00
Laura	49	zeladora	prim. inc.	divorc.	2 (24,31)	-	100,00
Lourdes	48	zeladora	prim. inc.	casada	3 (15,21,26)	2 (5,6)	100,00
Lúcia	41	advogada	superior	casada	2 (12,14)	-	1.300,00
Manuel	49	op. const. civil	prim. inc.	casado	8 (12,15,17,18,22,25,29,31)	3 (3,7,10)	150,00
Marta	41	advogada	superior	divorc.	4 (7meses, 2,14,20)	-	2.600,00
Milton	40	func. limp. púb.	prim. inc.	casado	3 (3,4,6)	-	130,00
Paulo	38	juiz de direito	superior	casado	2 (5,8)	-	3.900,00
Pedro	44	psiquiatra	superior	casado	2 (5,11)	-	1.800,00
Rita	39	clínica geral	superior	casada	3 (3,8,11)	-	2.600,00
Rubens	41	ginecologista	superior	casado	4 (7,9,10,14)	-	1.800,00
Sônia	43	professora	superior	divorc.	2 (12,16)	-	520,00
Sueli	47	zeladora	prim. inc.	viúva	3 (20,20,22)	-	150,00
Valdir	38	engenh. civil.	superior	solteiro	-	-	600,00
Vilma	40	dentista	superior	casada	3 (9,13,14)	-	1.880,00

CAPÍTULO 4

O TEMPO CRONOLÓGICO E O TEMPO VIVIDO

4.1. O susto dos 40

O termo mais utilizado pelos entrevistados para descrever a passagem para os 40 anos foi o "susto". *"Susto porque de repente meus filhos cresceram". "Susto porque passei a observar melhor meu rosto e vi que tenho mais rugas do que imaginava". "Susto porque não consigo mais nadar os cinqüenta metros da piscina do clube". "Susto porque de repente descobri que a morte está mais perto".*

Visto de outro ângulo, o espanto dos entrevistados parecia incompreensível. Afinal de contas, os filhos não crescem de repente, rugas não surgem do dia para noite, e a morte é uma ameaça que nos ronda desde que nascemos.

A *"sensação"*, disse-me a professora Eunice em relação aos seus 45 anos, *"é que parece que tudo passou muito depressa, rápido demais, e só agora é que me dei conta disso"*.

A idéia de que a partir dos 40 anos começa-se a contagem do tempo que resta para viver é uma metáfora de tempo vivido que deve ser complexificada.

Pensar no tempo vivido foi para os entrevistados recolocar uma série de desafios que implicam também num redimensionamento de toda a trajetória da vida. Alguns entrevistados

pareciam arrefecer ante o desafio de "viver o tempo que lhes resta", outros, no entanto, diziam que encontraram nesta situação a força que precisavam para vencer alguns obstáculos.

"Daqui prá frente eu só espero a morte!", lamentou Augusta, funcionária da limpeza. Medo da morte, da velhice, das doenças, da dependência econômica, do abandono dos filhos, são alguns dos fantasmas que imediatamente surgem à mente de alguns entrevistados, quando relacionam sua idade e o curso da vida.

Outros, no entanto, parecem vislumbrar novas "opções" que podem mudar radicalmente o caminho dos acontecimentos. "Opção", aliás, foi uma palavra bastante utilizada pelas mulheres entrevistadas, para caracterizar os desafios desse período. A possibilidade de mudar a vida, ou o medo de viver "daqui prá frente", representam maneiras distintas de se lidar com "o tempo que resta para viver".

Nos depoimentos de algumas entrevistadas, expressões tais como: "eu vou fazer o quê?", seguidas de "se eu tivesse ...", davam o tom de como o desafio pode ser enfrentado. Amélia, por exemplo, que trabalha na limpeza pública, teme que "daqui prá frente", fique mais doente e dependente da filha: *"se eu tivesse uma profissão que eu ganhasse mais"*, argumentou, *"eu ia ficar mais tranqüila"*.

A possibilidade de "optar" (ou mesmo a falta de opção) é sem dúvida um elemento novo na vida dessas mulheres. E isto é reconhecido como tal. Suas mães, argumentaram, não tinham muitas opções na vida, ou ficavam solteiras ou casavam-se. Hoje, "opções" como estudar, trabalhar, divorciar-se ou não ter filhos, podem ser incluídas em suas trajetórias de vida.

A "opção", entretanto, não é característica apenas de uma geração. É também reflexo da idade: aos 40 anos, afirmam as entrevistadas, a maturidade permite que se façam opções na vida com mais segurança e certeza daquilo que se quer. O mesmo não aconteceria com uma jovem que "não tem maturidade ainda para escolher o que é bom para si".

Sobretudo entre as entrevistadas que fizeram uma carreira universitária, a "opção"

aparece com muito mais força. Provavelmente porque a carreira em suas vidas fez parte de um "projeto de vida" definido ainda na juventude. É, inclusive, um modo de integrar o passado e o presente da vida. A "opção" atual em aperfeiçoar-se na carreira, voltar a estudar, investir mais na vida pessoal, é, na verdade uma opção por si mesmas. Um modo de compensar, segundo elas, os longos anos de dedicação às suas famílias, em detrimento de suas carreiras. Não é apenas uma resposta ao desafio de "viver o tempo que lhes resta", mas a possibilidade de redesenhar suas trajetórias, revendo os limites dados pela idade cronológica.

Nesse caso a "contagem regressiva do tempo da vida" nem de longe evoca imagens de tragédia final. Pelo contrário, a "virada dos 40" pode representar a possibilidade de realizações impensadas em anos anteriores. Por isso pode se transformar no melhor período da vida. Essa é a opinião da médica Rita:

"Olha, eu acho que agora estou entrando numa fase boa. Já me realizei. Já construí tudo o que eu tinha que construir. Tenho uma posição sólida. Já sei lidar bem com os meus filhos. Quer dizer, eu acho que a mulher se torna mais mulher, se sente muito melhor nessa idade, porque agora tem maturidade, coisa que eu não tinha há 15 anos atrás. Essa fase é ótima, acho que agora estou na flor da idade. Depois de todos esses anos eu sei muito bem o que eu quero para mim, e sei que tenho condições de realizar".

A professora Sônia, tal como Rita, disse estar vivendo o melhor período da sua vida. Há um bom tempo ela alimentava a idéia de divorciar-se, mas sequer conversava sobre isso com o marido. Os filhos adolescentes, a vida economicamente estável que o marido, médico, proporcionava à família no Rio de Janeiro, a mãe muito doente, tudo era motivo para que ela "tirasse essas idéias da cabeça", como ela mesma conta.

A coragem de largar tudo para *"começar a pensar mais em mim"*, disse-me, veio de onde ela jamais imaginaria. Uma doença que atacou-lhe o fêmur direito e que obrigou-lhe a substituir boa parte do osso por platina, fê-la pensar que "estava na hora de mudar de vida". *"Eu estava com 40 anos e estava com uma doença de velho"*, disse-me repetindo o que havia ouvido de seu próprio médico.

"Sabe Evaldo, eu sei que esses problemas de calcificação nos ossos pode acontecer em qualquer idade, sei lá, tem até a ver com a aproximação da menopausa, mudanças de hormônios no corpo da gente ... mas, sei lá, eu senti assim que minha vida estava indo, que o

tempo estava passando e que se eu não tomasse uma atitude na minha vida eu ia, mais pra frente, ser uma velha infeliz, amarga, triste, com certeza. Eu não quero e não mereço isso para mim. Sabe, naquela época eu comecei a pensar exatamente assim: será meu Deus que minha vida é isso aqui? Tudo parecia tão pequeno ... eu vi assim que a minha vida toda eu vivi de forma pequena, escondida e que cada vez mais eu ia sumindo, sumindo ..."

O "susto" foi menos com a doença e mais com o que tinha sido sua vida até então. Sônia disse-me que começou a rever sua vida como num filme com imagens aceleradas. Embora adorasse seus filhos e se realizasse como professora de português no colégio, sentiu que "agora, mais do que nunca", era o momento de corrigir o curso de sua vida e tentar viver com mais felicidade "o tempo que lhe restava". Poucos meses após o bem sucedido tratamento médico ela já estava divorciada. Fez um concurso para professor em São Lourenço, onde costumava passar os fins de semana com o marido. Há um ano vive ali com os filhos e dá aulas numa escola estadual e em outra particular. Com a divisão dos bens do casal abriu uma loja de confecções e tem ajuda da filha de 16 e do filho de 12 anos. A relação com o pai de seus filhos, segundo ela, é amistosa.

Aos 43 anos Sônia fixou um novo cronograma para suas metas:

"O corpo as vezes parece meio cansado, mas o espírito está dando piruetas. Me sinto com 20 anos porque tenho tantas coisas que quero realizar na vida! Sei lá, aproveitar, viajar, escrever ... Quero escrever poesias, um livro ..."

"Deixar alguma coisa" é o desafio maior que se impõe aos homens que entrevistei. A percepção do declínio da vida a partir dos 40 anos, apela para que, de algum modo, deixem no mundo alguma contribuição que possa ser reconhecida como própria de cada um. Pode ser um exemplo de bom pai (e ser humano) para os filhos. Talvez um exemplo de bom médico na cidade, ou quem sabe apenas o exemplo de um "homem de verdade" para a sociedade.

A "vida que resta para viver" deve estar a serviço do bem coletivo, da sociedade ou da família. Levinson (apud Rossi, 1980) chama de "generatividade" esta mudança que ocorre na meia-idade do homem, em contraste com as fases anteriores da vida onde os interesses pessoais, a competitividade no trabalho e o egocentrismo seriam suas características mais marcantes. Neste aspecto, os homens parecem descrever uma trajetória inversa à das mulheres

do começo da vida adulta até a meia-idade.

Milton e Valdir são exemplos de que experiências sociais distintas podem influir na forma como o curso da vida é investido de significados. O primeiro é funcionário da limpeza pública, casado e tem três filhos pequenos, o segundo é engenheiro civil, solteiro e sem filhos.

Milton era alcoólatra, mas parou de beber há dois anos. É um homem franzino, com menos de 1,60 cm de altura, negro, fala alto e gesticula bastante. *"Tá vendo aquele caminhão ali"*, disse-me apontando para o caminhão da limpeza, próximo de nós, na garagem da prefeitura: *"o dia que eu caí dali que nem um cachorro e me quebrei todo, eu vi que eu tinha de parar de beber para não morrer"*. Milton bebeu dos 14 aos 38 anos. Quando não tinha dinheiro para comprar cachaça, bebia álcool ou pedia dinheiro emprestado de amigos. Muitas vezes o dinheiro da comida da família era gasto nos bares da cidade. A fome era inevitável, ainda que a esposa tentasse melhorar a situação, aumentando as horas de trabalho como faxineira em várias casas de família.

"Eu só pensava em mim", disse-me Milton, *"eu tendo a bebida para mim estava tudo bom"*. *"Com a idade"*, afirmou, foi percebendo que estava na hora de virar um *"homem de verdade"*:

"Se eu morresse, caísse aí morto, que exemplo que meus filhos iam ter do pai deles. Você já pensou?".

Hoje, mais responsável pela família, mais trabalhador, mais atencioso com a esposa e os filhos, Milton considera-se "um homem", um exemplo para os filhos. Isso graças ao abandono do vício que ele venceu sozinho.

O engenheiro Valdir sempre rejeitou a idéia de se casar, mas ultimamente o "medo de acabar sozinho" e a "vontade de deixar alguma coisa para alguém" são preocupações que têm lhe vindo à cabeça com muita insistência. Conversamos longamente em seu escritório de engenharia, uma pequena sala no centro da cidade.

Seus pais, com quem vive, estão muito velhos e ele sabe que a qualquer momento

poderá perdê-los. Quanto aos amigos, a maioria já se casou.

Namorou mulheres bem mais jovens, bem mais velhas, divorciadas, já foi amante de mulheres casadas, mas com nenhuma delas houve uma relação duradoura. Agora, próximo dos 40, diz que *"anda meio cansado de galinhagem"*. Sente que precisa encontrar um sentido para a vida. Isto o tem levado a rever seus planos:

"Agora já com quase 40 anos eu estou pensando em casar, entendeu? Mas falta o principal: eu não tenho ninguém em vista! Eu tenho que constituir família, porque sei lá Eu quero casar para ter raízes, para ter filhos ... eu sei que não precisa casar para ter filhos, mas a gente começa a achar que não tem sentido a vida se você não tem continuidade. Eu acho que família meio que te dá isso, né?"

A faixa cronológica dos 40 anos parece provocar a incômoda sensação de que o tempo se esgota e que se está diante das últimas chances da vida. O temor da velhice e da morte ao mesmo tempo em que aponta para um futuro incerto, de outro modo pode despertar para possibilidades inimagináveis, que só mesmo a "consciência do declínio da vida" poderia despertar. Mas, de qualquer modo, o maior desafio é contra o tempo, afinal, aos 40 anos atinge-se "o topo da vida". Esse desafio, no entanto, é enfrentado de maneiras muito distintas.

4.2. O declínio do corpo e o acúmulo da sabedoria

Para os entrevistados um dos maiores desafios dos 40 anos é: como continuar sendo jovem sem deixar de lado as experiências adquiridas ao longo da vida e, ao mesmo tempo, não ser velho apesar de algumas rugas, de alguns fios de cabelo branco, da flacidez, e do corpo mais cansado?

Sônia dá uma pista de como isso é possível.

"Um indivíduo pode ter 20 anos e mentalidade de 80. Ou, ao contrário, um indivíduo pode ter 80 anos cronológicos e ter a cabeça de um jovem de 20".

Em todos os depoimentos a preocupação em torno da "juventude" e do "envelhecimento" da vida orientava todas nossas conversas. O "sentir-se jovem ou velho aos

40 anos" transformou-se num tema obrigatório nas entrevistas.

Estar na faixa dos 40 anos é localizar-se no limite entre a "juventude" e o "envelhecimento". No meio da vida. É como se, subindo uma montanha, atingíssemos o topo e iniciássemos a descida. A busca da juventude da vida é uma saída encontrada para lidar com a idéia de declínio e o desprezo pelo envelhecimento é uma rejeição a esta mesma idéia.

Em nossa sociedade a exaltação do jovem, ou melhor, dos signos da juventude da vida, e o desprezo para com qualquer imagem que nos identifique como idosos ou nos relacione com aquilo que imaginamos ser a velhice, é um fato evidente. Mas o que observei é que a exaltação da "juventude" e o desprezo pelo "envelhecimento" aos 40 anos tem razões muito particulares.

Os entrevistados reconhecem que com 40 anos não podem mais se identificar com os jovens não apenas "porque não fica bem". Também não querem abrir mão da vivência acumulada, do crescimento pessoal, da maturidade dos 40, e trocá-la *"pela cabeça de um brotinho"*, como me disse Rita, orgulhosa de sua experiência de vida.

O que eles querem é manter o "espírito jovem" sem que com isso tenham que jogar fora suas bagagens de vida pelo meio do caminho. Mas essa tarefa não parece nada fácil. Primeiro é preciso lutar contra um dos maiores inimigos: o corpo. Através de seus sinais ele avisa que se iniciou o declínio da vida. Aos 40 anos não se tem mais o vigor físico de quando se tinha 20, mas: *"quem disse que o corpo da gente é o mais importante? O importante é o que vai por dentro!"*, disse-me a zeladora Lourdes, em tom de afronta, num quase desafio.

O mais importante é o espírito, argumentavam todos os entrevistados, porque ele pode se manter intacto a despeito da passagem do tempo. Se o corpo, como linguagem, traduz a decadência, o espírito, ao contrário, pode estar na flor da idade. Viver os 40 é experimentar esse paradoxo.

A distinção entre "corpo" e "espírito" organiza pelo menos dois conjuntos de significação. Primeiro, aponta uma nova compreensão de si: é preciso "mergulhar fundo em si

mesmo para descobrir lá dentro a verdadeira identidade", que só o avanço da idade permite ver com clareza: "eu sou jovem porque eu me sinto jovem", justificou Joel. Segundo, uma recusa da aceitação das formas convencionais de opor jovens e velhos que tem por base a cronologia. Muitos entrevistados me disseram: "para mim eu sou jovem e é isso o que importa".

Mas manter-se jovem não é tão fácil. Na expressão dos entrevistados é "soltar as emoções", desembaraçar-se de falsos compromissos. Mas implica, entretanto, uma disciplina rígida de controle do comportamento. É preciso seguir alguns princípios básicos, cujo comando está em nossas próprias mãos. A dentista Vilma, por exemplo, "deixou" que as preocupações com os filhos recaíssem todas sobre os seus ombros. Em razão disso tornou-se "uma velha".

"Velha". É assim que Vilma se vê aos 40 anos. Ela acredita ser mais velha "por dentro" devido as suas preocupações com a educação dos filhos. Enquanto conversávamos na sala de espera do seu consultório odontológico, afirmou várias vezes que os problemas do cotidiano doméstico eram a origem do seu "envelhecimento mental precoce".

"Tem gente que pergunta se eu sou viúva ou separada", disse-me com a voz embargada. É que o marido, representante comercial em diversas cidades do sul de Minas, aparece em casa no máximo uma vez por semana e não divide com ela nenhuma das preocupações do cotidiano familiar.

"Me sinto com 70 anos. Eu não tenho muita ilusão, sabe? Eu sempre vivo hoje pensando daqui há dez anos, nunca vivo o presente, eu vivo sempre o futuro, e o futuro me preocupa muito, principalmente em relação aos três filhos. Sabe, então, é por isso que me sinto com 70 anos. Não tenho muita ilusão. Eu me preocupo com eles. O que vai ser de cada um, né? Entrar na faculdade hoje em dia é uma guerra, tem que ter um preparo. Começar na profissão não é fácil. Me preocupo principalmente com as duas meninas. É por isso que me sinto com 70 anos, fico imaginando as meninas mais moças adultas, já formadas. Sabe o que acontece? Depois que eu tive os três filhos eu não liguei mais para minha vida. Eu vivo para a profissão e os três, a minha vida foi ficando, sabe?"

Em dificuldades para "colocar-se em primeiro lugar" ela vive hoje um grande sentimento de culpa por querer pensar em si mesma, já que no passado não se dedicou

integralmente aos cuidados dos filhos pequenos.

"(...) eu sempre quis conciliar meu trabalho, mas o que atrapalhava era o sentimento de culpa de eu não poder dar atenção que eles (os filhos) deveriam ter. Eu acho o seguinte, a mulher, a gente entra num conflito, tem de dedicar assim tempo integral aos filhos. Mas, hoje em dia a vida em si mudou. Na minha maneira eu acho que você tem que se dedicar exclusivamente aos filhos. Agora, pensando em minha pessoa, se eu não tivesse a minha profissão? Meus filhos vão crescer, amanhã vão ter a vida deles. E eu o quê que eu fiz de mim? Então eu me realizei na minha profissão. Eu acho que é importante a mulher se realizar profissionalmente também. Só que ela entra em conflito".

A solução que Vilma propõe para resolver o conflito entre as prioridades domésticas e sua vida pessoal, é no mínimo curiosa:

"Eu acho que devia ter etapas na vida, primeiro você vivia e criava os filhos, depois você ia trabalhar. Só que daí você está numa idade já idosa e você não vai ter aquela energia. Ou, se a gente tivesse o dom da bilocação: você estaria em casa e ao mesmo tempo no consultório. Agora como realização pessoal eu acho que a mulher só se realiza completamente profissionalmente. Acho que o casamento e principalmente os filhos, sem eles a vida não teria sentido se não os tivesse, mas eu me encontrei na minha profissão".

Mas, nem sempre a reverência à juventude está associada ao "terror pelo declínio da vida". Ela pode estar associada às novas e promissoras possibilidades que somente com a "virada dos 40 pode se experimentar".

É o que pensa a advogada Marta. Neste caso o corpo não é tão importante *"porque o que importa é o que vai dentro da gente"*. Marta nos mostra um outro modo de enaltecer a "juventude" e desfrutar "o tempo que resta para viver".

Ela aposta tudo nos 40: *"é meu grande momento"*, disse-me. Em sua opinião suas melhores chances começam agora. Foi militante de esquerda durante o regime militar, fez teatro em São Paulo, foi jornalista e fotógrafa, desfez-se de três casamentos. Teve quatro filhos, a mais velha tem 20 anos e o mais novo 7 meses. Orgulha-se de educar a todos sozinha, *"sem ajuda de homem nenhum"*. Sente-se madura e preparada para a vida hoje mais do que nunca.

"Evaldo, eu posso te dizer que aproveitei a vida, vivi muito mesmo. Mas muita coisa hoje, revendo meu passado, eu não faria, por exemplo, meu último casamento ... Por outro lado eu aprendi muita coisa que não teria aprendido se não tivesse feito burrada, entendeu? Hoje eu posso te dizer que sei o que quero com toda certeza. Os quarenta anos me deram isso, essa capacidade de visão das coisas. Hoje eu posso muito mais, quero muito mais e sei que tenho muito a dar de mim".

O "novo tempo" que os 40 anos inaugurou em sua vida será desfrutado com maiores investimentos pessoais, notadamente em sua carreira. O mestrado em Direito de Família, há anos vem sendo adiado, mas agora ela sente que chegou a hora. O concurso público para a promotoria de justiça é o passo seguinte:

"Se eu não prestar logo esse concurso dificilmente eu passo, eles olham muito a idade. Pessoas mais novas são as preferidas. Como eu já tenho certa idade, isso me preocupa um pouco".

São essas novas perspectivas profissionais que lhe dá a "sensação de juventude" aos 40. Mas não é só isso. Marta disse que até aos 15 anos viveu fechada num convento em Buenos Aires, onde nasceu. A família, muito católica, vigiava seus passos, e só quando veio ao Brasil sozinha para trabalhar foi que começou a "aproveitar a vida". Mas foi por pouco tempo. Logo se casou, vieram os filhos, outro casamento, outros filhos ... *"e eu fui ficando sempre em segundo plano"*, afirma. Agora ela quer que tudo seja diferente. Casar novamente? Nem pensar! Namoro? Talvez. Mas cada um em sua casa:

"Talvez até seria interessante eu se vivesse com outra mulher, prá me fazer companhia, para ser minha amiga, tomar chá comigo. Os homens não são bons companheiros, amigos. São bons para cama, mas isso é fácil conseguir por aí".

- Filhos?

Chega!

- E o futuro?

"Quero uma velhice como a de Simone de Beauvoir. Quero escrever minhas memórias, contar minhas histórias, minhas aventuras ..."

- E quanto ao corpo?

"Eu me cuido direitinho. Posso não ser linda e maravilhosa, mas acho que cheguei aos 40 muito bem. Talvez daqui uns 10 a 20 anos eu faça uma plastiquinha, só pra dar uma esticadinha!"

Para todas as mulheres que entrevistei "manter-se ocupada", "trabalhar fora de casa", "sentir-se útil", "produzir alguma coisa", é o modo mais recomendado para quem quer incorporar o espírito da juventude e exorcizar o perigo do envelhecimento aos 40 anos.

As entrevistadas, funcionárias da limpeza pública, destacaram a alegria que encontram junto às colegas de trabalho, a amizade, o desabafo, a compreensão de seus problemas mais íntimos e até a solidariedade nos momentos de dificuldade financeira como aspectos rejuvenescedores de suas vidas no trabalho. As entrevistadas com carreiras universitárias destacaram o prazer de estar fazendo aquilo que gostam, de se realizar, de sentirem-se úteis.

"Aqui o tempo passa e a gente nem vê", disse-me Inês sobre seu cotidiano de trabalho. Para todas as entrevistadas a liberdade, a independência, "o ser dona do próprio nariz", são fatores de peso em seus "estados de espírito jovem" aos 40.

"Ficar parada dentro de casa vendo a banda passar? Nem pensar!", comentou Amélia. Esta idéia se encaixa perfeitamente na concepção generalizada entre as entrevistadas de que ficar em casa *"é ficar parada no tempo"*. Quem pára no tempo envelhece, torna-se inútil. Essa fala surgiu enquanto conversávamos na garagem do subsolo da prefeitura, local onde todo o equipamento de limpeza das ruas fica alojado. Amélia tentava definir seu "estado de espírito jovem". Dizia-se "jovem por dentro" porque no trabalho ela era das mais sorridentes: *"perto de mim ninguém fica triste"*, lembrando seu permanente bom humor.

"Eu não agüento ficar parada. Sábado e domingo eu acho horrível. A gente não tem sentido sem o trabalho. A gente fica vazio por dentro. Levanta da cama e não tem nada para fazer. Como é que a gente vai fazer? Tudo sem sentido, inútil, né? O trabalho faz bem para a saúde. O trabalho é a primeira coisa que tem que ter".

O trabalho como "fonte de juventude" é, ao mesmo tempo, fonte de "realização pessoal" para as entrevistadas. O trabalho fora de casa no "projeto de vida" dessas mulheres, não aparece apenas associado à conjuntura econômica, ao gênero a que pertencem, ou ao ciclo familiar, a idade também se destaca como um fator importante na compreensão do modo como o trabalho se insere em suas vidas.

Para os homens que entrevistei os momentos de lazer é que são reencontros com a juventude. *"Homem que é homem tem que trabalhar, senão vai viver como?"* Essa idéia, defendida por todo o conjunto de homens entrevistados, denota que para eles o trabalho é parte constitutiva da identidade masculina: uma obrigação e um peso em suas vidas.

É o trabalho também que explicita o "declínio da vida". Corpos cansados, lentos, pesados, quase não suportam uma jornada de trabalho: é sinal que estão envelhecendo fisicamente.

Mesmo com o corpo em declínio, só se manterá jovem quem conservar a disposição para sair de casa para passear com amigos, mesmo que seja uma conversa de botequim depois do expediente, um jogo de futebol no domingo de manhã, um passeio de moto nas montanhas, uma pescaria, um cursinho de violão no sábado à tarde, ou uma "escapadinha" para curtir uma noite numa boate, "ficar" com alguém e depois voltar para casa.

Os momentos de lazer como propiciadores de um "estado de espírito jovem" são atividades que se desenvolvem numa esfera separada da vida no trabalho e na família, geralmente com amigos do mesmo sexo e faixa de idade.

O indivíduo "jovem por dentro" conserva o mesmo vigor, disposição e coragem que tinha aos 18 anos. Claro que hoje em dia a situação e os limites são outros. O casamento, os filhos, o trabalho, a idade, a maturidade, não permitem que tudo aquilo que foi a juventude no passado possa ser vivida da mesma forma hoje. Mas o "espírito" do passado pode ser reproduzido no presente, principalmente porque serve de alento para o "tempo que resta para viver". Os anos passados da juventude são recriados no presente como um tempo em que imperava a alegria de viver, a liberdade e o prazer, essenciais para a maturidade de hoje.

Todos os homens que entrevistei disseram que o período que mais marcou-lhes a vida foram os anos de juventude. Principalmente porque foi ali que encontraram a "bagagem" necessária para percorrer as demais etapas do desenvolvimento adulto até encontrar a maturidade de que desfrutam hoje. Manter alguma atividade de lazer é um modo de "sentir" a juventude, não uma maneira de transformar-se num jovem.

Embora o nível de consumo seja um elemento importante no acesso às formas de lazer dos homens entrevistados, elas têm de qualquer jeito um "poder rejuvenescedor" da vida aos 40.

Esta opinião é compartilhada por Joel, Dirceu e Celso. Além de colegas de trabalho, eles se definiram como "colegas de farrá". Os três têm por hábito sair sempre juntos após o expediente de trabalho (as 18 horas) para jogar uma partida de sinuca, ou mesmo "jogar conversa fora" num dos inúmeros bares do centro da cidade.

Afirmaram que o cultivo desse hábito deve-se ao fato de que quando estão juntos se divertindo esquecem todos os problemas. *"Eu viro um menino, porque a gente ri, brinca... Até esfria a cabeça"*, justificou Dirceu sobre seu hábito de jogar sinuca com os amigos.

Eles trabalhavam na construção de um conjunto de salas comerciais na avenida Dom Pedro II, bem perto do Hotel Brasil, o único cinco estrelas da cidade. Para que pudéssemos travar algum diálogo ali tivemos que nos trancar no depósito de ferramentas - um cubículo de madeira e zinco. Lá fora, o barulho das serras cortando barras de ferro, as marteladas, e o burburinho dos operários, impedia qualquer tentativa de diálogo.

Joel, que é casado, disse que gosta de sair para namorar, e *"arranjar umas mulheres por aí"*. Recorda que esse hábito é de sua juventude e acha importante conservá-lo para se manter jovem para sempre:

"Eu tenho 44 anos, mas meu jeito é de jovem ... assim, nos pensamentos, no jeito. Então eu acho que eu vou ser jovem sempre, de cabeça, né?".

Celso, é solteiro, disse que sente que está ficando velho pois não agüenta mais trabalhar como antes. Tanto é que hoje só trabalha na parte de madeiramento nas construções. Mas, conserva o "espírito jovem":

"Se eu tiver a cabeça que eu tenho eu nunca vou ficar velho. Eu tenho aquela idéia assim de divertir, sair, passear ... Eu tenho isso aí de jovem dentro de mim".

O lazer na casa de amigos é um elemento que diferencia aqueles entrevistados com maior nível de consumo dos demais. Estes, argumentam que a cidade não oferece as possibilidades de lazer que eles apreciam, como um bom cinema, teatro, shows, bons bares e restaurantes e outras de entretenimento que só encontram em centros maiores. Por isso, preferem visitar os amigos, reuni-los em casa para conversar, beber ou jogar cartas. Outros

entrevistados como o juiz Paulo, por exemplo, diz que por ser uma *"figura pública"*, *"não fica bem"*, freqüentar certos ambientes, como os bares, *"porque vão dizer que o juiz é um alcoólatra"*. Com isso esses homens conciliam, ao mesmo tempo, a vontade de ficar mais tempo com suas famílias, já que as esposas e os filhos costumam acompanhá-los nas visitas aos amigos.

O psiquiatra Pedro acredita que é o convívio com os amigos que mantém seu "lado jovem". Ele sempre quis aprender a tocar piano, mas nunca teve tempo para isso. Quer aprender para tocar na casa de amigos, para se divertir nas horas vagas. Sobre sua disposição em aprender piano, comenta:

"Tem hora que eu me sinto com 100 anos, tem hora que eu me sinto com 20. O piano, as aulas, a reunião com os amigos, me transporta para o passado. Eu me sinto jovem de novo".

Falar da faixa dos 40 anos do ponto de vista cronológico pode significar a aproximação da morte, do fim, ou, ao contrário, o início de uma nova vida, mais madura, conscientes e seguros de suas próprias escolhas.

O "susto" com o tempo vivido leva, portanto, a uma atitude de descrença na eficácia da cronologização como mecanismo adequado de periodização da vida. E, a dissociação entre as idades cronológicas e o tempo vivido, provoca uma desconstrução da cronologia.

Pude verificar isso já nos primeiros dias da pesquisa. Fiquei surpreso com a reação de alguns entrevistados, quando lhes explicava que se tratava de uma pesquisa com pessoas na faixa dos 40 anos. Paulo, o primeiro entrevistado, já começou dizendo: *"idade não importa, importa a vida"*. Demonstrava já de início um certo desprezo pela cronologização da vida como norma institucional.

Mas, em outros contextos de suas falas a idade cronológica poderia se tornar um legítimo marcador. Rita, por exemplo, apelou para sua idade para dizer que tinha maturidade e experiência de vida suficiente para decidir sozinha sobre sua vida sob qualquer aspecto.

A linearidade, base da cronologia, parece evocar em alguns momentos determinados

sentimentos, atitudes e emoções que faz com que a melhor saída talvez seja não levá-la muito a sério. É assim que pensa Amélia e Milton.

"Eu procuro não pensar muito nessa coisa de idade, sabe? Se a gente for pensar fica louca. Ah, você vê, tem gente aí novo, que morre de repente. Morre até antes da gente né?" (Amélia)

"Ninguém quer ter idade, porque a cada vez que o sujeito aumenta a idade dele é porque ele está mais perto do dia de morrer, né? Então eu não fico contando o dia de morrer, a gente vai levando ..."

Não há consenso quanto a ter uma determinada idade cronológica e estar numa fase da vida correspondente. Atitudes e comportamentos tidos como "infantis", "adultos", de "jovens" ou de "velhos", eram aplicados à diferentes fases da vida. Aliás, foi comum encontrar entrevistados que se definiam como "jovens" e "velhos", em referência a uma mesma fase, de acordo com o contexto de sua fala. Augusta, por exemplo, sentia-se "velha" aos 48 anos porque estava com o corpo cansado, embora gostasse de seu ambiente de trabalho, não agüentava mais varrer o mesmo número de ruas que varria há 4 anos atrás, quando começou nessa atividade. No entanto, sentia-se "jovem de cabeça" porque conservava *"os mesmos pensamentos de quando era nova"*.

A "idade do espírito" descronologiza o curso da vida, e mostra que mais importante do que a "idade cronológica" o que conta mesmo é a sensação íntima, a idade "por dentro". Isso de algum modo coloca sob controle dois fantasmas que povoavam o imaginário dos entrevistados. O primeiro é o tempo: o tempo passa e o corpo envelhece, mas o que se sente "por dentro", nem o tempo pode alterar. O segundo são os "outros". É sobre isso que falarei no próximo capítulo.

4.3. Eu e os outros

A descrença na eficácia das idades cronológicas como mecanismo periodizador da vida é relativizada quando a discussão se volta para a maturidade e nesses contextos os anos

vívidos têm um peso fundamental na definição de estilos de vida e projetos para o futuro.

O indivíduo que atingiu os 40 anos, comentam os entrevistados, já tem a maturidade suficiente para saber quem ele é e o que quer da vida. Ele não precisa da aprovação dos "outros" para ser "ele mesmo", não precisa seguir regras porque "ele tem suas próprias regras", não precisa provar nada para ninguém, "porque ele reconhece seu valor".

"Os outros" se transformam numa espécie de inimigo indeterminado e o "eu" um refúgio seguro, impenetrável, o espaço da "autenticidade". Jorge, por exemplo, contou-me que até há pouco tempo valorizava as "aparências", "o que os outros pensavam", "o que os outros iam dizer". Agora, me disse: *"eu estou aprendendo a me respeitar mais, a gostar mais de mim. A ser aquilo que eu sou e pronto! Independente do que os outros vão pensar"*.

No conflito que se abre entre "eu" e os "outros" vence sempre "aquilo que eu acho", "aquilo que eu penso de mim", "aquilo que eu realmente sou". De modo contrário, aquilo que os "outros vêm em mim", "pensam de mim" ou "acreditam que eu seja", não tem nenhuma importância por tratar-se, segundo os entrevistados, de uma avaliação superficial, aparente, que não diz aquilo que "realmente somos".

Arnaldo, "é jovem", porque ele acredita que o é, não importa que pensem ou vejam o contrário. Importa o que "ele sente".

"As pessoas falam pela aparência da gente, e falam: você está meio escangalhado! Mas eu não acho assim ... dentro de mim, eu tenho para mim que sou um jovem".

A passagem de um modo de vida em que a avaliação "dos outros tinha maior importância" para outra onde "o importante é o que eu penso", significa também a mudança de um modelo de vida "menos autêntico" para outro "mais autêntico".

Ser "autêntico" é aceitar seus próprios defeitos, reconhecer suas qualidades, desafiar regras estabelecidas. *"A gente descobre que para mudar o mundo não precisa pegar em armas"*, disse-me Eunice em tom professoral, e, apontando para minha cabeça complementou: *"a mudança começa aqui ó"*. Eunice, aos 45 anos, casou-se com um homem

bem mais novo. Enfrentou muitas dificuldades para conseguir que a sua família, a família do marido e "as pessoas" aceitassem o casamento. O marido tinha 20, é portanto, 25 anos mais novo do que ela.

Eunice falou que a vida inteira viveu para sua família de origem. Como filha mais velha, ajudou a cuidar dos cinco irmãos, e como "a solteirona da família", coube-lhe a tarefa de cuidar dos pais idosos. Agora, casada há três meses, reavalia sua vida. Disse que a decisão de casar-se tem a ver com as preocupações que ela passou a ter consigo mesma e o desprezo maior com "o que os outros vão dizer".

- *Por que você resolveu se casar só agora Eunice?*

"Porque finalmente eu descobri que eu existo, que eu mereço ser feliz ... Engraçado, é uma sensação estranha, eu nunca me imaginei pensando assim, sabe essa coisa de você, pôxa, descobrir que é a sua vez, a sua chance, isso é bom demais".

- *Você acha que essa sensação tem a ver com a sua idade?*

"Em parte tem sim, sabe. Na idade da gente ... não que eu me ache velha, pelo contrário, mas o preconceito é muito grande. Eu sei que tem um monte de gente que fala: onde já se viu ela com quase 50 anos casar com um menino, e tal... ainda mais em cidade pequena, aí já viu né? Mas, sabe, eu passei a vida toda fazendo tudo direitinho. Minha vida era em casa ou na igreja, até pra ir na missa minha mãe ia junto comigo. Então, sabe, você vai vendo que sua vida vai passando, passando, e que você não viveu. Eu vivi pelos outros, eu não vivi a minha vida, entendeu? Eu fazia o que os outros achavam que era bom pra mim. Eu acho que o que mudou em mim foi isso, sabe, essa consciência de que eu existo, de que eu preciso viver minha vida, sabe, que viver para agradar os outros não dá. Esse casamento para mim foi isso, foi uma coisa que eu escolhi, com a pessoa que eu escolhi, isso para mim não é crime. É crime você amar alguém? É crime você seguir sua cabeça? Então, foi isso aí que eu fiz ..."

Por ter ouvido seu "eu interior", Eunice acredita que hoje, além de ser autêntica, tem mais segurança psicológica, firmeza de opinião e uma crença maior em seus próprios valores.

- *Como você se sente hoje depois de ter feito uma coisa que todo mundo era contra?*

"Eu me sinto aliviada, porque eu venci, nós vencemos, porque ele também sofreu muito, talvez até mais do que eu ... Eu cresci como gente, vi gente que era minha amiga dizer que o meu casamento era um absurdo, que onde já se viu umas coisas dessas, que eu estava louca. Isso foi uma lição para mim em termos de lição de vida porque eu enfrentei tudo com serenidade, eu sei mais forte, mais firme, hoje eu sei o que eu quero para mim, eu não preciso da aprovação de fulano ou beltrano para minha vida não. Se eu cometi um erro eu vou pagar o preço, horas! vou fazer o quê?"

- *Você tem medo de que tenha sido um erro?*

"Sei lá, pode até ser que não dê certo, mas pra mim vai ser uma vitória do mesmo jeito, porque eu lutei contra o mundo. Além do mais vai valer pelo que eu estou vivendo. E, quer saber? Está sendo ótimo!"

Ser "autêntico" na meia-idade é alcançar a maturidade "de quem sabe o que quer", "de quem sabe seu caminho", é reunir forças para fazer valer sua vontade para poder viver com o máximo de prazer e de satisfação.

4.4. Eu sou mais eu

Se a introspecção responde a um modo de vivenciar "o tempo que nos resta", isso não significa que a vida seja vivida do mesmo modo e com as mesmas preocupações. Homens e as mulheres, apresentaram diferenças significativas no modo como investem simbolicamente no "eu".

Valores que têm raízes comuns na ideologia individualista e no pensamento feminista, como por exemplo: "investimentos na vida pessoal", "realização profissional", "projeto pessoal", "liberdade individual" e "igualitarismo", apareceram com destaque na fala das mulheres, apesar de que as entrevistadas com carreira relacionam a faixa dos 40 às possibilidades de maior investimento no trabalho enquanto que para as outras o investimento é, sobretudo, na busca do prazer em esferas que não se confundem com o mundo do trabalho ou da família.

Três entrevistadas me chamaram a atenção especialmente pelo modo como encararam suas situações conjugais. São elas, Sueli, Laura e Amélia. A primeira é viúva e as duas últimas, divorciadas.

Entre elas existem algumas semelhanças que não são "mera coincidência", e sim "pedras no caminho" de quem nasce mulher e pobre neste país. Começaram a trabalhar aos 8 anos de idade, na roça, ajudando os pais. Mal sabem assinar os nomes. Migraram na juventude

para a cidade. Trabalharam como empregadas domésticas, babás, lavadeiras, camareiras ou ajudantes de cozinha em alguns dos inúmeros hotéis da cidade. Sem muita liberdade para namorar, casaram-se com os primeiros homens que lhes pediram em casamento, desde que aprovados pelos pais. As separadas viveram casamentos infelizes: maridos alcoólatras, violentos, irresponsáveis. A viúvas viu do dia para noite seu sonho de família feliz desabar. Nenhuma delas casou-se novamente. Todas ficaram com filhos pequenos para criar. Conheceram a miséria, a fome, a solidão. Sempre trabalharam muito, sustentaram sozinhas seus filhos. Apesar de tudo isso consideraram-se felizes, alegres e de bem com a vida.

A faixa etária dos 40 anos para elas apareceu de modo particular, associada a conceitos como "liberdade", "independência", "autonomia", "emancipação", "auto-conhecimento", "amor-próprio" e "igualdade". Todos velhos conhecidos do repertório feminista que, aos poucos, foram sendo reconstruídos através de suas falas.

A viuvez ou a separação, mesmo que tenha ocorrido em períodos diferentes da vida, têm "um gostinho" diferente aos 40 anos. Sueli ficou viúva aos 30 anos. Naquela faixa de idade ela ainda esperava conhecer alguém *"para ajudar em casa"*, *"para ajudar a criar as crianças"*, *"fazer companhia prá gente"*. Mas, agora, argumenta: *"Não quero nem saber de homem na minha vida"*. Devido à minha insistência ela expôs uma série de motivos pelos quais se recusa a encontrar um novo companheiro. Mas o principal é: *"homem, prá quê? Prá mandar em mim?"* O fato de cuidar da própria vida e não dar satisfação para ninguém, administrar a casa, comprar o que pode e quando quer, passear com as amigas, foram outros motivos levantados.

Amélia está separada há 8 anos e Laura há mais de 20. Além da referência à autonomia individual, à maturidade e ao auto-conhecimento alcançados na faixa dos 40, lembraram que essas características de suas personalidades seriam incompatíveis com a vida conjugal. O casamento iria contra seus princípios de liberdade e autonomia individual.

Relembrando o autoritarismo do marido Amélia, conclui:

"Eu hoje eu vejo que era muito boba. Com idade a gente vai aprendendo a viver. Tem homem, por exemplo, que pensa do jeito dos antigos, que mulher tem que ser escrava. Você acha que eu quero viver com um homem desses?"

Laura compara sua vida logo após a separação com hoje. E chega a seguinte conclusão:

"(...) Acho que não ia dar certo eu com outro marido não, sabe? Eu já sofri muito por causa de solidão, e tudo, mas hoje eu saio, divirto, vou na casa de uma colega ... Se eu fosse casada não ia fazer isso. (...) Eu quero cuidar da minha vida, fazer as coisas do meu jeito, com marido isso daí é mais difícil. Eu sei porque já passei por isso, viu?"

A faixa dos 40 anos está relacionada a uma série de conquistas pessoais que reforçam o desejo de permanecer sozinhas. *"Agora eu não preciso mais de ninguém"*, argumentou Amélia lembrando que o pior de sua vida já passou. Ela já comprou uma casa, a filha já está "grandinha" (9 anos), tem um emprego estável, tem maturidade: *"a gente apanha mais aprende"*, concluiu Amélia, lembrando que o tempo ensinou-lhe a viver melhor. E o seu tempo é agora.

"No alto dos seus 40 anos" a médica Rita define o momento atual como de "equilíbrio", porque carreira e família convergem para dar um sentido positivo à sua vida hoje. Em seu depoimento, entretanto, fica claro que o equilíbrio entre as esferas do trabalho e da família não amparam sozinhos este significado. Sua idade cronológica também tem um peso simbólico importante e relativamente autônomo na sua vida:

"Essa idade que eu tenho está ótima. Prá quê melhor? Tenho minha profissão, estabilidade financeira, meus filhos já estão grandinhos, tenho saúde, capacidade, experiência, maturidade, quero mais o quê?"

Seu plano é investir mais na vida profissional. A curto prazo pretende abandonar seu emprego como médica do posto de saúde da prefeitura e abrir em parceria com o marido sua própria clínica. Perto de completar 40 anos ela se sente orgulhosa em poder "ser dona do seu nariz":

"Eu acho que a idade está me dando é essa segurança ... Quer dizer eu sei o que eu sou, o que quero. Eu acredito em mim e pronto. Você pode ter certeza, isso a gente só alcança com a idade, com o tempo".

Mas, "colocar-se em primeiro lugar" e "ser a gente mesmo" não é tão simples assim quando sabemos que as mulheres passam a maior parte de suas vidas ocupadas (e preocupadas) em cuidar da vida de todos na família.

Algumas observações que realizei junto às famílias de entrevistados mostraram que o deslocamento (mais psicológico, do que físico) da mulher de meia-idade das esferas familiar e doméstica para suas prioridades pessoais, pode resultar em conflito. A mulher de meia-idade com filhos pequenos, (e com maridos que não dividem tarefas), como no caso de Beatriz, tem mais dificuldade em "colocar-se em primeiro lugar na vida" ou "realizar-se pessoalmente" do que uma mulher com filhos maiores ou que recebe ajuda de outrem no serviço doméstico.

Beatriz é professora de literatura, teve seu primeiro filho quando entrava na meia-idade, aos 43 anos. Estava no segundo casamento. Depois que a criança nasceu parou de trabalhar por 5 anos. Há um ano voltou a lecionar: *"eu achava que ninguém no mundo ia cuidar melhor que eu"*. O filho, muito amado, sem dúvida, é hoje visto como "um invasor de seu espaço". Não é só da perda de seu "espaço profissional" que ela reclamou. É da perda do seu "espaço como gente". Este tem sido o motivo das constantes brigas conjugais:

"Eu me anulei totalmente. Eu acho que eu deixei ele invadir um espaço que era meu, que eu conquistei. Foi uma opção que eu fiz de não colocar ele em creche, mas avaliando hoje eu acho que errei..."

Embora o nascimento de seu filho seja um marco feliz em sua vida, sem dúvida, o período em que ficou sem trabalhar é dos piores:

"Eu acho que nesse ponto eu errei. Eu acho que eu deixei que ele (o filho) ocupasse muito meu espaço. Ele ocupou demais. Eu adoro meu filho mas ele ocupou demais meu espaço. Houve momentos em que eu ficava bem perturbada com isso. Eu acho que deixei de ocupar um espaço que era meu. Quer dizer, o mal não foi ele, foi eu que fiz a mim mesma. Realmente foi um esforço muito grande e certas horas até de desespero, foi uma fase difícil, acho difícil para qualquer pessoa. Mas automaticamente minha parte profissional foi prejudicada. Foi positiva para meu filho, para mim nem tanto. Por que eu comecei a trabalhar cedo, gostava do que eu fazia. Foi uma opção difícil, viu? Porque eu sentia falta do trabalho, sentia falta da minha vida profissional. Quando você tem um filho ... eu acho que a grande preocupação que eu tive era de dar tudo para ele em primeiro lugar".

Beatriz não planejava ter filhos, mas o segundo marido, mais jovem (36 anos), sonhava

em ser pai. O filho chegou num momento em que ela pensava em cuidar melhor de si mesma. Queria viajar mais, passear mais, "curtir mais a vida", coisa que seu primeiro casamento não lhe proporcionou: *"meu ex-marido era muito parado"*. Mas o que aconteceu foi exatamente o contrário. O filho nasceu e ela viveu "como se não tivesse vivido", porque a "verdadeira realização da mulher está naquilo que ela opta em fazer":

"Antigamente filho era quase que uma obrigação da mulher. A mulher que não fosse mãe era porque tinha algum problema, e isso era até motivo de vergonha. É aquela velha idéia de que família feliz é família numerosa, mulher cheia de filho ... Hoje em dia eu acho que a gente tem que procurar a nossa própria realização como pessoa. Filho dá prazer, alegria, mas dá muito trabalho também, viu? São coisas diferentes, o trabalho é alguma coisa que você escolhe, busca, planeja, então você se realiza muito naquilo que faz. Filho é da natureza, vem de dentro da gente e quando sai é do mundo. Eu não posso me realizar através do meu filho, entende? Ele vai ter a vida dele, eu vou ter a minha, são caminhos diferentes ..."

A idéia de "colocar-se em primeiro lugar" e de "ser mais eu" é constantemente reiterada na fala das mulheres que pesquisei. Significa também para elas uma ruptura com exemplos de experiências de mulheres do passado e a criação de relações totalmente novas consigo mesmas, com a família e com o trabalho. Diferente dos homens, para elas não há um *background* de experiências, nas quais poderiam se espelhar. Vêm-se, portanto, como construtoras de novos alicerces, a partir dos quais toda a vida deve ser redesenhada.

4.5. Por um sentido mais profundo da vida

O conjunto de significados que a idéia de autenticidade aciona é diferente para os homens e para as mulheres que entrevistei. O principal desafio dos homens é o de saber: "afinal, quem sou eu?" Aonde encontrar a resposta todos sabiam: dentro de si mesmos. Para eles os primeiros estágios da vida adulta, embora tenham sido marcadamente positivos, caracterizaram-se por fazerem aquilo que agradava aos outros e agora parece ter chegado a hora de ouvir suas "vozes interiores".

Vários entrevistados se referiram aos eventos do passado como aventuras excitantes

mas que dizem muito pouco daquilo que "realmente são". As noitadas regadas a sexo, bebidas e amigos na juventude de Dirceu, foram para ele "pura ilusão". É uma parte da vida que deixou saudades, que lhe amadureceu, *"mas é que naquele momento eu via a vida de um outro jeito. Tudo era festa"*, justificou.

A etapa que atualmente estão vivendo é definida como um momento de maior "emotividade", "serenidade", "intimidade". Rubens e Henrique acham que esta é a melhor fase de suas vidas. Agora eles têm consciência da temporalidade de suas existências. Rubens, por exemplo, em razão de recentes dores no peito, adquiriu dois seguros de vida para a família. Ele diz que tem certeza que "vai" primeiro do que a esposa, e como ela é dona-de-casa teme deixar a família desamparada.

Segundo Rubens, a família ajuda-o a lidar com a idéia do fim de um jeito mais sereno:

(...) A gente morre, mas aquilo que a gente deixa para os filhos, em termos de exemplo de vida, isso fica".

Ele disse-me que hoje tem uma aproximação afetiva com a família como jamais teve. Viciado em drogas por um longo período da sua vida, até há poucos anos trocava a convivência com a família por uma "carreirinha" de cocaína com amigos. A recente conversão ao espiritismo kardecista deu também novo fôlego para pensar na morte: *"não é um fim, apenas uma passagem"*, conclui.

O caso de Henrique é diferente. O nascimento de um filho levou-o a ter uma nova perspectiva do tempo vivido. Aos 36 anos se casou e aos 37 teve o primeiro filho:

"Você já percebeu que interessante essa coisa do olhar? Esses dias atrás eu peguei umas fotos antigas do meu pai, você precisava ver, o mesmo olhar que ele tinha naquela época eu tenho agora. E eu vejo isso no meu filho também! É incrível essa continuidade dos traços de pai para filho. Acho que é a única coisa que permanece ..."

Henrique disse que o que mudou em sua vida é que antes do filho nascer ele passava até 14 horas no laboratório onde trabalha como andrologista. Hoje, procura conviver o máximo de tempo com a criança. Não quer perder nenhuma etapa do crescimento do filho. Mostrou-me, inclusive, radiografias do bebê ainda na barriga da mãe e se disse deslumbrado

com o "milagre que é a vida humana".

Os 40, disse-me um dos entrevistados, é uma fase boa exatamente porque pode-se colocar para fora os sentimentos, sem que com isso sintamos insegurança ou medo de reprimendas.

Henrique disse que chorou muito quando nasceu seu filho. No tempo de seu pai isso seria considerado "frescura": *"eu estava botando prá fora um sentimento lindo, o amor, que mal há nisso?"*.

Categorias como "sensibilidade" e "emoção", tão pouco associadas ao sexo masculino, parecem ter se incorporado com mais facilidade no repertório dos entrevistados, quando o que estava em jogo era a "autenticidade".

Aurélio, antes de me convidar para entrar em sua casa, mostrou o jardim que ele cuida pessoalmente todos os dias. Um belo jardim, por sinal. O extenso gramado verde contrasta com a brancura das margaridas e das rosas. Num tom intimista, mas parecendo satisfeito, comentou que conversava com as flores porque elas lhe davam muita paz.

Ele é professor de educação física, divorciado há quase 15 anos. Com a separação ele ficou com os sete filhos. Criou todos sozinho e nunca mais voltou a se casar.

Além da jardinagem, Aurélio dedica uma parte do seu tempo a um "trabalho social" junto a crianças pobres da cidade. Durante a semana dá aulas de primeiro e segundo graus, e nos finais de semana reúne algumas crianças na quadra de esportes da prefeitura. Embora ensine técnicas de futebol, basquete, voleibol e atletismo, o mais importante, contou-me, *"é que através da disciplina do esporte elas aprendem a disciplina para vida"*. Disse-me que este trabalho começou a ser planejado como uma forma de contribuição pessoal à sociedade. Acredita que toda pessoa deveria dar um pouco de si aos outros, e conclui: *"os homens vão, mas suas idéias ficam"*. Não se importa com remuneração, apenas com os resultados que seu trabalho possa ter na sociedade.

Bastante emocionado, Aurélio contou que sua vida hoje é bem mais "leve" do que foi

no passado. Ao ver "os rostinhos alegres da garotada", descobriu que *"a vida é muito mais do que aquilo que a gente imagina"*.

Aurélio se diz pouco preocupado com a aposentadoria, porque vai continuar trabalhando *"de graça, só para colaborar com alguma coisa para melhorar a sociedade"*. Preocupado com a morte, ele diz que sente que deveria deixar alguma contribuição para a sociedade, um modo de ajudar os outros e também de não ser esquecido. "Mais humano" é a expressão que ele escolheu para definir como se sente aos 49 anos.

CAPÍTULO 5

HOMENS INSEGUROS, MULHERES VAIDOSAS

Neste capítulo os entrevistados foram solicitados a falar sobre as categorias sociais "homem" e "mulher" em geral, sem relacioná-las diretamente às suas experiências pessoais. Foi o momento em que emergiram os estereótipos sobre o que é próprio dos homens e das mulheres, deixando à parte suas histórias pessoais ou indivíduos particulares.

Para as mulheres foi relativamente fácil caracterizar o que é a experiência dos homens aos 40 anos: "é aquele que por medo de envelhecer começa a procurar menininha para provar para si mesmo que ainda é um garanhão".

O "quarentão assanhado" como classificou Amélia, intensifica suas investidas sexuais contra as mocinhas solteiras (e às vezes casadas) à medida que avança em seu corpo os sinais de envelhecimento.

Além do "comportamento promíscuo", ensinou-me algumas entrevistadas, outros indícios podem ser reconhecidos no homem quando adentra a faixa dos 40. Começa a usar roupas de jovens, passa a se preocupar com a beleza física, tingem os cabelos ou faz um implante na calvície, começa a seguir dietas para não engordar ou ginástica para manter a forma.

A preocupação se restringe ao corpo, *"não que haja uma revolução no plano das*

idéias dele", como salienta Sônia. É apenas uma "estratégia masculina" que visa, sobretudo, atingir as mulheres mais jovens a fim de conquistá-las afetivamente. Para Lúcia esse comportamento é reflexo da insegurança psicológica dos homens, pois ficam "querendo provar alguma coisa que não são", enquanto que "a mulher não precisa provar nada", conclui.

Mas, no fundo o que realmente preocupa o quarentão, argumenta Rita, é sua vida sexual.

"Ele (o homem de 40 anos) passou a vida inteira achando que era a própria potência sexual... É assim, os homens são criados assim desde pequenos, para ter o máximo desempenho sexual. A qualidade não importa, importa a quantidade, isso é que dá ibope para ele. Aí, quando chega em torno dos 40, 50 anos, ele vai perdendo naturalmente aquela energia, diminui um pouco, aí eles ficam preocupados achando que é o fim da vida".

A descrição do dia em que o marido de Rita (que também é médico) completou 40 anos é contado por ela em tom de humor e ironia:

"O meu marido morreu de medo dos 40 anos. Quase morreu no dia que fez 40 anos. Uma tristeza, ele sentiu-se um próprio verme. Não sei, meu marido morre de medo: ah! já dobrei o cabo da Boa Esperança, tá ruim, tô me sentindo um velho. Ah! está aparecendo cabelo branco. Eu não tenho essa preocupação não".

Desse ponto de vista a "juventude" do homem aos 40 anos é uma imagem puramente externa construída para se opor a idéia de envelhecimento. Trata-se de um comportamento de quem é inseguro, de quem tem medo da rejeição, ou de ser aquilo que realmente é. Denota fragilidade, fraqueza e medo dos homens. É curioso perceber que em nossa sociedade essas imagens estão associadas ao gênero feminino e não ao masculino.

Insegurança e medo da velhice quem tem é a mulher, afirmou Paulo, o único entrevistado que define estas características como sendo femininas e não masculinas, pelo menos ao redor dos 40 anos:

"Eu acho que uma mulher de 40 anos pode se comportar muito bem como um homem de 40 anos. Mas uma mulher de 40 anos é mais vaidosa. Ela pode ser igual a um homem de 40 anos, mas isso não ocorre, porque se a mulher for de boa condição financeira vai fazer uma plastiquinha, tirar uns pés de galinha, essas coisas. Se eu tivesse mais rugas do que eu tenho para mim isso seria a mesma coisa. Já uma mulher de 40 anos acha que aquilo não fica bem. Para a mulher o corpo, a figura, é muito importante. A mulher pode até ser uma burra, mas ela tem que ser bonita, isso é o que ela pensa".

Tratar das mulheres de 40 anos é falar que elas são "mais maduras porque carregaram ao longo dos anos responsabilidades com a família que as tornaram muito mais sábias e preparadas para a vida do que os homens na mesma faixa de idade".

Ser esposa, mãe de família, criar os filhos, cuidar da casa, enfim, viver a vida doméstica, são experiências enriquecedoras porque amadurecem a mulher, deixam a mulher "mais madona, mais senhora, talvez pelo fato de ser mãe", explicou o andrologista Henrique. A mulher quando chega na faixa dos 40 anos já dedicou boa parte do seu tempo de vida ao mundo doméstico, e, sem dúvida essa sua vivência particular, vai torná-la diferente dos homens, argumentam os entrevistados. Eles reconhecem que é uma experiência difícil, dolorosa, extenuante, por isso mesmo é "purificadora", e "engrandecedora da alma feminina". Isto tornaria a mulher muito mais experiente, equilibrada, mais madura do que o homem quando atinge os 40 anos. É assim que pensa a maioria dos homens que entrevistei.

Rubens tem explicações de fundo sócio-biológico para o amadurecimento feminino aos 40 anos:

"Eu acho que a mulher amadurece muito mais rápido que um homem. É que a mulher foi preparada para a manutenção e perpetuação da espécie humana. Ela já é preparada desde de pequena para brincar com bonequinha, casinha, então ela carrega uma responsabilidade de família bem mais cedo que o homem. Eu acho que a mulher amadurece muito e sofre muito, talvez por isso amadurece mais."

Nenhuma das entrevistadas concordaria que a vivência doméstica feminina é "enriquecedora" da vida. "Envelhedora" sim, "amadurecedora" jamais, responderam. Fátima e Augusta são dessa opinião. Para elas os quarentões são "mais fortes" e as quarentonas são "mais fracas" porque elas vivem cercadas de preocupações com a família, e isso as "enfraquece", "envelhece". São preocupações que os homens não compartilham, mas que deveriam compartilhar, por isso são "mais fortes", "mais novos" aos 40 anos:

"O homem é mais forte do que a mulher. Agora, a mulher é mais fraca, passa mais preocupação. O certo é o homem ficar do lado da mulher. Se tem um filho doente, ela que cuida, que leva ao médico, então ela vai envelhecendo com aquilo. A mulher sofre mais porque luta mais com a família. O homem é sempre mais afastado da família, não vive ali direto e reto. o tempo passa e a mãe está apoiando o filho". (Augusta)

A imagem de "mulher mais velha", "mais acabada", apareceu em oposição a de "homem mais novo", "mais forte". O corpo é recolocado em cena como elemento importante a separar as identidades sociais masculinas e femininas na faixa dos 40 anos. Homens e mulheres se diferenciam porque "mulheres são mais envelhecidas" e "homens são mais fortes", "no resto é tudo igual", afirmou Fátima.

Na oposição entre "fortes" e "fracos", Manuel entra na defesa das mulheres:

"A mulher fica em casa cuidando dos filhos. Acho que o trabalho de uma mulher é muito mais do que o de um homem. A mulher tem que dar conta dos filhos, de uma roupa lavada, comida pronta na hora, almoço, janta pronta, né? Eu acho que o trabalho da mulher é mais pesado que o do homem, daí ela fica mais acabada, mais velha".

O que se percebe na fala dos entrevistados é que as categorias "homem" e "mulher" podem ser caracterizadas e delimitadas de múltiplas formas, sem que necessariamente se recorra a tradicional oposição dos domínios doméstico X extra-doméstico.

Essas categorias não aparecem aos olhos dos entrevistados de modo rígido, bipolar e contraposto. Ou seja, é como se existissem alguns "tipos de mulheres" e alguns "tipos de homens", o que torna essas categorias muito pulverizadas: "existem as mulheres que ficam mais velhas do que os homens porque recaem sobre estas as preocupações domésticas", e "existem aquelas que dividem com seus maridos essas preocupações e se conservam mais novas". "Existem aqueles homens que por medo da velhice começam a procurar as mulheres jovens", mas, "existem aqueles que por trabalhar mais no pesado são mais fortes".

As categorias (homem e mulher) que impus aos entrevistados foram desconstruídas, reformuladas, dissolvidas ou dotadas de novos sentidos. No capítulo que se segue essa questão será complexificada.

CAPÍTULO 6

DISSOLVENDO O BINARISMO DAS OPOSIÇÕES

HOMENS E MULHERES

Os espaços tradicionalmente definidos como de lazer são espaços privilegiados para se perceber como as oposições rígidas entre homens e mulheres aos 40 anos, são, na prática dissolvidas.

Como os entrevistados são trabalhadores em tempo integral (8 horas diárias), o tempo de lazer de um modo geral é muito curto. Aqueles que têm carreira estendem suas horas de trabalho em casa, no final no dia ou nos fins semana. Juizes e advogados, por exemplo, aproveitam esses dias para ler processos, professores para preparar aulas e corrigir provas. Entre os entrevistados de baixa renda não é diferente. O final de semana pode ser aproveitado para fazer um "bico", para complementar a renda familiar. Manuel, por exemplo, é guarda-noturno na mesma construção em que trabalha. Sueli faz faxina aos sábados na casa de uma senhora. Amélia trabalha nos finais de semana como auxiliar de cozinha em hotéis e pousadas.

As mulheres são as que tem menor tempo livre. No final do dia e nos finais de semana o tempo é gasto nos cuidados com a casa. Mesmo aquelas entrevistadas que dispõem da ajuda de uma empregada doméstica, os finais de semana ficam comprometidos com tarefas como cozinhar, limpar, lavar, passar, que demandam as vezes um dia inteiro de trabalho.

Durante quatro finais de semana eu acompanhei alguns entrevistados e entrevistadas em seus locais de lazer. Queria complementar as observações, feitas no trabalho e na família, com outras em local de sociabilidade apontado por eles. Meu objetivo, com isso, era o de contrastar o que eles diziam nas entrevistas com a observação direta dos comportamentos em locais públicos.

Quando pedi aos entrevistados que apontassem algumas formas de lazer, essa atividade apareceu cercada de uma série de restrições em suas vidas. Desde o tamanho pequeno da cidade, os filhos, a falta de dinheiro, o cansaço, a pouca disposição e até a idade. Amélia, por exemplo disse que *"não tem mais idade"* para ir numa discoteca, porque é um local *"freqüentado pela meninada"*. Dirceu acha o Parque das Águas muito bonito, mas *"além dos ingressos caros, só tem gente velha"*. Valdir reclamou que seus amigos todos se casaram e não saem mais de casa, mas gosta de sair com jovens porque se sente jovem como eles. Marta não sai de casa porque está com uma filha de 7 meses. Lourdes adora passear, mas todo final de semana as filhas, genros e netos aparecem em sua casa.

Dentre as entrevistadas, aquelas que estão viúvas, separadas ou com filhos maiores, desfrutam de maior tempo de lazer do que as casadas e com filhos pequenos. Mas, de um modo geral as entrevistadas saem pouco de casa. A vida se restringe ao trabalho e a casa. Ocasionalmente visitam amigas, vizinhas e parentes. Algumas citaram a freqüência semanal à igreja (católica), como uma forma de lazer, de encontro com amigas para um bate-papo.

Os homens mostraram que o modelo adequado para se viver os 40 anos é equilibrar a convivência com a família com algumas horas de lazer com amigos fora de casa. Os filhos e a família não são vistos com uma "restrição" ao lazer, como acontecem com as mulheres. Ficar com eles nas horas vagas também é considerado um momento de lazer e de relaxamento. Isso é compreensível na medida que, em nossa sociedade, a permanência dos homens com os filhos é quase sempre facultativa.

Havia pensado inicialmente em fazer as observações em locais onde diferentes faixas

etárias estivessem reunidas, mas nem sempre esse critério pôde ser seguido em função da própria opção de lazer dos entrevistados. Laura, por exemplo, disse que não gosta de lugar onde vai muitos jovens "porque só tem barulho e bagunça". Mas Joel disse que gosta de local onde tem jovens porque assim ele se sente jovem também.

Selecionei quatro entrevistados para fazer observações mais detalhadas de seus comportamentos em locais públicos de lazer, são eles Lúcia, Laura, Paulo e Joel. O critério de seleção foi a frequência no local. Os quatro entrevistados disseram que semanalmente aproveitam o pouco tempo de folga para "passar algumas horas" ali.

Lúcia e Paulo freqüentam quase que semanalmente o "Clube São Lourenço", uma extensa área verde, com piscinas, saunas, quadras de esportes, churrasqueiras, *camping* e parque infantil. É um clube dirigido às pessoas de maior poder aquisitivo da cidade. Em dois finais de semanas os acompanhei em boa parte do dia no clube.

Laura gosta muito de dançar. Seu local preferido de diversão é o "Clube do Samba", um antigo depósito de bebidas que foi transformado em salão de danças populares. Funciona de quinta a domingo. O local é freqüentado pelos moradores pobres da cidade e de todas a região do "Circuito das Águas". O salão fica perto da ponte do rio Verde, vizinho da estação ferroviária, na parte antiga da cidade. Num sábado à noite acompanhei Laura e uma amiga até o local.

Joel prefere ficar com a família aos sábados e domingos, mas durante a semana, no final do expediente de trabalho, as 18 horas, reúne-se com amigos para jogar sinuca, tomar cerveja e "jogar conversa fora". O bar que ele freqüenta fica no final do bairro Federal. O nome do bar é São Luiz, mas é conhecido pelos freqüentadores como "bar do Nenê", uma alusão ao apelido do proprietário. Permaneci no bar acompanhando Joel em duas ocasiões.

Na ocasião em que acompanhei Lúcia ela estava com uma amiga, advogada, de 36 anos, casada, e do filho menor, de 12 anos. O marido e o filho de 14 anos ficaram em casa. Paulo foi com toda a família, a esposa e as filhas de 5 e 8 anos. Laura foi com uma vizinha, de

51 anos, viúva, e Joel, com um colega de trabalho de 23 anos, solteiro.

As razões que Lúcia e Laura apontaram para justificar suas atividades de lazer estavam centradas em si mesmas: é um tempo que querem dedicar a si próprias. Lúcia disse que vai ao clube para tomar sol porque quer ficar bronzeada, mais bonita e atraente. Lembra que perto dos 40 anos precisa cuidar-se melhor para não parecer velha. Laura, que mora sozinha, disse que sente solidão em casa e, no baile, tem oportunidade de conhecer bastante gente, rir, namorar, "distrair a cabeça".

Joel define os momento de lazer como de "recuperação da juventude da vida". O trabalho "cansa", "desgasta", "preocupa", "envelhece"; o lazer "relaxa", "descansa", "rejuvenesce". Para Paulo é a oportunidade de estar com a família e ficar com as crianças.

Logo que chegamos no Clube São Lourenço, Lúcia e sua amiga sentaram à beira da piscina, o filho juntou-se a um grupo de crianças e foram nadar numa piscina menor, perto de nós.

Enquanto passávamos bronzeadores pelo corpo, uma pessoa acenou para Lúcia. Era uma conhecida sua, cercada por outras mulheres no lado oposto ao nosso. Lúcia correspondeu ao aceno e franzindo a testa, comentou que não desejava juntar-se a elas. Perguntei o motivo, e sua amiga antecipou-me a resposta. Disse que não queria ficar o dia todo falando de "empregada", "filho" e "marido". Balançando positivamente a cabeça, Lúcia concluiu: "elas são muito chatas!". Quando perguntei a Lúcia se alguma delas trabalhava fora de casa, ela foi contundente: "não fazem nada o dia inteiro".

Observei que as pessoas no clube também se organizavam por grupos de idade e sexo. As criança ficavam todas reunidas próximas de suas mães, nas piscinas infantis ou no parque. Os adolescentes do sexo masculino formava outro grupo e ficavam na quadra jogando futebol, basquete ou assistiam as partidas. As adolescentes "tomavam sol" na beira da piscina ou nadavam. Os homens adultos conversavam no balcão do bar, jogavam sinuca ou preparavam carnes e saladas perto das churrasqueiras. As mulheres adultas formavam outro grupo

próximas das adolescentes. Conversavam animadamente entre si, "tomavam sol" e pareciam observar de longe os filhos menores na piscina. Vi um pequeno número de idosos caminhando nas trilhas por entre as árvores do clube.

Assunto doméstico parece não ser o tema predileto de Lúcia e sua amiga. O *impeachment* do presidente Collor (na época da pesquisa o fato estava começando a aparecer na imprensa), foi um assunto bastante tratado pelas duas advogadas, que davam interpretações jurídicas favoráveis à condenação do então Presidente da República.

Suas atividades de trabalho foram um tema bastante discutido. Comentários a respeito de processos jurídicos, casos específicos de clientes ou decisões judiciais criavam uma longa polêmica entre as duas advogadas, tudo num "clima de descontração". É que Lúcia e sua amiga se conhecem há muito tempo e disseram "que existe total abertura" entre elas. Lúcia disse que prefere amigas que tenham a mesma profissão que a sua porque assim pode falar sobre seu trabalho. O marido, além de não ser advogado, detesta que o trabalho seja comentado em casa.

Permanecemos poucas horas no clube. Lúcia queria aproveitar a parte da tarde daquele sábado para estudar para o concurso de juiz. Talvez à noite fosse com o marido e os amigos a um bar. Chamou o filho, trocamos de roupas e marcamos uma nova entrevista. Só me encontrei com Lúcia uma semana depois.

* * *

Nessa mesma semana encontrei-me com Joel. Como havíamos combinado, as 18 horas em ponto eu estava em frente à construção onde ele trabalhava. Dali seguimos até o Bar do Nenê, onde quase todos os dias ele aparece.

Seguimos a pé pela avenida Dom Pedro II até chegarmos perto da Estação Ferroviária. Viramos a esquerda e seguimos na rua Dr. Olavo Gomes Pinto. Mais alguns passos e já

estávamos no "bar do Nenê". Foi conosco um rapaz, amigo de Joel, operário da mesma construção.

Logo que cheguei percebi que minha presença chamava a atenção dos que ali estavam. Todos os que freqüentavam o bar são conhecidos. Além disso eu não parecia "um deles", seja porque me vestia diferente ou por que desconhecia as regras do jogo de sinuca. Mas Joel encarregou-se de esclarecer tudo. Disse com graça e em alto som que eu era "um professor que estava fazendo uma pesquisa com o pessoal da obra". Seguiram-se algumas perguntas do tipo "para quê a pesquisa", "se tinha a ver com política e eleição" ou "se isso era um trabalho que dava muito dinheiro". Esclareci como pude, e senti que dali para frente já era aceito pelo grupo.

O bar tinha um balcão para o atendimento ao público, uma prateleira de madeira fixa na parede, cheia de bebidas, e uma mesa sinuca. Sobre o balcão uma estufa de vidro expunha pastéis, coxinhas, quibes, ovos cozidos e lingüiça frita. Devido ao horário o bar não estava cheio, mas o entra-e-sai de pessoas era grande. Alguns apenas tomavam uma bebida e iam embora, outros somente assistiam as partidas de sinuca.

Não havia nenhuma mulher ou criança no bar. Apenas homens jovens e adultos, com predominância dos últimos. As mulheres que passassem em frente ao bar e chamassem a atenção pelo corpo e vestimenta eram alvo de brincadeiras, trocadilhos e assobios. É muito provável que elas não gostassem do que ouviam, mas dentro do bar o clima ficava mais descontraído e alegre.

Como no bar havia apenas uma mesa de sinuca, os jogadores tinham que aguardar a vez na mesma ordem de compra das fichas. Porém, se o jogo anterior tivesse terminado numa disputa acirrada, os mesmos jogadores poderiam ser solicitados pela torcida para nova disputa. Deste modo a ordem de compra das fichas nem sempre era respeitada. Mas isso não causava nenhuma confusão ou briga. Os palpites sobre as jogadas partiam de todos os lados e a impressão que dava era que todos jogavam ao mesmo tempo. Talvez isso explique a ordem

reinante no caos aparente.

Permaneci com Joel a meu lado o tempo todo. Sentamos de costas para o balcão e de frente para a mesa de sinuca. Disse-me que ali se sentia jovem porque, diferente de seu trabalho, podia brincar, rir, se descontraír, "voltar a ser menino", como resumiu.

A impressão que eu tive foi mesmo a de que tudo não se passava de uma grande brincadeira de meninos. Os jogadores e os que assistiam ao jogo xingavam-se entre si, empurravam uns aos outros, trocavam os copos de cerveja, simulavam agredir o outro com o taco de sinuca, mas tudo "era de mentira", acabava em gargalhada.

As diferenças de idade ali pareciam não ter muita importância. É isso que faz Joel gostar do lugar: *"aqui todo mundo é tudo igual, nós não fazemos diferença"*. Joel gosta de ser tratado como se fosse jovem, pois assim ele se sente como tal. Seus amigos ou são jovens ou são pessoas de "espírito jovem".

Percebendo que escurecia. Joel avisou-me que teria que ir embora, porque a família o aguardava para o jantar. Pediu ao proprietário que "pendurasse" a conta. Despediu-se de mim e dos amigos, ajeitou a mochila nas costas e partiu em direção a sua casa.

* * *

Laura combinou comigo que iríamos no "Clube do Samba" num sábado à noite, porque nesse dia mulheres acompanhadas não pagam. .

As 22 horas, conforme o combinado, Laura me aguardava em frente ao salão, junto com uma amiga. Havia uma certa aglomeração de pessoas ali, mas de longe ela me acenou. Vestia um conjunto preto de saia e blusa. O cinto branco combinava com a sandália branca de salto e a bolsa. Nos apressamos a entrar porque eu tinha que enfrentar fila para os ingressos.

Antes de entrarmos Laura disse-me que talvez eu não ia gostar porque lá só tem "gente velha", "feia", viúva e separada. Eu disse que conhecer o lugar era também uma

curiosidade minha. Senti que não convenci, mas assim mesmo entramos.

Laura entrou como minha acompanhante e sua amiga arranhou facilmente um senhor que lhe deu a mão até que passássemos pelo porteiro, e também entrou sem pagar.

No fundo do salão havia um pequeno palco de madeira onde geralmente apresentavam-se cantores da região. No lado esquerdo atrás de um balcão, também de madeira, havia diversos tambores de lata cheios de cerveja e refrigerantes, cobertos por gelo e serragem, vendidos separadamente.

Naquele dia não havia apresentação de artistas. A música vinha de três caixas grandes de som no palco e diversas caixa menores nas paredes laterais. As músicas são tocadas por "seleção". Variavam entre "seleções" de samba, pagode, sertaneja, "romântica" e "músicas antigas".

Laura disse que gosta do lugar para dançar e conhecer pessoas, pois se sente muito só nos finais de semana, quando não está trabalhando. Como está separada e as duas filhas se casaram, mora sozinha há mais de um ano.

As mulheres aguardavam que os homens as convidassem para dançar. Vi algumas mulheres dançando juntas. O público feminino era visivelmente maior que o masculino. Todos eram adultos e aparentavam mais de 30 anos em média. Havia também muitos idosos.

Laura dançou algumas músicas com um senhor, em seguida veio até a mim no balcão. Chegou reclamando que aquele senhor ia "pegar no seu pé a noite toda". Eles se conheceram há poucos meses, mas ela "não queria nada com ele. Só dançar. Homem desse tipo eu não quero". Laura me contou que o homem era viúvo, e "dizem" que além de vagabundo, batia na falecida e não trabalhava de jeito nenhum.

Depois de enumerar diversas razões para continuar sozinha, como a liberdade de fazer o que quer e a autonomia para cuidar da sua vida, Laura comparou sua vida de hoje com a juventude e o casamento. Disse-me que hoje era bem melhor. Na juventude o pai lhe prendia em casa, no casamento era o marido. Hoje, adulta, viúva e com maturidade, sabe discernir o

que é bom para si mesma. É isso que ela quer para sua vida hoje: cuidar de si mesma sem que ninguém interfira.

Enquanto conversávamos a amiga de Laura reapareceu visivelmente cansada de tanto dançar. Cochichou-lhe aos ouvidos por um bom tempo, só interrompia para as gargalhadas. De repente a amiga desapareceu e Laura resolveu me contar. É que um rapaz "estava dando em cima de sua amiga" e ela estava em dúvida se aceitava o convite que ele fez de saírem dali para conversar lá fora. Laura disse que não aconselhou a amiga "nem para o sim e nem para o não", mas "que se fosse ela, não aceitava". Um homem novo com uma mulher mais velha não dá certo, disse-me, porque mais cedo ou mais tarde ele vai trocá-la por outra mais nova.

Laura insistia no fato de que estava ali para dançar, "espantar a solidão do fim-de-semana" e que "tinha gente" que falava que ela ia lá "procurar homem". Todavia, não se importava com isso "*porque ninguém tem nada com a minha vida*".

Essa segurança "de ser ela mesma", Laura diz que aprendeu com a idade. Lembrou que até alguns anos atrás não saía de casa, mas percebeu que se não aproveitasse a vida agora, quando ficasse velha não seria mais possível.

Laura se disse preocupada com a amiga porque parecia disposta a arrumar um novo companheiro. Destacou que o casamento, além de tirar-lhe a liberdade individual, desviaria suas preocupações de si mesma para o companheiro. Além disso, o casamento "nessa idade" pode ser um mal negócio na medida em que os homens na faixa dos 40 estão ficando velhos é ao invés de ser companheiros vão procurar outras mulheres. Só quando estão realmente velhos e doentes é que se voltam para as esposas, para receber cuidados.

Já era madrugada e Laura gosta de levantar cedo. Fomos procurar sua amiga para irmos embora. Como não encontramos, deixamos um recado com uma colega, dizendo que já havíamos partido.

Acompanhei Paulo e sua família ao "Clube São Lourenço" numa tarde quente de sábado. O clube estava bastante cheio, as piscinas eram os locais mais disputados. Todos na cidade sabem que Paulo é o juiz, e durante todo o nosso trajeto dentro do clube "o Dr. Paulo" recebia um cumprimento aqui e acolá. Nos acomodamos no gramado, sob algumas árvores, próximos das churrasqueiras.

Ficamos pouco tempo sozinhos. Um grupo de homens se aproximou e convidou Paulo e eu para nos juntarmos a um grupo maior no bar, onde jogavam baralho e sinuca ou simplesmente bebiam. Paulo disse que ia um pouco mais tarde, porque acabara de chegar.

Disse-me depois que não gostava de beber com amigos em público porque *"isso não fica bem para um juiz"*. Mas não demorou muito até que Paulo resolveu juntar-se aos homens no bar. A esposa protestou porque ficaria com as filhas. Paulo pediu que todos viessem, mas a esposa não quis. Assim, fomos eu, Paulo e as duas filhas.

Eu conhecia algumas pessoas que estavam ali no bar. Havia gerente de banco, micro-empresário, advogados, médicos. etc. O grupo era majoritariamente masculino e acima dos 30 anos. Falava-se alto, alguns jogadores gritavam, riam. Grupinhos isolados conversavam com copos de bebida na mão. Paulo juntou-se a um destes com as filhas. Eu procurava circular entre eles.

Pouco depois Paulo me procurou e explicou que não gostava muito de ficar em meio a aglomerações de pessoas porque *"as conversas e as pessoas eram muito superficiais"*. Faltava uma intimidade maior, um aprofundamento maior nas relações ali, e isso o incomodava. Mas, como era juiz, tinha que "representar" para a sociedade. A falta de "autenticidade" que a situação lhe obrigava a viver nos tirou logo dali.

Paulo disse "que não tinha mais idade" para ficar fingindo fazer uma coisa de que não gostava. Um aparente paradoxo, porque a maturidade que ele diz ter alcançado na juventude veio exatamente da convivência com diversas pessoas. Mas agora ele está vivendo uma outra etapa.

Paulo disse que preferia ficar em casa exatamente porque lá dentro poderia "ser ele mesmo", mas que vinha ao Clube para ficar com a família, brincar com as filhas, relaxar as tensões do trabalho, fazer alguns exercícios físicos e nada mais. A cidade, pequena, tornava-se um problema, na medida em que, sendo conhecido por todos, estava sempre precisando "fingir".

Retornamos ao local onde estávamos, mas sua esposa já havia saído. Estava nadando e nos acenou de longe. A filha maior resolveu ficar com a mãe dentro da piscina e a menor quis brincar no parque. Fomos ao parque e enquanto a filha brincava permanecemos sentados apenas observando.

Paulo dizia que as brincadeiras com as filhas são muito mais "relaxantes" do que "os papos desse pessoal" e que jamais trocava uma coisa pela outra. Disse que tem poucos amigos, mas que são "amigos de verdade", com quem ele pode "se aprofundar" na relação, "ser ele mesmo" e ser aceito como ele é. Enquanto que "as outras pessoas" se aproximam dele, muitas vezes interessadas em se beneficiar no caso de um processo judicial ou qualquer outro problema com a justiça.

Com a família, conclui, *"isso não acontece porque ela nos aceita como somos"*. As crianças, por exemplo, são fiéis e autênticas, enquanto que os adultos estão sempre representando. Ele não quer viver "o tempo que lhe resta" de maneira "superficial e hipócrita".

Continuamos por um bom tempo nesse "papo intimista", até que sua esposa apareceu sugerindo que fôssemos embora porque o sol estava quente demais para as crianças. Nos vimos novamente num outro encontro, em sua casa, para uma nova entrevista.

* * *

O clube, o baile e a sinuca foram espaços privilegiados para perceber como e quais os mecanismos de distinção são acionados no interior do grupo social a que pertencem os

entrevistados. No clube Lúcia estabelece distinção entre as mulheres: "aquelas que só falam de criança e empregada", com as quais "não vale a pena se relacionar" e as outras que estão envolvidas em suas carreiras profissionais, buscando ativamente se diferenciar de um "modelo tradicional de mulher". Paulo também, no clube, estabelece distinções entre homens que buscam se relacionar com ele de forma instrumental, porque ele é importante na cidade, e sua própria forma de viver a masculinidade aos 40 anos, que implica uma volta intimista, um compromisso com a família e críticas aos valores da sociedade competitiva. Joel se sente bem na sinuca, um universo de sociabilidade masculina que não se confunde com a família nem com o trabalho, que o faz sentir-se jovem e feliz com a vida. Da mesma forma, Laura, no baile, diferencia-se das "outras mulheres" que vivem atoladas em obrigações com a família e o marido.

CAPÍTULO 7

MARCOS PERIODIZADORES DA VIDA

Nos capítulos anteriores procurei mostrar os tipos de investimentos simbólicos que são feitos aos 40 anos. Ou seja, a "tradução" da datação cronológica através das experiências sociais. Ficou evidenciado que tratar dos 40 anos é sempre se contrapor ao que seriam atitudes e comportamentos tidos pela sociedade como corretos para essa faixa etária. Cada um, de modo específico, procurou mostrar que sua história pessoal trouxe-lhe algo de especial que o coloca em uma posição privilegiada para rever padrões e redesenhar a vida através do trabalho social, de experiências religiosas, de uma volta para a família, ou ainda, como as mulheres, com os investimentos na carreira ou nas preocupações com a satisfação pessoal.

Em outras palavras, meu interesse neste capítulo é ver em quais contextos a idade cronológica é um marcador importante e quando ela é substituída por outros eventos para estabelecer períodos na vida, e que eventos são esses.

Quando pedi a Manoel que descrevesse sua trajetória de vida, alguns eventos apareceram pontuados pelas idades cronológicas, outros pela sua biografia. Ou seja, ao mesmo tempo em que operava com a periodização cronológica, recorria também aos eventos da sua biografia para periodizar sua trajetória. Mas, nem por isso, o curso da sua vida se perdeu num emaranhado incoerente de etapas. Muito pelo contrário, a unidade e a

continuidade mostraram encaixes perfeito.

Manoel disse que "não teve infância" porque começou a trabalhar aos 8 anos de idade na roça, ajudando os pais. Apesar disso era feliz *"porque não tinha nenhuma preocupação na cabeça"*. A juventude começou aos 18 anos, quando foi para o exército. Esta é considerada a melhor fase da sua vida, porque longe da autoridade paterna, viveu momentos de liberdade, diversão e alegria com amigos. Sua juventude se encerrou aos 19 anos, quase 20, quando se casou: *"porque aí eu fiquei mais sério, mais responsável"*. Daí em diante sua trajetória mudou, sua vida tornou-se mais "sofrida", "pesada", "responsável". A partir do casamento o curso de sua vida passa a ser periodizado através de eventos pessoais: as dificuldades em sustentar os 8 filhos, o momento em que a filha viúva voltou com dois filhos pequenos, piorando a situação econômica, a indisposição física e o cansaço atual, tudo isso integra o passado e o presente da sua vida.

Beatriz é outro exemplo. Disse que quando lembra que tem 49 anos, tem às vezes a sensação de que já é velha. Justifica isso pelo fato de ter abandonado o trabalho por seis anos para cuidar do filho pequeno. Ficar dentro de casa fazendo tarefas domésticas e depender do marido é analisado por ela como fatores de envelhecimento. Ou seja, atrela o significado de um evento da sua vida pessoal ao significado cronológico dos 49 anos.

Quando ela refez sua trajetória de vida colocou como marco o nascimento do filho. O curso da vida aparece então dividido em dois: um antes e outro depois da maternidade. Antes da maternidade era uma mulher que "trabalhava", "produzia", "atuava no mundo". Durante o tempo em que ficou em casa sua vida foi "inútil", "vazia", "monótona", "de velho". O sofrimento, vivido naquele período serviu-lhe, no entanto, para torná-la hoje "mais madura", "mais consciente", conhecendo-se muito mais a si mesma.

Beatriz reavalia aquele evento como uma "opção errada" e acredita que se pudesse ter outros filhos jamais deixaria que a criança lhe absorvesse tanto quanto o primeiro filho.

Amélia, tal como Beatriz, divide o curso da sua vida a partir do nascimento da filha. A

reclusão doméstica, mais do que propriamente o nascimento da criança, divide sua vida em "antes" e "depois" da maternidade:

"Depois que eu tive minha filha eu fiquei mais presa. Eu viajava muito, saía para baile, me divertia muito. Aí eu tive a menina e tudo mudou. Quando eu tive eu estava com trinta anos. Fui uma coisa muito importante para mim quando ela (sua filha) nasceu. Para mim foi uma emoção. Mudou tudo. Aquilo que eu pensava antes eu não pensava mais. Quando eu fui chamada de mãe aquilo para mim foi uma emoção. Aí mudou, aquilo que eu pensava antes eu não pensava mais. Eu era muito bobinha. Aí depois eu conheci a vida mesmo. Aí sim eu realmente cresci".

Reverendo sua trajetória Amélia acredita que foi bom para a filha, mas sabe que quando ela crescer não vai reconhecer que a mãe fez tamanho sacrifício. Acredita que se ao invés de ter casado e tido a filha, tivesse estudado, sua vida pessoal, bem como sua situação financeira, seriam bem melhor hoje.

Tanto Beatriz como Amélia vêem como uma "opção" individual o fato de ter se dedicado aos filhos. E, no caso de Amélia, não ter estudado também é visto como uma "opção" da qual se arrepende. Ela reverte uma questão social num problema individual, e culpa a si mesmo por não ter estudado.

Aliás, muito comum entre as entrevistadas considerar como uma "opção errada", o fato de, no passado, permitirem que eventos ligados às esferas doméstica e familiar lhes absorvessem boa parte da vida. Mas, o mais interessante é a atualização desses significados.

Para Inês e Sueli, por exemplo, a viuvez é um marcador central em suas vidas:

"Eu era mais bobinha, eu aceitava tudo o que o meu marido falasse. Porque eu achava que ele, sendo o chefe, eu tinha que aceitar tudo, obedecer, ficar quieta ..."

- E depois da viuvez o que mudou em sua vida?

"Aí a minha vida foi outra. Eu passei mais apertado, por causa de problema de dinheiro, né? Mas parece que eu abri mais o olho de não deixar ninguém mais pisar em mim..." (Inês)

Sueli referiu-se a viuvez como um "nascer de novo" indicando a importância que esse evento representa no curso da sua vida:

"Quando eu fiquei viúva foi a coisa mais triste que eu passei. Logo que meu marido morreu eu não senti tanto aquele choque. O mais foi depois, porque minha vida parece que virou de cabeça pra baixo. Eu com os filhos pequenos, sozinha, eu pensei que não ia dar conta, não. Mas Deus ajudou que minha cabeça foi boa daí pra frente e deu tudo certo ..."

Se Sueli pudesse voltar ao passado tudo seria diferente. Ia namorar mais e escolher melhor um marido. Se não encontrasse ficaria solteira mesmo, aliás, ela acredita que essa teria sido a melhor opção. Ela acha que deveria ter investido numa carreira, ser professora, por exemplo, ao invés de ter constituído uma família. Só não segue esse caminho hoje em dia porque: *"não tenho mais idade, a cabeça já está ruim"*.

Eunice e Fátima apontaram igualmente o casamento como o marco central do curso de suas vidas. Elas são o exemplo de que um mesmo evento pode adquirir sentidos totalmente diferentes quando contrastados com a experiência social. Fátima, casada há 24 anos, disse que o casamento *"prende-me em casa"*. Eunice, casada há 3 meses, disse o contrário, que o casamento está fazendo com que ela saia de casa com muito mais frequência do que quando era solteira.

Nos dois casos o que se percebe é a recusa em viver restritas ao espaço doméstico. De tão indesejável essa experiência acabou sendo marcante:

"Mais importante na minha vida foi quando eu casei. O ambiente da família é outro. Aumentou meu serviço em casa, porque daí era eu sozinha para fazer tudo. Isso aí eu estranhei muito. A vida da mulher casada é outra. Quando eu era solteira eu saía passear, está certo que os pais da gente ia junto... mas a gente casando... tudo o que faz é para os filhos e o marido. É aquela luta dentro de casa, só ali toda vida, isso eu não achei bom não, sabe?" (Fátima)

"Antes (do casamento) eu era muito fechada. Quase não saía de casa, só pra ir a igreja. Tinha medo de fazer as coisas, tudo não podia (...) Foi sempre uma continuação, continuou a mesma coisa. Eu sou muito fechada, agora estou mudando um pouco. Sou bem diferente dos meus irmãos. Minha vida está mudando muito só agora. Antes eu era muito fechada, difícil de fazer amizades. Eu estou mudando bastante. Eu não saía, gostava de ficar em casa. Só ia na igreja. Eu era sossegada. Não gostava de sair. É que nunca apareceu um gato. Agora estou saindo. A gente almoça fora, a gente vai nos barzinhos, a gente comemora fora. Então tudo o que eu não tive na infância, na juventude, eu estou tendo agora". (Eunice)

Eunice disse que queria ter 20 anos, *"mas com a cabeça de hoje"*. Iria namorar mais, passear, daria menos importância ao que os outros falam e, certamente se revoltaria contra o autoritarismo de seu pai, que controlava de perto seus passos, enquanto que os irmãos *"faziam o que bem entendiam"*.

Quando o curso da vida aparece ancorado nos eventos da vida pessoal o tempo vivido

tem outro ritmo. A idéia de "um antes de" e um "depois de" representa um momento de ruptura, de mudança, de redirecionamento no curso da vida. Isto é totalmente diferente da idéia de linearidade (sucessão de etapas) implícito na datação cronológica, mas nem por isso são excludentes entre si.

Além dos eventos ocorridos no âmbito doméstico e familiar, algumas entrevistadas apontaram como marco periodizador de suas vidas a época de faculdade. Nestas também apareceu a idéia de ruptura com um "modelo tradicional de vida" e o redirecionamento para um outro "modelo moderno" onde a realização profissional é o aspecto central.

O passado é rememorado como um período de "dependência financeira da família de origem ou dos maridos", "pela insegurança de quem não tem certeza de sua capacidade em resolver seus próprios problemas", "pela fragilidade emocional", "pela incerteza de quem não sabe direito o que quer da vida e o que faz aqui". A partir da formação universitária e da estabilização profissional esse quadro teria se revertido completamente para uma vida de independência, segurança, certezas, convicções e maturidade.

Sônia descreve o momento em que recebeu o diploma universitário como um desafio ao modelo tradicional de vida feminino. Foi um momento de tomada de uma "nova consciência": a "independência", "a responsabilidade", a "realização pessoal", deixaram marcas profundas que refletem hoje na sua vida:

"Eu sabia que naquele momento eu estava comprando meu passaporte para uma vida diferente da que teve minha mãe e muitas mulheres que eram até amigas minhas. Eu tinha medo claro, mas eu senti aquela emoção de saber que eu estava conquistando um espaço meu. Dali em diante eu não fui a mesma. Eu adquiri segurança, confiança, principalmente depois quando eu vi que meu trabalho estava dando certo".

Rita justifica que o período de faculdade foi mais marcante do que, por exemplo, o nascimento do seu primeiro filho. A experiência de se tornar uma profissional da medicina foi maior do que a de ser mãe, porque lhe imprimiu valores que ela preza até hoje:

"Olha, muitas coisas marcaram. Como mulher, por exemplo, foi o nascimento do meu primeiro filho. Sabe como é marinheiro de primeira viagem. Eu vi aquela coisinha e não senti alegria, senti medo, responsabilidade de estar pondo uma pessoa no mundo (...) Agora, como profissional sem dívida foi a faculdade porque me deu independência, segurança, me realizou como pessoa. Porque foi uma coisa que eu lutei muito para conseguir. Me formar

foi uma vitória no sentido de que passei a me valorizar, a ter segurança, confiança. Isso foi o que mais marcou a minha vida porque de certa forma eu sou assim até hoje. Graças a Deus".

Laura apontou um evento bem diferente de todas as entrevistadas. O marco divisor da sua vida foi uma grande paixão. Aos 29 anos, logo depois da separação do marido, conheceu um rapaz. *"Foi paixão à primeira vista",* relembra.

Conta que naquele momento de sua vida estava passando por muitas dificuldades. Além de ficar sozinha, com os 3 filhos, vieram morar com ela mais 4 filhos de sua irmã que morreu. Mas a paixão era tão forte, tão boa, que *"aquilo não era nada prá mim".*

Mas durou pouco, foi só um ano e o rapaz acabou tudo. Conectando esse evento do passado à sua vida presente ela diz ser triste, infeliz e solitária, porque nunca mais amou ou foi amada:

"Nunca mais eu fui a mesma pessoa. Aí para mim tudo acabou. Hoje para mim tanto faz viver como morrer. Eu nem sinto que estou vivendo. Até hoje eu estou... sei lá, agora eu estou apagada. Depois disso eu apaguei. Vivo sozinha. Naquele tempo eu achava que a vida era maravilhosa, mesmo que eu sofresse bastante. Aquilo tudo foi muito marcante, ficou marcado na minha vida para sempre".

Se Laura pudesse voltar ao passado e congelar-se naquele tempo, seria a "mulher mais feliz do mundo". Amada e desejada como nunca foi por seu marido, que além de alcoólatra era autoritário e pouco dado a gestos de carinho e afeição para com ela. Agora Laura quer ficar sozinha, cuidar melhor de si mesma. Talvez até arrume um namorado, mas avisa: *"casamento igual ao que eu tive, nunca mais". Eu quero um homem para eu ser feliz, se não sozinha é mais melhor".*

Os homens entrevistados apontam os eventos vividos fora da esfera familiar como os marcos periodizadores de suas vidas. Esses eventos se localizariam na juventude, período que, conforme definem os entrevistados, corresponde ao momento em que deixaram a casa paterna para trabalhar, cursar a faculdade, se alistar nas forças armadas ou mesmo quando os pais diminuíram o controle sobre suas vidas. É também reconhecido como o período imediatamente anterior ao casamento.

A juventude como um marco na vida é um período nostálgico, vivido com muita emotividade e saudade: um legítimo marcador de um "antes" e um "depois" em suas vidas. Antes, quando jovens, contam os entrevistados, experimentaram muitas emoções e novidades, conheceram pessoas diferentes, namoraram, viajaram com amigos, tiveram diversas e diferentes experiências sexuais, não havia hora para chegar em casa, nem controle de ninguém sobre suas vidas. Depois, veio o casamento, marcado pelo acúmulo de responsabilidades com a família, preocupações com o sustento da casa, problemas do cotidiano conjugal. Tudo isso sem liberdade para sair com amigos, se divertir, voltar tarde da noite ou dormir fora de casa, tão comum na juventude. O destaque é para o "amadurecimento" alcançado naquela etapa da vida, fundamental para suas vidas hoje.

A vida vivida com os pais na infância e começo da adolescência é avaliada como inibidora do desenvolvimento psicossocial. Não só devido a autoridade parental, mas também por não oferecer a diversidade de experiências sociais que a vida extra-familiar passou a lhes oferecer, quando começaram a sair com amigos, passear, namorar, etc, na juventude.

A vida extra-familiar da juventude deu início a uma multiplicidade de experiências que a esfera da família não oferecia e que foram fundamentais ao "amadurecimento" de hoje. A diversidade de comportamentos, as novas idéias, sentimentos e situações vivenciadas junto a colegas e amigos são apontadas como marcadores dessa fase em suas vidas.

Estas experiências são percebidas como estimuladoras de mudanças em suas "visões de mundo", tornando-os, além de "maduros", mais introspectivos e com auto-conhecimento muito maior.

Todavia, essa mudança não é avaliada como uma "ruptura", mas como uma passagem necessária para se adentrar na vida adulta e se alcançar a maturidade. É um período que gostariam de reviver com toda intensidade porque foi ali que experimentaram emoções até então desconhecidas. Reviver essas emoções e conservá-las no "espírito" é um modo de atualizar o passado sentindo-se jovem.

A época da faculdade aparece também como um marco periodizador entre os homens entrevistados. Todavia, o que destacaram foi o fato de estarem longe dos pais pela primeira vez, de conhecer gente diferente, com gostos diferentes, estilos de vida diferentes, enfim, uma gama de experiências totalmente novas e que acarretaram mudanças de valores que foram fundamentais para o amadurecimento de que desfrutam hoje.

Henrique, Valdir, Pedro, Jorge e Rubens lembram que a faculdade "abriu-lhes a cabeça" e que as experiências vividas são inesquecíveis, porque foram incorporadas as suas personalidades hoje.

Recordando o período antes da faculdade, Henrique argumenta: *"antes eu estava num convívio muito umbilical com a família, mais de simbiose"*. Mas, depois que entrou na faculdade: *"o contato universitário é muito mais importante, o indivíduo sai muito mais enriquecido. É o convívio com a universalidade que faz o indivíduo crescer"*. E mostrando que estes eventos estão integrados a sua experiência atual, complementa:

"Mesmos coisas destoantes que eu tenha feito foram como sementes de experiência de uma sequência de vida. Foi um momento em que me assumi a mim mesmo como pessoa".

Na revisão da trajetórias de sua vida Pedro contrasta a juventude com o presente de forma dramática: *"naquele tempo tudo era festa, alegria, diversão"*. Mas, hoje, conclui, o trabalho, as responsabilidades com a família, os problemas financeiros, absorvem suas preocupações e o "envelhece" cada dia mais.

A fase da juventude, igualmente, aparece como uma fase marcante de "aprendizado" para a vida. Aprendizado que ocorre justamente porque estão longe da família de origem.

Joel e Arnaldo separam os cursos das suas vidas em duas etapas: "o tempo em que eram meninos" e "quando viraram homens". Arnaldo deixou a casa de seus pais pela primeira vez aos 18 anos e Joel aos 20. Arnaldo morava na zona rural de São Lourenço e foi morar com uma irmã casada na cidade. Joel mudou-se com toda a família. Sobre a juventude comentam:

"Eu ia em boates, tinha muitas namoradas. Dai para frente eu senti que eu era

homem, não era mais menino, não tinha que pedir tudo para meu pai. (Arnaldo)

"Com dezoito anos eu ainda pedia ordem para meu pai para sair. A partir daí eu quebrei a regra para não dar muita moleza para ele, senão eu era criança toda vida." (Joel)

Francisco destaca o fato de ter conhecido "gente de todo jeito" nas forças armadas como experiências amadurecedoras da vida.

"Eu saí de casa eu era muito preso. Lá no tiro a gente aprende de tudo. Conhece gente de todo jeito. Com isso aí você vai aprendendo, vai vendo as parte que você aproveita e outras que não..."

A liberdade, a alegria, a leveza e a jovialidade do passado é contrastada com a vida hoje, cheia de responsabilidades, preocupações com a família, pouca disposição para se divertir, medo da morte, incerteza sobre a velhice. Enfim, sentem que o período das "novas experiências" ficou longe, lá atrás na juventude.

O que se pode perceber na análise dos marcos periodizadores dos entrevistados é que, no caso das mulheres, elas estão procurando romper com aquilo que consideram um modelo antigo de vida. Ou seja, aquele vivido por suas mães, ou "no tempo em que ainda eram muito bobinhas deixando que o mundo doméstico e familiar guiasse suas trajetórias".

Reverendo hoje estes marcos as entrevistadas se mostraram muito críticas, principalmente porque em nenhum daqueles momentos "colocaram-se em primeiro lugar". O casamento, a vividez, o cuidado e as preocupações com os filhos pequenos, a "vida rotineira e infundável" dos trabalhos domésticos, a "sensação de inutilidade" de quem ficou dentro de casa "vivendo exclusivamente para marido e os filhos", o abandono da carreira depois de anos de estudos e preparação, para cuidar do filho recém-nascido, o corte em mais de 50% das horas de dedicação à carreira: "tudo isso para somente dar maior atenção à família".

Todos estes eventos se tornaram importantes porque representam a passagem de um modelo de vida centrado na família para um modelo centrado em si mesmas, onde o "eu" passa a ter mais importância.

Enquanto a época da faculdade é vista como um momento em que estavam "investindo

em si mesmas", preparado-se para serem "independentes", "autônomas", "seguras", "úteis", "realizadas", a dedicação à vida doméstica e à família é, ao contrário, reflexo de um período de vida de "abnegação", "humilhação", "reclusão", ou mesmo de pura ingenuidade e falta de maturidade.

A "sensação", disse-me Lúcia, que deixou a carreira de advogada para cuidar dos dois filhos pequenos, "não é de arrependimento", *"porque foi bom para as crianças e para o meu marido, mas eu não faria isso de novo"*. E conclui: *"eu ia pensar mais em mim"*.

A vida doméstica para essas mulheres não serve mais como um domínio de expressão feminina, pelo contrário, é no trabalho fora de casa que a mulher "se realiza como pessoa no mundo".

Mesmo diante da incerteza de uma velhice economicamente segura, idéia que amedrontou as entrevistadas sem carreira profissional, havia em todas o desejo de redirecionar suas vidas e reconstruir um modelo de velhice e de "fim da vida" totalmente inovador.¹⁷

Se as entrevistadas acreditam ter alcançado hoje a maturidade suficiente para "pensar mais em si mesmas" e fazer as melhores escolhas, os homens entrevistados garantem que o passado é que ofereceu-lhes as melhores experiências de vida, tornando-os maduros.

Se a agressividade e a competitividade no mundo do trabalho, é o que caracteriza o gênero masculino nas primeiras etapas do desenvolvimento adulto, como dizem alguns estudiosos do desenvolvimento humano, o que pude observar é que os homens que entrevistei ao voltarem seus olhos para o passado evocaram como marcantes em sua vida a emotividade, a afetividade, a intimidade, o carinho, a amizade e o amor experimentados, trocados e vividos na juventude, seja com amigos, namoradas ou conhecidos.

O passado é reconstruído pela experiência sensível, são "sensações experimentadas", "emoções vividas", "sentimentos descobertos". E assim que a juventude é reconstruída e retida

¹⁷ Sobre isso ver Debert, G. G. "Gênero e Envelhecimento". In: *Revista Estudos Feministas*, vol 2, n.3, 1994, pp. 33 a 51.

como um marco na memória. Assim, para os homens, repensar a trajetória vivida é traduzi-la em sentimentos e emoções.

Diferente das entrevistadas que se consideravam muito "bobas" no passado, os entrevistados, ao contrário, creditam ao período da juventude o fato de terem se tornado "mais humanos", "mais sensíveis", "mais profundos", "mais preparados para vida", "maduros".

Desse modo, enquanto as entrevistadas desprezam o passado e mantêm seus olhos firmemente voltados para as possibilidades presentes e futuras da vida, os entrevistados voltam-se para as reminiscências longínquas da juventude, tentando apreendê-las e conservá-las no "espírito" e nas suas relações cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisas atuais sobre os estágios do desenvolvimento adulto apontam algumas modificações quanto às projeções e expectativas que envolvem as gerações mais jovens. A novidade maior fica por conta do curso da vida das mulheres que, segundo estas pesquisas, tendem a traçar uma trajetória semelhante a dos homens, pois, estariam colocando a vida ocupacional como foco central em detrimento da vida doméstica e familiar.¹⁸

O resultado é que o curso da vida moderna estaria caminhando rumo a maior homogeneização em função de o trabalho se constituir no elemento central das experiências individuais.

O que essas pesquisas não levam em conta é que as projeções e expectativas sofrem ao longo do desenvolvimento adulto o impacto de múltiplas experiências sociais que podem definir novas rotas ao curso da vida. Eventos específicos da vida social de grupos ou categorias de pessoas podem imprimir novos ritmos ao curso da vida, recriar prioridades e redesenhar trajetórias.

É essa possibilidade de rever interpretações e vivências, próprias da análise qualitativa, que mostrou outras dimensões do problema.¹⁹ A idéia de meia-idade como início do "declínio da vida" e da "autenticidade" acionou uma série de comportamentos, atitudes

¹⁸ Sobre essa questão ver os textos de Aneshensel & Rosen (1980); Ceridwen (1984); Saraceno (1991).

¹⁹ Sobre o método e a abordagem da pesquisa qualitativa ver Debert (1988).

e valores que, no caso dos homens, por exemplo, redefiniu o espaço do trabalho em suas vidas, tornando as relações familiares prioritárias. O trabalho, "fonte de preocupações e desgaste frente a necessidade imperiosa da sobrevivência", cedeu lugar a "intimidade e profundidade dos laços afetivos da família", lugar de descanso e relaxamento. A "busca materialista do dinheiro e do sucesso pelo trabalho", perdeu importância frente ao peso da "vida espiritual com Deus", através da religião. O "egoísmo de quem só vive para o trabalho" foi afastado pela "solidariedade às causas sociais dos mais pobres", ou pela busca do amor no casamento como um modo de viver "relações mais intensas e profundas".

As entrevistadas, mesmo aquelas que apontaram o trabalho como prioritário, o fazem como um modo de "investir mais em si mesmas", envolvendo a vida ocupacional com significados muito particulares. "Investir mais em si mesma" é permitir maiores espaços de prazer e satisfação na vida, o que significa não só um envolvimento maior com o trabalho, mas também um cuidado maior do corpo e da aparência, um tempo maior de lazer e diversão, a busca de relações afetivas satisfatórias dentro ou fora do casamento, ou a recusa em cuidar dos netos nos finais de semana, por exemplo.

Da mesma maneira que os entrevistados recriam os significados simbólicos em torno da faixa dos 40 anos, procuram, ao mesmo tempo, dissolver as construções sociais relacionadas à meia-idade. Como recusa do enquadramento etário evocam suas experiências pessoais a fim de dar um sentido particular às suas vivências. É por isso que podem, ao mesmo tempo, clamar pela "juventude do espírito porque mantêm uma atividade fora de casa", "sentir-se um menino porque conserva o gosto pelas brincadeiras", ou "considerar-se um velho porque após o nascimento dos filhos aumentaram as preocupações domésticas", tudo independente da idade.

Na difícil tarefa de desconstruir a faixa dos 40 anos está envolto o dilema de buscar experiências e estilos de vida que torne cada um muito diferente do que foi seus pais e avós e, ao mesmo tempo, recriar um "estilo inédito de vida". A recusa em seguir os "modelos antigos"

se dá através da dissociação entre um campo "interior" (a essência do indivíduo) e outro "exterior" (sua aparência), consideradas como a dupla natureza da existência humana. O que se busca é a "autenticidade", que implica em rever os padrões convencionais sobre o que seriam os comportamentos adequados a cada faixa etária. Ser "autêntico", desse ponto de vista, significa não apenas "romper com o passado", mas reencontrar uma saída particular frente a alguns impasses que se apresentam.

Os impasses são resolvidos pela "opção", um modo de não "repetir a tradição" e, ao mesmo tempo, dar um sentido particular as ações. Assim, "investir mais na carreira", "ficar mais tempo com a família", ou divorciar-se, são tidas como "opções pessoais" que rompem com o "modo antigo das outras pessoas".

Desse ponto de vista ter uma "relação mais íntima" com a família, ser mais carinhoso com os filhos, dialogar, trocar carícias e afetos, tudo é visto como uma alternativa pessoal radicalmente diferente da "frieza" e do "distanciamento" com que foram criados pelos seus pais. Da mesma maneira, as mulheres disseram ter "optado" em "colocar-se em primeiro lugar" de modo a não repetir a história de vida das mulheres da geração de suas mães e avós que viviam às voltas com as preocupações domésticas e familiares.

As entrevistadas "sabem o que querem e o que não querem" para si, mesmo não tendo um modelo para ser seguido. Ou melhor, o que elas sabem é que *não querem seguir modelos*, mas criar um estilo "autêntico" de viver. Os homens estão em busca de saber quem são, reconhecem o passado como um tempo proveitoso, divertido, alegre, mas acreditam que "perderam tempo" seguindo os modelos estabelecidos, porque isso não os ajudou a encontrar "seu caminho". Assim, aproximar-se afetivamente da família, relacionar-se com o mundo ao seu redor de modo mais sensível, introspectivo e intimista, não é só encontrar uma "saída" particular frente aos impasses atuais, é também reconstruir um novo modelo de vida e de relação que os diferencie dos homens das gerações passadas.

Essa volta para o "eu", essa busca pela "autenticidade", tem sido vista por autores

como Sennett e Lasch (op. cit.), como próprios de uma cultura narcisística, um tipo de patologia que leva a uma "tirania da intimidade", um "fechamento do eu". No entanto, a preocupação com a "autenticidade",²⁰ muito presente na fala dos entrevistados, mostrou o contrário. Parece levar a uma abertura para novos modos de relação com os outros e com o mundo, que passa por "um conhecimento mais profundo do eu". Nesse sentido, o quadro que foi possível desenhar com esta pesquisa está mais próximo daquilo que Giddens (op. cit.), considera "um projeto reflexivo do eu": uma característica das sociedades modernas.

Entretanto, caberia perguntar contra Giddens, se esse projeto não teria um conteúdo geracional preciso, já que um grande esforço, uma verdadeira batalha, envolve todos os entrevistados no sentido de redesenhar uma trajetória de vida diferente da de seus pais e avós. De outro modo, esse projeto é vivido pelos entrevistados como um projeto associado às suas faixas etárias e às suas experiências no mundo, na medida em que a idéia de "escolha" e "opção" aparece também restrita aos indivíduos de meia-idade que já possuem "maturidade suficiente para saber como e o quê fazer da vida".

Os projetos de vida centrados no "eu", envolvem especialmente as mulheres, inclusive aquelas que poderiam ser caracterizadas como pertencendo aos setores mais pobres da população, mesmo que as formas de consumo e os serviços de que dispõem sejam muito mais limitados do que aqueles grupos com maior poder aquisitivo. Observados o caráter geracional destas experiências dificilmente poderíamos dizer que terão os mesmos contornos para homens e mulheres das gerações mais jovens.

Nesse esforço em diferenciar-se das gerações passadas e recriar um "estilo de vida totalmente inovador", novas fronteiras simbólicas foram traçadas, o que de algum modo levou-me a rever alguns pressupostos da pesquisa que vinha se desenvolvendo. Quando comecei a pesquisar privilegiei algumas categorias sociais como: homem, mulher, trabalho, família e lazer. No decorrer da pesquisa, entretanto, percebi a arbitrariedade envolvida nessa

²⁰ Salem, (1986), refere-se a "autenticidade" como mais um valor associado à ideologia individualista.

separação. O trabalho, por exemplo, como lugar da "diversão", do "riso", da "descontração" e da "juventude da vida", como definiram algumas entrevistadas, parecia muito próximo daquilo que eu imaginava como sendo o lazer. Por sua vez o lazer, como lugar da sociabilidade, apareceu ora como o espaço íntimo e restrito aos amigos e a família, esferas próprias ao exercício da "afetividade", ora como o lugar onde se trocam idéias sobre o trabalho. Da mesma forma, eu pensava que "homens" e "mulheres" eram categorias que só poderiam ser definidas por sua bipolaridade, mas os entrevistados dissolveram esses pólos e recriaram repertórios mais amplos de significado: "mulheres com espírito jovem são diferentes de mulheres com espírito de velha", "mulheres com atividade fora de casa são diferentes de mulheres que ficam em casa", "homens que se preocupam com sua aparência física são diferentes de homens que olham para o seu interior", "homens maduros são diferentes de homens imaturos e infantis".

A maioria das pesquisas sobre desenvolvimento humano nas décadas de 50 e 60, apontavam os jovens como "a força transformadora da sociedade", enquanto que as fases posteriores da vida adulta seriam caracterizados pela acomodação aos "*cultural constraints*".²¹ Certamente naquelas décadas esse segmento etário se destacou dos demais por contestar e recriar valores e comportamentos ou engrossar o coro de manifestações políticas no mundo inteiro, como o maio de 68 em Paris ou o movimento hippie. Mas, o fato é que até hoje as atitudes contestatórias e "rebeldes" permanecem como uma espécie de identidade social dos jovens e da juventude.²²

Todavia, o desafio de ser "autêntico" aos 40 anos acionou diversos comportamentos, atitudes e valores que poderiam ser também tomados como "rebeldes", se por "rebeldia" entender-se como sendo "rompimento da tradição".

²¹ Neugarten, B; Moore, J; Lowe, J. C (1965).

²² Sobre isso ver a obra clássica de S.N. Eisenstadt, (1976).

Divorciar-se, dialogar com os filhos, mostrar-se sensível e emotivo, trabalhar fora de casa, se divertir, namorar, ficar solteira, "morar junto" ou "ter um caso", deixar os filhos com a empregada ou a vizinha, fazer ginástica, plástica ou usar um short e freqüentar uma discoteca, são consideradas pelos entrevistados e entrevistadas atitudes "revolucionárias" porque rompem com os modelos tradicionais para os quais foram preparados.

A luta é pela criação de modelos particulares, inéditos, que não copiem a tradição e nem seja um "ideal coletivo" de conteúdo político-ideológico. Em resumo a idéia é que "cada um, a seu modo, deixe aflorar sua autenticidade".

É nesse terreno de múltiplas correlações e interfaces que a faixa cronológica dos 40 anos foi construída e desconstruída, dotada e esvaziada de significados. Certamente esta questão merece ser mais estudada e problematizada, de qualquer forma foi um primeiro passo na tentativa de reintroduzir o curso da vida e a meia-idade como temática da produção antropológica brasileira.

ANEXOS

Anexo 1

APRESENTANDO OS ENTREVISTADOS

AMÉLIA (42 anos) é divorciada. Tem uma filha de 9 anos. É funcionária da limpeza pública municipal há 8 anos. Tem o primário completo. Mora numa casa alugada de três peças, no bairro Federal, também conhecido por São Lourenço Velho. Vive com seu salário de 400 mil cruzeiros (100 dólares aproximadamente). Amélia complementa a renda fazendo salgadinhos para vender aos funcionários da prefeitura.

Nasceu na zona rural do município sul-mineiro de Conceição do Rio Verde. Vive em São Lourenço há 30 anos. Teve sua filha solteira, aos 33 anos. Casou-se aos 34 com o pai de sua filha. Está divorciada há 5 anos.

Seu ex-marido não tem profissão definida, "fazia um pouco de tudo", já foi operário da construção civil e ajudante de serviços gerais numa empresa.

Seu cotidiano se resume ao trabalho e a casa. Trabalha 8 horas por dia e o tempo que resta cuida de sua casa. As vezes faz serviços de limpeza na casa de algumas famílias aos sábados.

ARNALDO (41 anos) é casado. Tem 5 filhos (de 5, 9, 12, 15 e 16 anos, todos do sexo masculino). É operário da construção civil há mais de 20 anos. Tem casa própria no conjunto habitacional da Vila Nossa Senhora da Conceição, na periferia da cidade. O filho

menor fica sob os cuidados de uma vizinha.

Sua renda é de 700 mil cruzeiros, e a esposa, camareira num hotel, 38 anos, tem renda de 200 mil. No total são 180 dólares.

Nasceu na zona rural de São Lourenço. Começou a trabalhar aos 8 anos, aos 18 veio para a cidade. Estudou até a 4ª série primária, e casou-se aos 24 anos. Nos finais de semana fica em casa descansando ou vai jogar sinuca em algum bares com amigos.

AUGUSTA (46 anos) é viúva. Tem seis filhos, todos solteiros, vivendo com ela, com idades entre 10 e 23 anos. É funcionária da limpeza pública municipal há 4 anos e tem o primário incompleto. Está viúva há sete anos e desde então não mais viveu com outro companheiro.

Sua casa é alugada, se localiza no bairro de Porta do Céu, na periferia da cidade. Sua renda familiar mensal é de 700 mil cruzeiros, pouco mais do que 180 dólares. Apenas os dois filhos mais velhos trabalham fora de casa, ambos no comércio.

Nasceu na zona rural de São Lourenço. Casou-se aos 18 anos. Aos 25 anos veio para a cidade com toda a família. Trabalhou de empregada doméstica e ajudante de cozinha em alguns hotéis da cidade. Aos 39 anos ficou viúva. Os filhos menores ela criou sozinha.

Quase não sai de casa. Aos domingos vai a igreja (católica) e, às vezes, visita alguma amiga ou parente na cidade.

AURÉLIO (49 anos). É divorciado. Teve 7 filhos. Dois são casados e sem filhos. Suas idades variam entre 16 e 28 anos. É formado em Educação Física, professor de primeiro e segundo graus em duas escolas estaduais.

A renda mensal da família vem de sua atividade, aproximadamente 2 milhões e 300 mil cruzeiros, pouco mais que 600 dólares. Sua casa é própria, fica bem próxima do centro da cidade.

Está divorciado há 14 anos. Sua mulher abandonou-o com os 7 filhos para viver com outro homem em local ignorado. Ele criou a todos sozinho. Nasceu em São Lourenço, onde

sempre viveu. Casou-se aos 19 anos, divorciou-se aos 35 anos. Teve algumas namoradas, mas nunca mais formou família conjugal.

Seu cotidiano é o trabalho como professor. Nos finais de semana gosta de jogar futebol com jovens do bairro ou então cuida do jardim e da horta do quintal.

BEATRIZ (49 anos). É casada. Vive o segundo casamento. Divorciou-se do primeiro marido aos 40 anos. Tem um filho de 6 anos do segundo casamento. É formada em letras, com especialização em língua portuguesa e literatura para primeiro e segundo graus. O marido tem 39 anos, tem curso universitário e trabalha como artista plástico.

A renda mensal da família é de aproximadamente 1 milhão e 500 mil cruzeiros (pouco mais de 390 dólares). Mora em casa própria no bairro Federal, também conhecido como São Lourenço Velho, próximo do centro.

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Conheceu seu atual marido num passeio em São Lourenço há seis anos. Sempre trabalhou como professora desde que se formou aos 23 anos. Casou aos 23 anos e seu primeiro filho nasceu aos 43.

Ficou 5 anos sem trabalhar para cuidar do filho. Ainda hoje mantém meio período de trabalho. Nos finais de semana ajuda o marido a vender artesanato aos turistas que visitam a cidade.

CELSO (40 anos). Solteiro. Não tem filhos. Mora com seus pais e nove irmãos, (no total são 14 irmãos, cinco se casaram). É operário da construção civil tem primário incompleto.

A renda mensal de sua família é de aproximadamente 800 mil cruzeiros, pouco mais de 200 dólares. A família tem casa própria, no bairro de Porta do Céu, periferia da cidade.

Nasceu na zona rural de São Lourenço. Ainda pequeno veio para a cidade. Começou trabalhando como vendedor de sorvetes, foi ajudante numa serraria e depois entrou para a construção civil, há 12 anos.

Sempre se diverte nos finais de semana. Gosta sobretudo dos bailes populares, do jogo de cartas na casa de amigos ou sinuca nos bares.

DIRCEU: (38 anos). É casado. Tem 4 filhos, três do primeiro casamento e um do segundo, com idades entre 5 e 16 anos. Os três primeiros vivem com a ex-mulher. Dirceu é operário da construção civil, tem o primário incompleto.

A renda familiar mensal é de aproximadamente 500 mil cruzeiros (pouco mais do que 130 dólares). A esposa atual tem 30 anos, primário incompleto. É empregada doméstica em tempo integral.

Nasceu na zona rural de São Lourenço. Mora na cidade há mais de 15 anos. Desde que chegou na cidade sempre trabalhou como operário da construção civil. Casou-se aos 25 anos e separou-se aos 34. Aos 36 casou-se novamente.

Seu cotidiano é o trabalho. Nos finais do expediente de trabalho costuma conversar com amigos em bares. Nos finais de semana quase não sai, as vezes visita parentes seus e de sua esposa.

EUNICE (45 anos). Esta casada há três meses. Não tem filhos. É formada em letras com especialização em português e inglês para primeiro e segundo graus. Vive com o marido de 20 anos, e duas irmãs mais velhas solteiras e a mãe. O marido trabalha no comércio, estuda a 8ª série na mesma escola onde Eunice trabalha.

A renda mensal da família é de aproximadamente 1 milhão e 500 mil cruzeiros (ou pouco mais de 390 dólares). A casa onde vive é dos pais. Mas, o casal já está construindo sua própria casa no segundo andar do sobrado.

Nasceu em São Lourenço. Começou a trabalhar como professora primária aos 20 anos, daí em diante nunca mais parou. Concluiu a faculdade aos 41 anos e aos 45 se casou.

Eunice começou a passear depois de casada. Antes seu cotidiano era o trabalho e a casa, às vezes ia a igreja (católica). Hoje ela e o marido freqüentam bares e lanchonetes nos finais de semana.

FÁTIMA (48 anos). É casada. Vive com o marido e dois filhos (10 e 23 anos). É funcionária da limpeza pública municipal há 4 anos, tem o primário incompleto. O marido

trabalha como ajudante numa marcenaria.

A renda mensal de sua família é de 700 mil cruzeiros (pouco mais de 180 dólares). A família tem casa própria, no conjunto habitacional Vila Nossa Senhora da Conceição.

Nasceu na zona rural da cidade mineira de Conceição do Rio verde. Vive em São Lourenço há mais 20 anos. Já trabalhou como lavadeira e camareira nos hotéis da cidade. Ficou sem trabalhar por quase 6 anos logo que nasceu a última filha.

Quase não sai de casa, a não ser para trabalhar. Nos finais de semana aproveita para limpar melhor a casa e fazer pequenos consertos em roupas da família.

FRANCISCO (38 anos). É casado. Tem três filhos, (2, 14 e 16 anos). É operário da construção civil, tem primário incompleto. A esposa tem o primário incompleto, é dona de casa.

A renda mensal da família é de 500 mil cruzeiros, (pouco mais de 130 dólares). A família tem casa própria, no bairro Federal, próximo do centro.

Nasceu na zona rural da cidade mineira de Itajubá. Vive em São Lourenço há mais de 10 anos. Sempre trabalhou na construção civil.

No final do expediente de trabalho gosta de conversar com amigos em bares. Nos finais de semana prefere ficar com a família.

HENRIQUE (38 anos). É casado. Tem uma filha de 2 anos. Nasceu em Portugal, mas vive no Brasil desde os 3 anos de idade. Desde então viveu em São Paulo. Mora em São Lourenço há 5 anos. Casou-se aos 36 anos, antes disso morava com seus pais. A esposa tem 25 anos, curso secundário, o auxilia como secretária em seu consultório. Formado em medicina, com especialidade em andrologia. Além do consultório médico, tem um laboratório de análises clínicas.

A renda mensal da família é de aproximadamente 15 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 3.900 dólares). Possui casa própria no centro da cidade e duas casas alugadas na cidade de São Paulo.

Henrique tem pouco tempo de lazer, trabalha em média 14 horas por dia. Nos finais de semana prefere ficar com a família.

INÊS (47 anos) Viúva. Tem um filho (adotivo) de 25 anos, casado, e uma neta de 3 anos. Desde que ficou viúva há quase 19 anos, vive com o pai e a irmã solteira, mais velha. Trabalha como zeladora numa escola estadual há quase 20 anos. Tem o primário incompleto.

A renda mensal de sua família é de 500 mil cruzeiros, pouco mais de 130 dólares. Mora em casa própria.

Nasceu no interior de São Paulo, na zona rural. Está em São Lourenço há mais de 25 anos. Já foi babá, lavadeira e faxineira.

Seu cotidiano é o trabalho. Nos finais de semana, às vezes, vai em bailes populares com amigas ou aproveita para arrumar melhor a casa.

JOEL (44 anos). É casado. Têm três filhos, (4, 9 e 11 anos). É operário da construção civil, tem o curso primário incompleto. A esposa é dona-de-casa.

A renda mensal de sua família é de 400 mil cruzeiros, (pouco mais de 100 dólares). A casa onde mora é alugada, fica no bairro de Porta do Céu, na periferia da cidade.

Nasceu na zona rural da cidade mineira de Pouso Alto. Vive em São Lourenço há mais de 20 anos. Casou-se aos 20 anos. Já trabalhou na agricultura, como ajudante numa empresa de transportes de carga. Há 11 anos trabalha na construção civil.

Além do trabalho diário na construção faz "bico" nos finais de semana como encanador e eletricitista. Gosta de sair com amigos, principalmente para tomar cerveja e jogar futebol.

JORGE (38 anos). É casado. Tem um filho de 3 anos. Formado em matemática, sócio em uma escola particular de 1o. e 2o. graus, empresário da rede hoteleira. Sua esposa é dona-de-casa, tem o curso secundário e 34 anos de idade.

A renda mensal do casal e de aproximadamente 15 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 3.900 dólares). Tem casa própria no centro da cidade e um apartamento alugado.

Nasceu em São Lourenço, mas viveu muito tempo em Niterói com a avó. Ali estudou até se formar. Concluiu a faculdade aos 25 anos. Retornou a São Lourenço para dirigir os negócios da família (um hotel). Casou-se aos 32 anos.

Trabalha quase todo tempo. Nos finais de semana gosta de cozinhar no hotel de sua família, ou passa junto à família.

LAURA (49 anos). É divorciada. Tem duas filhas casadas e sem filhos. O filho de 23 anos morreu recentemente num desastre de automóvel. É zeladora escolar, tem o primário incompleto. Está separada há mais de 20 anos. Seu ex-marido trabalha como operário numa indústria de laticínios, tem 53 anos e o primário incompleto.

A renda mensal de Laura é de 400 mil cruzeiros, (pouco mais de 100 dólares). Ela tem casa própria e mora sozinha, no bairro Federal, próximo do centro.

Nasceu na zona rural de São Lourenço. Há mais de 20 anos está na cidade. Sempre trabalhou como zeladora, na mesma escola.

O trabalho é seu cotidiano. As vezes vai em bailes com amigas. Para complementar a renda faz bonecas e bonequinhos de pano e isopor para vender na escola.

LOURDES (48 anos). É casada. Tem três filhos. As duas mais velhas (21 e 26 anos) são casadas. O mais jovem tem 15 anos. Tem um neto de 6 anos. É zeladora escolar, tem o curso primário completo.

A renda mensal de sua família é de aproximadamente 400 mil cruzeiros, (pouco mais do que 100 dólares). Tem casa própria perto do centro da cidade. O marido, ex-caminhoneiro, está aposentado.

Nasceu na cidade mineira de Sete Lagoas. Vive em São Lourenço há mais de 30 anos. Sempre trabalhou como zeladora.

Difícilmente sai de casa. Além das oito horas diárias de trabalho, fica em casa todos os finais de semana, nestes dias recebe a visita das filhas casadas e prepara comida para todos.

LÚCIA (41 anos). É casada. Tem dois filhos (12 e 14 anos). É advogada. O marido é

corretor imobiliário e tem o curso secundário.

A renda mensal da família é de aproximadamente 10 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 2.600 dólares). Tem casa própria no centro da cidade.

Nasceu na cidade mineira de Carmo de Minas, mas vive em São Lourenço há mais de 15 anos. Estudou em São José Campos, onde também trabalhava. Formou-se em Direito aos 26 anos no mesmo ano casou.

O cotidiano se passa no escritório de advocacia. Nos finais de semana vai ao clube ou fica em casa lendo processos judiciais.

MANUEL (49 anos). É casado. Tem 8 filhos, (entre 12 e 31 anos). Uma filha viúva com filhos pequenos e mais quatro filhos solteiros mais jovens vivem com ele e a esposa. É operário da construção civil, tem o primário incompleto.

A renda de sua família é de 1 milhão e 200 mil cruzeiros, (pouco mais de 300 dólares). A família tem casa própria, no conjunto habitacional da Vila Nossa Senhora da Conceição. Trabalha como guarda noturno na própria construção onde trabalha. Só nos finais de semana dorme em casa.

Manuel nasceu na zona rural de São Lourenço. Vive na cidade há mais de 30 anos. Casou-se aos 18 anos. Já trabalhou na agricultura, foi auxiliar de limpeza e montador de móveis. Está na construção civil há pelo menos 15 anos.

Manuel não gosta de sair de casa. Nos finais de semana dorme para descansar ou assiste televisão.

MARTA (41 anos). É divorciada. Tem quatro filhos. Uma filha do primeiro casamento, um filho e uma filha de seu segundo casamento, e uma filha de sete meses de seu terceiro casamento. Vive com os três filhos mais novos. É advogada, jornalista e tradutora. Mas exerce regularmente a advocacia. Nenhum de seus ex-maridos tinha curso universitário. Trabalhavam em atividades comerciais.

A renda mensal da família é de aproximadamente 10 milhões de cruzeiros, (pouco mais

que 2.600 dólares). Tem casa própria perto do centro da cidade.

Marta nasceu em Buenos Aires, Argentina, desde os 16 anos vive no Brasil. Mora em São Lourenço há 7 anos. Na faixa dos 20 anos morou em São Paulo. foi perseguida pelo regime militar quando trabalhava num jornal e fazia teatro.

Quando não está trabalhando Marta gosta de ficar em casa lendo, principalmente sobre temas esotéricos, ou estudando processos judiciais.

MILTON (40 anos). É casado. Tem três filhos (3, 4 e 6 anos). É funcionário da limpeza pública municipal, tem primário incompleto. A esposa tem 36 anos, é dona de casa, tem o curso primário.

A renda familiar mensal é de 500 mil cruzeiros mensais, (pouco mais de 130 dólares). Tem casa própria no conjunto habitacional da Vila Nossa Senhora da Conceição.

Nasceu em São Lourenço. Órfão de pai e mãe foi criado por uma tia. Casou-se aos 25 anos. Trabalhou desde criança como engraxate, depois como pintor de parede, até começar na limpeza pública há 10 anos.

Prefere ficar com os filhos no final de semana, mas também gosta de sair com os amigos, principalmente para conversar e tomar cerveja.

PAULO (44 anos). É casado. Tem duas filhas (5 e 8 anos). É juiz de Direito. A esposa é arquiteta, 31 anos.

A renda mensal da família é de 15 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 3.900 dólares). Moram em apartamento alugado no centro da cidade, mas têm casa própria no município vizinho de Itanhandu.

Nasceu no interior de São Paulo. Mora em São Lourenço há 5 anos. Estudou em escolas da polícia e do exército na cidade São Paulo. Formou-se em Direito aos 26 anos, casou-se aos 31.

Quando não está trabalhando gosta de andar de moto nas montanhas que cercam a cidade ou pescar. Também gosta de ficar com a família.

PEDRO (41 anos). É casado. Tem dois filhos (5 e 11 anos). É psiquiatra. Divide uma clínica com a esposa, psicóloga.

A renda familiar está em torno dos 14 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 3.600 dólares). Têm casa própria no centro da cidade.

Nasceu no interior de São Paulo. Vive em São Lourenço há 7 anos. Só começou a trabalhar depois de formado, aos 24 anos. Casou-se aos 26 anos.

Quando não está trabalhando gosta de tocar piano, ouvir música, reunir amigos ou ficar em casa com a família.

RITA (39 anos). É casada. Tem três filhos (3,8 e 11 anos). É médica da prefeitura num posto de saúde. O marido também é médico.

A renda mensal do casal é de aproximadamente 15 milhões de cruzeiros, (pouco mais que 3.900 dólares). Têm casa própria e outra casa alugada, ambas no centro da cidade.

Nasceu em São Lourenço, formou-se no interior de São Paulo, aos 25 anos. Começou a trabalhar depois de formada, nunca interrompeu seu trabalho. Casou-se aos 26.

Frequenta um clube nos finais de semana, ou fica em casa com os filhos e o marido.

RUBENS (41 anos). É casado. Tem 4 filhos de 7 a 14 anos. É ginecologista e obstetra. Trabalha no hospital municipal de Carmo de Minas, uma cidade vizinha. A esposa é dona-de-casa, tem o curso secundário.

A renda mensal da família é de aproximadamente 7 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 1.800 dólares). Tem casa própria bem próxima ao centro da cidade.

Nasceu no interior de São Paulo. Vive em São Lourenço há mais de 10 anos. Antes da faculdade participava em competições nacionais de natação, chegou a ser campeão paulista. Formou-se aos 25 anos casou-se aos 26.

Na época da pesquisa Rubens estava em campanha eleitoral para vereador. Poucos meses depois foi eleito. Além da medicina e política, trabalha como voluntário na recuperação de viciados em drogas.

SÔNIA (43 anos). É divorciada. Tem um casal de filhos (12 e 16 anos), com quem vive. É professora de língua portuguesa e literatura para primeiro e segundo graus. Tem uma pequena loja de confecções. O ex-marido é médico, vive em São Lourenço. Estão divorciados há um ano.

A renda mensal da família é de aproximadamente 4 milhões de cruzeiros (pouco mais que 1000 dólares). Vive em apartamento alugado, próximo do centro da cidade.

Nasceu em Volta Redonda, interior do estado do Rio de Janeiro. Vive há um ano em São Lourenço. Antes disso morava na cidade do Rio de Janeiro. Desde que se formou aos 23 anos nunca deixou de trabalhar. Casou-se aos 25 anos.

SUELI (47 anos). É viúva. Tem três filhos. Duas filhas gêmeas, de 20 anos, casadas e sem filhos, e um filho de 22 que tem problemas mentais, vive com ela. É zeladora escolar, tem o primário incompleto.

A renda de sua família é de aproximadamente 600 mil cruzeiros mensais, (pouco mais de 150 dólares). Têm casa própria no bairro de Porta do Céu.

Nasceu na zona rural de São Lourenço. Está viúva há 17 anos. Casou-se aos 24 anos. Nunca parou de trabalhar. Já foi faxineira, há quase 20 anos é zeladora na mesma escola.

Para complementar a renda trabalha como ajudante de cozinha e limpeza em diversos hotéis nos finais de semana. Com o que ganha por dia consegue melhorar sua situação financeira.

VALDIR (38 anos). É solteiro. Não tem filhos. É engenheiro civil. Mora sozinho. Nos fundos de sua casa vivem os pais.

A renda mensal é de 2.300 mil cruzeiros, (pouco mais de 600 dólares). Tem casa própria e um escritório de engenharia no centro da cidade.

Nasceu em Itajubá, cidade próxima. O pai, engenheiro civil aposentado, incentivou-lhe a escolher essa carreira. Formou-se aos 25 anos. Antes disso ajudava o pai no escritório.

Quando não está trabalhando, está se divertindo. Gosta de andar de moto e freqüentar

as lanchonetes da cidade à noite. Às vezes sai com amigos, mas gosta de sair sozinho.

VILMA (40 anos). É casada. Tem três filhos (9, 13 e 14 anos). É dentista. O marido trabalha como representante comercial, tem o curso secundário completo.

A renda mensal da família foi estimada em aproximadamente 4 milhões de cruzeiros, (pouco mais de 1.000 dólares). Possuem casa própria no bairro Federal.

Nasceu na cidade mineira de Lavras, mas vive em São Lourenço há mais 10 anos. Começou a trabalhar depois de formada, nunca interrompeu sua atividade. Formou-se aos 25 anos, casou-se aos 26.

Seu cotidiano é o trabalho, quando não está trabalhando, prefere ficar em casa lendo e vendo televisão com os filhos.

Anexo 2

CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO

A cidade de São Lourenço fica no sul do Estado de Minas Gerais, nas bordas da serra da Mantiqueira, que divide Minas e os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Dista 310 km da cidade de São Paulo, 285 Km da cidade do Rio de Janeiro e 410 Km de Belo Horizonte. Forma com as cidades de Caxambu, Lambari, Cambuquira e Campanha, o denominado "Circuito das Águas" - micro região fisiográfica caracterizada por mananciais de água mineral de composição química variada, cuja exploração comercial forma a base de sustentação daquelas economias regionais.

São Lourenço é a maior cidade em população dentro do "Circuito das Águas", conta 30.472 habitantes (IBGE, 1992). O desenho urbano da cidade está organizado a partir de duas unidades de relevo bem diferenciadas: a planície, ao longo do rio Verde, por onde se estende o centro comercial, (notadamente ao longo da avenida Dom Pedro II, que margeia o rio), e os morros e colinas ao redor onde estão os bairros dos trabalhadores.

Num extremo da avenida Dom Pedro II, toda calçada de paralelepípedo, fica a estação ferroviária, em estilo inglês do século XIX, construída na década de 1930. Junto dali os prédios novos do Fórum e da Prefeitura Municipal, que contrastam com sua arquitetura de

linhas retas e vidro fumê. No outro extremo da avenida fica o Parque das Águas, o local das fontes hidrominerais - o chamariz do turismo na cidade. No meio, o comércio: sobretudo lojas. Elas vendem doces caseiros, compotas, queijos, licores, roupas e uma infinidade de objetos artesanais e "lembranças" da cidade. As lojas dividem o pequeno espaço da avenida e ruas próximas com bares, hotéis de categorias diversas, pousadas, pensões e restaurantes, além da Igreja matriz, quatro ou cinco bancos, um cinema e alguns poucos edifícios comerciais e residenciais. É a parte da cidade de maior valor imobiliário.

Sábados, domingos e feriados a cidade muda completamente seu ritmo. As sextas-feiras à noite o burburinho das pessoas nas ruas indica que os turistas estão chegando. A Secretaria de Turismo não soube avaliar o fluxo semanal de turistas, mas afirmam que são em torno de 4 a 5 mil pessoas, vinda principalmente do Rio de Janeiro, São Paulo e cidades vizinhas. Nestes dias o comércio permanece aberto dia e noite. O movimento maior é em frente ao Parque das Águas. Jovens e crianças pobres se oferecem para cuidar e lavar os automóveis, engraxam sapatos ou vendem petiscos aos turistas.

Nesta parte da cidade restaram poucos marcos históricos que relembram a São Lourenço do começo do século. Isto tem basicamente duas explicações que refletem, em grande medida, a visão política local em relação a preservação dos monumentos históricos: primeiro, como o turismo na cidade depende exclusivamente da visita as fontes, isto tornou-se um fator de desestímulo a investimentos financeiros na preservação de monumentos. Em outras palavras, os grupos empresariais diretamente interessados no negócio do turismo não vêem nos símbolos histórico-culturais do município possibilidades de ganho. Segundo, os marcos históricos da cidade apresentam uma peculiaridade - em maioria relembram feitos da iniciativa privada. Assim, sendo bens particulares foram ao longo do tempo reformados, ampliados ou destruídos, afim de atender as demandas do mercado do turismo. É o caso, por exemplo, do prédio do Hotel Brasil. Construído em 1918, bem ao lado das fontes, era propriedade de João Lage, um grande proprietário rural na região. O hotel, um dos primeiros

da cidade, era naquele tempo um casarão caiado de branco, com janelas retangulares de madeira e coberto com telha de barro - semelhante aos antigos casarões das fazendas de gado da região. Hoje só restam fotos guardadas na Casa da Cultura (uma sala onde fotos e objetos históricos da cidade são mantidos pela Secretaria Municipal de Cultura). No lugar do antigo prédio do Hotel Brasil um novo prédio foi construído, com seis pavimentos, janelas de alumínio e ferro. É o único hotel cinco estrelas da cidade. Mesmo destino tiveram os antigos prédios do Hotel Cassino Brasil, construído em 1923 e do Hotel Palácio, ambos imitando o barroco mineiro dos séculos XVII e XVIII - deles só restam fotos. O mesmo aconteceu com a primeira indústria cerâmica, a Cerâmica São Lourenço, construído em 1921, cuja arquitetura se assemelhava às fábricas inglesas do século XIX. Dos poucos monumentos públicos existentes na cidade, a estação ferroviária, construída em 1930, o prédio dos correios, construído em 1924 e o prédio da Escola Estadual Mello Viana, construído em 1927, continuam de pé, porém, bastante danificados. Neste setor vivem os moradores de maior poder aquisitivo. Aí encontrei os entrevistados com maior nível de renda. Ali eles moram e trabalham.

Por ruas transversais a avenida Dom Pedro II, como num tabuleiro de xadrez, atinge-se os bairros populares. São ruas de paralelepípedo que sobem e descem morros e colinas. Se percorridas a pé vão exigir muito dos poucos habituados a caminhadas. De lá do alto tem-se uma vista privilegiada de todo o centro da cidade e do Parque das Águas. Percorrendo-se estes bairros que se distribuem de um lado e do outro da avenida Dom Pedro II, percebe-se mais claramente vestígios da antiga história da cidade. Eles permaneceram ali porque, ao contrário do centro, a especulação imobiliária é bem menor e seus moradores não dispõem de recursos financeiros para investir na reforma das velhas moradias.

Nesses bairros as casas mais antigas datam da década de 1930 e 1940. São habitadas por famílias pobres e os aluguéis nunca ultrapassam os 50 dólares (Cr\$ 191.000 - agosto/1992). Quanto ao estilo arquitetônico predominam casas construídas rente a rua, com janelas e portas

de madeira, cobertas com telhas de barro. O telhado tem forma piramidal, as vezes ladeado por fachadas coloridas. Depois, aparecem os conjuntos residenciais populares. São casas pequenas construídas nos últimos cinco anos. Conhecidas pelos moradores como "casas do BNH", em referência a agência estatal financiadora das construções. As ruas são sem calçamento e sem rede de esgoto. A maioria dos moradores são proprietários. São casas de alvenaria em tamanhos padronizados, com dois quartos, cozinha, sala e banheiro. Neste setor encontramos os entrevistados de menor nível de renda. Ali eles vivem e se deslocam a pé ou de ônibus para o centro da cidade onde trabalham.

Os melhoramentos urbanos como rede de água e esgoto, luz elétrica e pavimentação das ruas, vão desaparecendo a medida que nos distanciamos do centro da cidade. 24% dos domicílios não são servidos por água tratada, esgoto, luz elétrica ou pavimentação, (IBGE 1980).

A aquisição de bens domiciliares comuns aos grupos domésticos urbanos como: geladeira, fogão e televisor não são plenamente acessíveis a população mais pobre: não são só os baixos salários recebidos pelos trabalhadores que constituem impedimento, mas, a falta de água e luz nos seus bairros é também um fator de exclusão desses moradores à plena participação no mercado de consumo de bens econômicos e culturais. Em 1980 o IBGE estimou que 36% dos domicílios em São Lourenço usavam o fogão a lenha, 72% não possuíam geladeira e 63% não possuíam aparelho de TV.

Existe uma prática comum entre os hoteleiros e comerciantes que é a de recrutar trabalhadores, principalmente mulheres, para serviços temporários durante os finais de semana. Todas as mulheres que entrevistei trabalham ou já trabalharam como camareiras, auxiliares de cozinha, ou na limpeza dos hotéis nos dias de maior movimento. O contrato de trabalho é "verbal", entre o administrador do hotel e o empregado. Terminado o trabalho, são dispensados sem nenhuma cobertura pelas leis trabalhistas vigentes. As entrevistadas dizem que com esse dinheiro complementam a renda da família. A renda média mensal da maioria

das famílias (58%) está entre 1 e 5 salários mínimos. Ou, entre 60 e 300 dólares, segundo o IBGE, 1990.

Há predominância de grupos etários jovens em São Lourenço (de 0 a 19 anos), que compõe 21,7% da população. O grupo etário alvo desta pesquisa, mulheres e homens na faixa dos 40 anos, correspondem a 9,2% da população (IBGE, 1990).

O analfabetismo em São Lourenço, como de resto em todo país, gira hoje em torno de 20%, segundo informou-me a Secretaria de Educação do Município. Ele é menor nos grupos etários mais jovens e vai aumentando nos grupos etários mais velhos. Os níveis de escolaridade entre homens e mulheres na cidade permanecem equilibrados do curso elementar ao segundo grau. A diferença só se torna significativa quando se atinge o curso superior: 1,5% dos homens tem curso superior, contra 0,5% de mulheres. A cidade possui uma faculdade particular, que oferece o curso de administração de empresas. Está em funcionamento desde 1992.

O dinheiro deixado pelos turistas sempre foi o principal sustento da economia do município. É o turismo que direta ou indiretamente garante emprego a maioria dos trabalhadores. Do total da população com atividade remunerada 34% trabalham em atividades diretamente ligadas ao turismo: hotéis, pensões, pousadas, restaurantes e bares (IBGE, 1980). O comércio, que depende diretamente do fluxo turístico, emprega 14% da força de trabalho do município, (IBGE, 1980). Em terceiro lugar vêm as indústrias de transformação que empregam 13% da população. São na maioria laticínios que produzem queijo, leite, manteiga e doce de leite, produtos que são vendidos aos turistas no comércio.

Se vê que as atividades econômicas em São Lourenço são essencialmente secundárias e terciárias. Ou seja, tipicamente urbanas e dependentes do turismo. Os trabalhadores rurais representam somente 3,2% da população remunerada. Índice muito baixo quando comparado a média nacional que é de 24,5% (IBGE, 1992).

O pequeno índice de população rural em São Lourenço, está ligado a uma questão

histórico-econômica. É que a exploração turística das fontes hidrominerais acabou por atrair os setores do comércio e dos serviços. Nas próximas páginas apresento um breve histórico do município que ajudará a esclarecer melhor a configuração sócio-econômica dos moradores da cidade hoje.

Os novos donos do progresso²³

A criação do município de São Lourenço só ocorreu em 1927, mas a ocupação da região pelos colonos brancos remonta ao final do século XVII. A procura pelo ouro é que levou o bandeirante Lourenço Castanho Taques a incursionar pela primeira vez no território ocupado até então pelos índios cataguases ou mandimbóias, por volta do ano de 1675. Desde então, a região passou a ser conhecida por Minas Gerais dos Cataguases. Tal como em outras regiões do país, a praxis colonial foi a de anexação das terras e o aprisionamento dos índios. Em seguida, eram levados como escravos para serem comercializados na Vila de Piratininga (atual São Paulo). Dali seguiam para o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar.

O posicionamento da região entre as zonas extratoras de ouro de Vila Rica (atual Ouro Preto), Sabará e São João Del Rei e os núcleos urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro transformou-a numa espécie de corredor de comércio de pessoas e coisas. Ali tropeiros e comerciantes intercambiavam ouro, sal, diversos produtos manufaturados e índio escravizados. O local passou a ser conhecido como Pouso de Lourenço e tornou-se ponto de reabastecimento dos tropeiros.

No final do século XVIII a extração do ouro nas minas de Ouro Preto e adjacências entra em declínio. Mas, ao mesmo tempo cresce a polarização econômica do Rio de Janeiro e de São Paulo quando se intensifica a industrialização naquelas regiões. As terras onduladas do

²³ O relato histórico que se segue foi baseado em Oliveira (1987), e na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, (1959).

sul de Minas praticamente despovoadas (frente ao sistemático extermínio das populações indígenas), tornam-se alternativa viável a criação do gado porque vão atender ao crescente mercado consumidor daquelas cidades.

As terras onde estão localizadas as fontes hidrominerais de São Lourenço, que deram origem a cidade, alcançaram nas décadas de 1930 e 1940 sua melhor fase de desenvolvimento quando hotéis se instalaram ao redor das fontes podendo contar com a instalação de cassinos.

Com os cassinos São Lourenço passa a fazer parte da rota de turnês de artistas que se apresentam nas principais cidades do país. Em cassinos como os do Hotel Brasil e do Hotel Palácio se apresentaram orquestras e shows nacionais e internacionais.

O comércio e os serviços passam a empregar cada vez mais pessoas. Em 1940 eram as atividades que mais criavam emprego na cidade. Respondiam juntas por mais de 30% do contingente trabalhador do município, (Prefeitura Municipal de São Lourenço - Divisão de Estudos e Pesquisas, 1992). Em 1940 a população do município sobe para 8.875 habitantes (IBGE 1940). Ao mesmo tempo, a população economicamente ativa na agricultura começa a declinar, passa de 14,6% em 1930 para 6,2% em 1940.

A partir de 1940 São Lourenço se torna a principal estância hidromineral do sul de Minas e uma das mais visitadas no país. Ultrapassa em número de visitantes até mesmo Caxambu, sua principal rival, que já gozava de prestígio nacional desde 1881.

Em 30 de abril de 1946, o então presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra, assina o decreto-lei No. 9.125, extinguindo os "jogos de azar" em todo país. A economia da cidade de São Lourenço e de todas as estâncias hidrominerais do sul de Minas sofrem forte abalo. Com a proibição dos cassinos diversos hotéis fecham as portas (havia nesta época 62 hotéis na cidade, hoje não ultrapassa os 30, informou-me a Secretaria de Turismo do Município).

Com a diminuição do fluxo de turistas na cidade a Empresa das águas de São Lourenço investe agora menos na manutenção do Parque das águas e mais em processos de

industrialização e engarrafamento de água mineral. Outra estratégia de sobrevivência econômica são as facilidades que a prefeitura criou aos empresários que quisessem estabelecer ali suas empresas. Pequenas indústrias de laticínios, frigoríficos e indústrias de móveis se instalaram na cidade, e já na década de 1970 estavam em terceiro lugar na lista das principais atividades econômicas do município, perdendo apenas para as atividades de prestação de serviços (hotéis) e o comércio, deixando em quarto lugar as atividades agropecuárias, (Anuário Estatístico do IBGE, 1950, 1960 e 1970).

Em 1968, quatro anos após o golpe militar, São Lourenço é transformada em área de Segurança Nacional. A população perde o direito a voto nas eleições municipais. O desemprego na cidade e a conseqüente migração dos trabalhadores para centros maiores, imprime um ritmo lento de crescimento demográfico.

Um novo surto de crescimento econômico recomeça em meados da década de 1980. Hoteleiros e comerciantes em conjunto com a Prefeitura Municipal lançam campanhas publicitárias em todo país onde salientam a excelência das águas para a saúde, e a tranquilidade do lugar. Estratégia publicitária que visava atrair os setores médios da população das duas maiores cidades próximas: Rio de Janeiro e São Paulo. Além disso, a prefeitura cria novas facilidades fiscais para empresários que queiram se instalar na região. Neste período ocorre a primeira eleição direta para prefeito dos últimos 15 anos. O prefeito eleito é um próspero empresário hoteleiro.

Com a redemocratização do país os empresários hoje estão se mobilizando na cidade afim de conseguir aprovação pelo Congresso Nacional de lei que regule o funcionamento de cassinos. Para isso atuam em duas frentes principais: lançam-se como candidatos a deputados e senadores, ou apóiam aqueles que se comprometam a defender essa idéia. Com a eleição do prefeito atual (1992), do Partido da Frente Liberal (PFL), empresário hoteleiro e filho de senador, a discussão na cidade sobre a legalização dos cassinos ganhou novo fôlego. Alguns hotéis já deram início a ampliação de suas instalações prevendo a

legalização do jogo no município para os próximos anos. Enquanto esperam proliferam as "casas de bingo" nos hotéis da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANESHENSEL, C. S. & ROSEN, B. Domestic roles and sex differences in occupational expectation. *Journal of marriage and the family*, Florida, v. 42, n. 1, p. 121-131, 1980.
- ARIÈS, Ph. **História Social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- ARIÈS, Ph. **História da vida privada**. São Paulo: v. 1, Companhia das Letras, 1990.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processos políticos. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.) **Antropologia das Sociedades Contemporâneas - Métodos**. São Paulo: Global Universitária, 1986.
- BOURDIEU, P. A "juventude" é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p 112-121, 1983.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRUSCHINI, C. **Mulher, Casa e Família: cotidiano nas camadas médias paulistanas**. São Paulo: Vértice, 1990.
- CERIDWEN, R. La place de l'emploi dans la vie des femmes: conclusion de l'enquête anglaise sur les femmes et l'emploi. *Sociology du travail*, Paris, CNRS, Dunod-Gauthiers Villars, n. 3, p. 317-344, 1984.
- COSTA, C. L. O leito de procusto. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 2, p. 141-174, 1994.
- DEBERT, G. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, R. (Org.) **A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, p. 141-156, 1988.
- DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. (Org.) **Textos Didáticos. Antropologia e Velhice**, Campinas, IFCH, UNICAMP, n. 13, março, p. 7-30, 1994.
- DUMONT, L. **Homus Hierarchicus: ensayo sobre el sistema de castas**. Madrid: Aguilar, 1970.
- EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

- ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: IBGE, v. XXVI, 1959.
- FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. Trad. Deborah Stucchi. In: Debert, G. G. (Org.) **Textos Didáticos. Antropologia e Velhice**, Campinas, IFCH, UNICAMP, n. 13, março, p.49-71, 1994.
- FIGUEIRA, S. (Org.) **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- FORTES, M. Age, Generation, and social structure. In KERTZER, D. & KEITH, J. (Org.) **Age Anthropological theory**. Ithaca, Cornell University Press, p. 99-121, 1984.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIDDENS, A. **As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.
- HAREVEN, T. Historical changes in the social construction of the life course. **Human development**. Chicago, n. 29, p. 171-177, 1986.
- KOHLI, M & MEYER, J. W. Social structure and social construction of life stages. **Human development**, Chicago, n. 29, p. 145-149, 1986.
- LASCH, Ch. **Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEMOS, Regina. **Quarenta: a idade da loba**. 6. ed. São Paulo: Globo, 1995.
- MACFARLANE, A. **História do casamento e do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- NEUGARTEN, B. L; MOORE, J; LOWE, J. C; Age constraints, and adult socialization. **The american journal of sociology**, Chicago, v. LXX, n. 6, p. 710-717, 1965.
- O'RAND, A. M. Stratification and the life course. **Handbook of aging and the social sciences**, Third ed, Academic Press, p. 130-149, 1990.
- OFFE, C. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- OLIVEIRA, M. C. F. A. Às mulheres, os hormônios. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Associação Brasileira de Estudos Populacionais, vol. 9 n. 2, p. 184-188, 1992.
- OLIVEIRA, T. J. V. São Lourenço a Feliz Cidade. **Síntese Histórica. Fundação Municipal de Cultura de São Lourenço**. São Lourenço: Parma, 1987.
- PENA, M. V. J. A mulher na força de trabalho. **BIB, ANPOCS**, São Paulo, n. 1, p. 13-21, 1986.
- POTH, M. A. E. **A mulher de meia-idade: escolhas e desafios para as mulheres maduras de hoje**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

- ROSSI, A. Life-span theories and women's lives. **Signs: Journal of Women in culture and society**. Chicago n. 2, p. 34-51, 1980.
- SALEM, T. Famílias em camadas médias: uma perspectiva antropológica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 26-44.
- SARACENO, Ch. Change in life-course patterns and behavior of three cohorts of italian women. **Signs: journal of womem in culture and society**, wisconsin, v. 16, n. 3, p. 502-521.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público. As tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SHEEHY, G. **Passagens: crises previsíveis da vida adulta**. 15. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- VAILLANT, G. E. **Adaptation to life**. Boston: Little, Brown & Co., 1977.
- VAN GENNEP, J. **Ritos e passagens: estudo sistemático**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VELHO, G. O antropológo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: VELHO, Gilberto (Org.) **O desafio da cidade. Novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, p. 13-22, 1980.